

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Daniel Marra da Silva

**ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS DE
WILLIAM LABOV**

Goiânia
Faculdade de Letras/UFG
Julho/2009



Termo de Ciência e de Autorização para Disponibilizar as Teses e Dissertações Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás-UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor(a): Daniel Marra da Silva				
CPF:		E-mail: delmarra2004@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				
Vínculo empregatício do autor:				
Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior			Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:
Título: Origem e desenvolvimento das idéias lingüísticas de William Labov				
Palavras-chave: William Labov, Língua, Mudança Lingüística, Sociolingüística, Historiografia Lingüística.				
Título em outra língua: Origin and development of William Labov's linguistic ideas				
Palavras-chave em outra língua: William Labov, Language, Linguistic Change, Sociolinguistics, Linguistic Historiography.				
Área de concentração: Estudos Lingüísticos				
Data defesa: 17/07/2009				
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras – UFG				
Orientador(a): Sebastião Elias Milani				
CPF:		E-mail: sebaselias37@hotmail.com		

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹ total parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: _____

Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: _____ / 08 / 2009

Assinatura do(a) autor(a)

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

Daniel Marra da Silva

Origem e desenvolvimento das idéias lingüísticas de William Labov

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Lingüística, na área de concentração dos Estudos Lingüísticos, sob a orientação do Professor Dr. Sebastião Elias Milani.

Goiânia
Faculdade de Letras/UFG
Julho/2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Silva, Daniel Marra da.
S586o Origem e desenvolvimento das idéias lingüísticas de William
Labov [manuscrito] / Daniel Marra da Silva. – 2009.
138 f. : il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2009.

Bibliografia: f. 135-138.

1. Sociolingüística 2. Labov, William – idéias de, 3. Mudança
lingüística 4. Historiografia lingüística I. Milani, Sebastião Elias
II. Universidade Federal de Goiás. **Faculdade de Letras**. III. Título.

CDU: 81'27

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Professor Dr. Sebastião Elias Milani
Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários
Faculdade de Letras – UFG

Primeiro argüidor: Professora Dra. Olga Ferreira Coelho
Departamento de Lingüística
FFLCH - USP

Segundo argüidor: Professora Dra. Tânia Ferreira Rezende Santos
Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários
Faculdade de Letras – UFG

AGRADECIMENTOS

No tipo de trabalho que ora se apresenta, que ocorre num período de tempo relativamente longo, não muito raro são enfrentados alguns percalços e outras pessoas que são envolvidas, de uma forma ou de outra, têm suas vidas afetadas. Essas pessoas e algumas instituições forneceram os elementos humano, intelectual e financeiro necessários para a concretização desta Dissertação. Ao elencar seus nomes, sinalizo meu reconhecimento e apreço por suas diferentes contribuições.

Alexandre Ferreira da Costa

Arlete Amarylles Mascarenhas

Helen Gomes Martins

Isac Teixeira de Assunção

Juscéia A. Veiga Garbelini

Marlia Chaves Martins

Margareth Oliveira Nunes

Maria do Socorro Pimentel da Silva

Mônica Veloso Borges

Olívia Aparecida da Silva

Palmeri Costa Bezerra

Rosane Pessoa Rocha

Tânia Ferreira Rezende Santos

Especialmente, agradeço: a *Deus*, à *Etienne* – minha esposa, ao *Sêbas* – meu orientador, à *CAPES* e ao *Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras – UFG*.

Para *Etienne Gomes Martins Marra*, que me motiva e me faz feliz.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A GÊNESE DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS DE WILLIAM LABOV .	19
1.1. Considerações biográficas	19
1.1.1. A pesquisa sobre os ditongos centralizados (ay) e (aw) em <i>Martha's Vineyard</i>	26
1.1.2. A pesquisa realizada na região <i>Lower East Side</i> em Nova Iorque	31
1.1.3. A pesquisa sobre o “ <i>Black English</i> ” realizada no <i>Harlem</i> em Nova Iorque	38
1.1.4. De Nova Iorque para a Pensilvânia: o desenvolvimento de Laboratório de Lingüística na Filadélfia	38
1.2. A contextualização da gênese das pesquisas e teorias.....	43
1.2.1. Breve panorama histórico-político-social dos Estados Unidos (1950-1980)	43
1.2.2. O sistema educacional nos anos 1950-1980	44
1.2.3. As grandes transformações sociais nos anos 1960 e 1970	46
1.2.4. O reflexo do espírito de época nas pesquisas de Labov	50
CAPÍTULO 2: WILLIAM LABOV E A ORIGEM DA SOCIOLINGÜÍSTICA NORTE-AMERICANA	57
2.1. Os primeiros estudos “sócio-lingüísticos” na Europa e nos Estados Unidos	57
2.1.1. A contribuição da Lingüística	57
2.1.2. A contribuição da Antropologia	64
2.1.3. A contribuição dos estudos Dialeto-geográficos	65
2.1.4. A contribuição da Sociologia	68
2.1.5. O surgimento do termo Sociolingüística	73
2.1.6. A contribuição dos estudos desenvolvidos por Labov	74
CAPÍTULO 3: A IMANÊNCIA DOS FATOS DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA	78
3.1. Breve panorama sobre os estudos históricos da mudança	78
3.2. Língua e Mudança Lingüística: a natureza desses elementos na visão de Labov	82
3.3. A unidade básica da mudança lingüística	86
3.3.1 Neogramáticos e Dialeto-geógrafos: a excepcionalidade da mudança <i>versus</i> a história individual das palavras	87
3.3.2. A teoria da Difusão Lexical	89
3.3.3. Difusão Lexical na língua inglesa	93

3.3.4. As respostas de Paul Kiparsky às conclusões de Labov.....	99
3.3.5. Divergência e coexistência de teorias sobre a mudança lingüística	104
CAPÍTULO 4: OS LÍDERES DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA	106
4.1. O Paradoxo Saussuriano: língua e fala <i>x</i> sociedade e indivíduo	106
4.2. Saussure, Meillet e Labov: o enfraquecimento da função do indivíduo na Lingüística	107
4.3. A localização dos líderes da mudança lingüística	115
4.3.1. O papel desempenhado pelas classes sociais.....	115
4.3.2. O estudo dos bairros e das redes sociais	116
4.3.3. O efeito do fator etnia.....	118
4.3.4. O efeito do gênero sexual	119
4.3.5. O perfil dos líderes da mudança	124
CONCLUSÃO	128
BIBLIOGRAFIA	135

RESUMO

A presente Dissertação tem como objetivo traçar o percurso historiográfico lingüístico das idéias de William Labov, buscando mostrar a relevância de seus estudos sobre a natureza da língua e dos fatores internos e externos que motivam a mudança lingüística, e assinalar importância de suas pesquisas para o desenvolvimento da Sociolingüística. Diante do desafio de entender as relações do pensamento desse autor com seu contexto de gênese, buscou-se conhecer sua história social, atentando, ao mesmo tempo, para o quadro socioeconômico, histórico e político desse contexto. Labov se formou em inglês e filosofia e, posteriormente, em química, área em que atuou por uma década até seu retorno à Universidade em 1961, quando iniciou seus estudos em Lingüística. Nessa década, os Estados Unidos experimentavam sua mais profunda revolução social motivada por um movimento comprometido com as atitudes da nova esquerda, direitos da minoria, consciência negra, drogas, experiência psicodélica e protestos. Em meio a essas profundas mudanças de comportamento e tendências gerais, Labov desenvolveu suas mais importantes pesquisas que, posteriormente, liderariam as reivindicações por um novo modo de se fazer Lingüística. Esse autor deve ser visto como uma figura enormemente original e apaixonada por ciência. Sua originalidade deve ser encontrada em sua ousadia em desenvolver uma abordagem de caráter empírico-objetivista, cujos métodos se aproximam daqueles das ciências exatas. Sua capacidade analítica e de compreender o mundo ao seu redor fizeram com que ele julgasse como incoerente o comportamento dos lingüistas da época, que pareciam ignorar os fatos do mundo real. Da experiência com a vida cotidiana e de seu comportamento não-conformista e progressista surgiu sua proposta de estudo da língua que se desenvolveria para se tornar um prolífero campo de estudo. Essas características, aliadas ao sentimento de mudança que dominou os debates nos anos 1960, o fizeram uma figura influenciadora na ciência da linguagem. Labov é mundialmente reconhecido como tendo criado a maior parte dos componentes da metodologia sociolingüística e introduzido técnicas quantitativas ao estudo da variação e da mudança lingüística, tornando a Lingüística um campo de estudo mais social e mais científico. Suas experiências cotidianas mostravam-lhe que estar certo ou errado sobre determinada teoria afetaria diretamente a vida das pessoas envolvidas. Labov trouxe para a Lingüística a preocupação com a vida social dos indivíduos. O conhecimento do sistema lingüístico não era o único fator importante, mas se aquele sistema estava ou não garantindo o sucesso das pessoas ou privando-as do acesso aos bens da vida social. Seus textos são marcados por longas revisões da literatura sobre a Lingüística, em que se podem perceber muitas críticas mas também a reafirmação e o reconhecimento da *expertise* de outros teóricos, e são freqüentes tentativas de corrigir paradoxos presentes na história da Lingüística e de vencer restrições ao estudo da língua falada no cotidiano. Da observação desses diferentes elementos, pode-se dizer que o pensamento lingüístico desse autor deve ser compreendido como um produto de sua história social e que nele está refratada a essência do pensamento geral de uma época.

PALAVRAS-CHAVE: William Labov, Língua, Mudança Lingüística, Sociolingüística, Historiografia Lingüística.

ABSTRACT

This Dissertation aims at tracing the linguistic historiographic route of William Labov's ideas, trying to show the relevance of his studies of the nature of language and the internal and social factors which motivate its change and their importance for the development of Sociolinguistics. Facing the challenge to understand the relation between this author's thought and its genesis context, it was attempted to know his social history along with the socioeconomic, historical and political contexts. Labov first majored in English and Philosophy and, after that, in Chemistry, area in which he worked for a decade until his return to University in 1961, when he started his studies in Linguistics. During this decade, the United States society was going through its deepest social revolution which was motivated by a movement that was committed with the attitudes of the left-wing politics, minority rights, black consciousness, drugs, war experience and protests. Among these deep changes of behavior and general tendencies, Labov developed his most important researches which would, later, lead the claims for a new way of approaching Linguistics. This author must be seen as a very original figure with a passion for science. His originality is to be found in his capacity to develop an approach of empirical objectivist character, which methods are similar to those of the exact sciences. His capacity of analyzing and understanding the world around him allowed the author to judge as incoherent the behavior of the linguists of his time who seemed to ignore the facts of the real world. His every day life experience and non-conformist and progressive behavior allowed him to propose a new approach for the study of language which would become a great area of study. These characteristics, allied to the feelings of change that dominated the debates in the 1960s, turned him into an influential figure in the science of language. Labov is worldwide known for having created the major part of the components of the sociolinguistic methodology and for having introduced quantitative techniques to the study of linguistic change and variation, making Linguistic a more social and scientific field of study. His every day experiences showed him that to be right or wrong about certain theory would directly affect the lives of the people involved. Labov brought to Linguistics the concern with the individuals' social life, that is, the knowledge of the linguistic system was not the only important factor, but if that system was or was not ensuring the success of people or keeping them from the access to the goods of social life. His texts are characterized by long reviews of the linguistic literature, in which one can notice some criticism but also the reaffirmation and recognition of the expertise of other theorists, and are, besides this, frequent attempts to correct paradoxes in the history of Linguistics and overcome restrictions to the study of the every day language. Of the observation of these different elements, it can be said that this author's linguistic thought should be understood as a product of his social history and that, in it, it is refracted the essence of the general thought of a time.

KEYWORDS: William Labov, Language, Linguistic Change, Sociolinguistics, Linguistics Historiography.

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado se constituiu de uma pesquisa que teve como objeto de estudo “as idéias lingüísticas de William Labov”. Foram, assim, estabelecidos os seguintes objetivos a serem alcançados: 1) explorar o percurso historiográfico lingüístico das idéias desse autor, desde sua formação acadêmica até o surgimento e desenvolvimento de suas pesquisas e teorias, 2) mostrar a relevância de seu trabalho para a criação e desenvolvimento da Sociolingüística, e 3) analisar seus estudos sobre a natureza da língua e sobre fatores internos e externos que motivam sua variação e mudança.

Devido à enorme gama de estudos e teorias desenvolvidos por esse autor, foram feitos alguns recortes de seus temas mais recorrentes, detalhados mais adiante, para análises mais aprofundadas. Este trabalho, entretanto, apresenta uma visão geral de seu pensamento lingüístico. O aparato metodológico que organiza o processo de composição e desenvolvimento desta pesquisa é o da Historiografia Lingüística.

A denominação dessa subárea da Lingüística em pleno desenvolvimento na atualidade resulta da interação da Lingüística e da História. Ao tomar a língua como produto histórico-social, configura-se essa perspectiva nos domínios de articulação da Lingüística e da História. Essas duas ciências se apresentam como duas áreas de conhecimento que, aliadas a outras ciências, são capazes de dar conta da descrição e explicação dessa articulação:

A historiografia lingüística tem muitos parceiros, como a História, a Literatura, as artes, a Sociologia, a Filologia, a Psicologia, a Filosofia, toma emprestado de todas essas áreas algo técnico, porque promove uma revisão do documento. Da História o conhecimento e reconhecimento dos grandes eventos, o ponto de vista do dominante. Da Literatura a estruturação da narrativa e os jogos de verossimilhança. Da Sociologia o conhecimento sócio-antropológico e os limites dos fatos e da realidade social. Da Filologia o reconhecimento da estrutura do documento e de sua relação física com o tempo. Da Psicologia os conceitos e compreensões do comportamento e do pensamento dos homens em sociedade e em isolamento. A Filosofia empresta toda sua história e sua compreensão da arte de pensar e de transformar pensamento em conceitos e em linguagens (MILANI, 2008, p. 2).

A Historiografia Lingüística, quando faz uso do método da Historiografia, busca compreender os fatores que exerceram influências no pensamento lingüístico que possibilitou o surgimento de uma teoria e/ou a incorporação dessa teoria a determinadas práticas investigativas. Assim, Cristina Altman (1998, p. 25) argumenta que essa disciplina “tem como

principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento lingüístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”.

Igualmente, Konrad Koerner (1996, p. 49) diz que o objeto de estudo da Historiografia Lingüística são “as idéias sobre a linguagem e proposições para sua descrição e explicação”. Além disso, esse autor diz que “as teorias lingüísticas não se desenvolvem em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica” (*op. cit.*, p. 57). Assim, o historiógrafo lingüista, diante do objeto a ser estudado, deve estar atento a todos os aspectos que possam oferecer-lhe um amplo entendimento desse objeto:

É um truísmo dizer que a história da lingüística não pode ser estudada no vácuo, simplesmente como uma sucessão de teorias sobre a linguagem, divorciadas do clima geral de opinião no qual foram formuladas. Seu contexto deve também incluir o conhecimento de como as outras disciplinas, tanto as vizinhas quanto as distantes, estavam naquele determinado ponto do tempo (KOERNER, *op. cit.*, p. 49).

Koerner (1996) elabora alguns princípios que devem guiar o historiógrafo lingüista a um amplo entendimento do objeto a ser estudado. O primeiro diz respeito ao ‘princípio da contextualização’. Esse princípio busca compreender o “clima de opinião geral do período em que as teorias se desenvolveram. (...) o ‘espírito da época’ sempre deixou suas marcas no pensamento lingüístico. Às vezes, a influência da situação sócio-econômica, e mesmo política, deve igualmente ser levada em conta” (KOERNER, *op. cit.*, p. 60, *passim*).

O segundo, denominado ‘princípio de imanência’, aponta para a necessidade de um amplo “entendimento, tanto histórico quanto crítico, possivelmente mesmo filológico, do texto lingüístico em questão. É desnecessário dizer que o historiógrafo deve afastar-se tanto quanto possível de sua formação lingüística individual” (*op. cit.*, *loc. cit.*).

Outra questão de natureza metodológica importante em Historiografia Lingüística se relaciona com a ‘influência’, que, segundo Koerner, é amplamente usado e freqüentemente, de forma indiscriminada. O argumento da influência “diz respeito a experiências compartilhadas, educação, e ao clima geral de opinião, de um lado, e a influência direta que pode ser documentada com base em referências explícitas, comparação de textos, agradecimentos públicos, e assim por diante” (*op. cit.*, p. 61).

Os princípios da *contextualização* e da *imanência*, juntamente com a questão da *influência*, postulados por Koerner, e as concepções teóricas de Altman e Milani, fundamentarão este estudo para a concretização de seus objetivos. Como observado, os contextos histórico, político, econômico e cultural de uma determinada época diz muito sobre

qualquer produção intelectual desse período. Isso não seria diferente na Lingüística, já que é através da língua que se estabelecem as relações sociais e se exprime o pensamento de uma época. Assim, Benveniste (1975, p. 94, *passim*) observou que “a língua é (...) o espelho da sociedade, (...) ela reflete a estrutura social em suas particularidades e suas variações.”

Dessa forma, Milani (2000, p. 4), ao argumentar sobre a influência do espírito de época sobre as concepções teóricas de Wilhelm von Humboldt, William Dwight Whitney e Ferdinand de Saussure, destacou que esses estudiosos “representaram em suas respectivas obras lingüísticas a essência do pensamento da época em que viveram”. Da mesma forma, Koerner (1994, p. 5), ao comentar a revolução chomskiana na década de 1960, mencionou alguns fatores que motivaram a ascensão de suas teorias, como questões socioeconômicas e políticas.

Ao pôr em perspectiva o século XX, Peter Burke (1993) menciona o fato de que houve a necessidade de aproximação de algumas áreas de conhecimento que tinham nas relações dos indivíduos com a sociedade seu objeto de estudo. Esse processo de interação entre essas áreas de conhecimento aconteceu de forma que os avanços alcançados por uma área pudessem reforçar ou legitimar os achados de outras e, assim, se obtivessem maior entendimento das relações entre os indivíduos e as instituições sociais:

Nos últimos anos, a Antropologia, a Sociologia e a História entraram em convergência. Antropólogos e Sociólogos voltaram-se para o passado a fim de explicar de maneira mais completa os desenvolvimentos que observam no presente, ao passo que os historiadores ampliaram seu campo de investigação para incluir nele a vida cotidiana das pessoas comuns (BURKE, 1993, p. 10).

Percebe-se que a atenuação das fronteiras entre diversas áreas das ciências sociais acontecia de forma que umas oferecessem respaldos teórico e metodológico a outras e, nesse processo interdisciplinar do fazer científico, possibilitassem um entendimento mais profundo do objeto estudado.

Andersen (2006, p. 2), em referência a Koerner (1989) e Collinge (1995), argumenta que “desde o século XIX, os lingüistas têm, repetidamente, tentado legitimar seus esforços, através de empréstimos de conceitos, princípios ou métodos de outras ciências”.¹ Além disso, Peter Burke (*op. cit.*, p. 9) ressalta que “até alguns anos atrás, os estudos históricos da

¹ “Since the nineteenth century, linguists have repeatedly tried to legitimize their endeavors by borrowing concepts, principles, or methods from other sciences (KOERNER 1989, COLLINGE 1995 *apud* ANDERSEN, 2006, p. 2)”.

linguagem ignoravam seus aspectos sociais, enquanto os estudos sociológicos da linguagem ignoravam sua história”.

Esse autor ainda faz referências a estudiosos alemães e holandeses que, nos anos de 1930, começaram a investigar as variedades de uma mesma língua falada por uma nação. No entanto, somente, a partir da segunda metade do século XX, essa preocupação, de fato, tomou conta das investigações de pesquisadores de língua inglesa.

Quando se focaliza o desenvolvimento dos estudos lingüísticos realizados por pesquisadores norte-americanos, a partir da década de 1960, percebe-se que o desenvolvimento de novas teorias lingüísticas buscava compreender os fenômenos advindos da relação da sociedade com a língua utilizada por seus membros.

A sociedade norte-americana dessa década atravessava um período de crescentes problemas relacionados à segregação racial, à educação e à estruturação social. Pesquisadores ligados à Sociologia, à Antropologia e à Lingüística buscaram aproximar essas áreas, de forma que pudessem alcançar maiores conhecimentos desses problemas e desenvolvessem instrumentos que os solucionassem.

Esses problemas pareciam claros o suficiente e essas disciplinas possuíam algumas das ferramentas necessárias para lidar com eles. Da inter-relação dessas disciplinas, começaram a surgir, dentro do campo da Lingüística, pesquisadores que se denominavam, dentre outros, de sociolingüistas, sociólogos da linguagem e etnógrafos da fala.

No debate sobre a língua e dos fatores sociais que motivam sua mudança, William Labov apresentou-se como seu colaborador mais promissor. Os estudos dessa natureza ganharam dimensões grandiosas com as contribuições de suas pesquisas iniciais: primeiramente, sobre “A história social de uma mudança sonora na ilha de *Martha’s Vineyard*, Massachusetts (1963)” e, em seguida, sobre “A estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque (1966)”.

Em 1961, após uma década de trabalho como químico, Labov retornou à Universidade com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre a língua inglesa. Na ocasião de sua aproximação com a área da Lingüística, estranhou ao perceber que muitos dos pesquisadores dessa área tiravam de suas cabeças os resultados de suas pesquisas.

Decidiu, então, desenvolver uma lingüística essencialmente empírica em que testaria com técnicas de laboratório, as pesquisas sobre a língua falada por pessoas comuns no contexto em que viviam. A partir das primeiras pesquisas de Labov, a Lingüística iniciou um processo em direção a uma ciência quantitativa e, a variação e a mudança lingüística no

espaço e no tempo, que até então eram consideradas caóticas, começaram a apresentar sistematicidades descritivas.

Ao refletir sobre sua trajetória como lingüista e sobre as teorias que desenvolveu para o estudo da língua, Labov (1991, pp. xiv-xv) diz não saber, ao certo, quais idéias trouxe para a Lingüística e quais idéias emergiram através da influência de Uriel Weinreich (1926-1967), seu professor.

Como fora anunciado, este trabalho tem como objeto de estudo as idéias lingüísticas de Labov, documentadas através de vários artigos, entrevistas, capítulos de livros e livros escritos por esse autor. Conforme argumenta Milani (2008a, p. 2), “todo documento está composto de um conjunto de fatores sócio-individuais, conta muitas histórias: a que está dentro dele, a de si mesmo, a história de sua história e a história de seu criador”. Desse modo, não somente as idéias lingüísticas desse autor, mas também sua singular história social será igualmente objeto para reflexão neste texto.

Quatro trabalhos de Labov são fundamentalmente importantes para este estudo e fornecem os dados básicos para a construção dos quatro capítulos que constituem esta Dissertação. O primeiro desses trabalhos, *Sociolinguistics Patterns* (1972[1991]), é composto por nove capítulos/artigos publicados pelo autor em periódicos diversos, entre os anos 1963 e o ano de sua publicação (1972).

Essa obra constitui, de forma resumida, os resultados da pesquisa de *Martha's Vineyard*, sua Dissertação de Mestrado (1963), alguns capítulos sobre estudo do inglês de Nova Iorque, sua tese de doutorado (1966), entre outros. Alguns dos temas que compõem essa obra, principalmente o estudo realizado em *Martha's Vineyard*, são constituintes das discussões apresentadas no primeiro capítulo desta Dissertação, além da retomada de outros temas no segundo capítulo.

A segunda obra *The Social Stratification of English in New York City* (1966[2006]) foi, num primeiro momento, juntamente com a primeira, introdutória e reveladora do pensamento lingüístico desse autor. Esse livro, composto por quatorze capítulos, representa, sem maiores alterações, sua pesquisa de doutorado feita em Nova Iorque.

Esta Dissertação ainda se beneficiou da segunda edição da obra de Labov, lançada em 2006, quarenta anos após a primeira edição, em que Labov fez várias intervenções, explicando alguns temas ou comentando algumas inovações e descobertas alcançadas nos estudos sociolingüísticos durante os quarenta anos que sucederam seu estudo, considerado um divisor de águas nos estudos sobre a mudança lingüística. Esse estudo de Labov também é constitutivo das argumentações desenvolvidas no primeiro capítulo deste trabalho.

A terceira e quarta obras *Principles of Linguistic Change: Internal Factors* (1994) e *Principles of Linguistic Change: Social Factors* (2001) foram fundamentais para a construção do terceiro e quarto capítulos, respectivamente, desta Dissertação. Assim, essas quatro obras foram as mais recorrentes, já que sintetizam bem o trabalho do sociolinguísta norte-americano e são reconhecidas pelo próprio autor como suas principais produções.

Além desses, vários outros textos desse autor serviram de reforço para os argumentos apresentados nesta Dissertação, como currículos, informações bibliográficas, etc. (ver bibliografia). O fato de essas obras nomeadas nos parágrafos anteriores aparecerem em ordem cronológica neste trabalho parece adequado, já que se trata de um estudo da origem e do desenvolvimento dos estudos realizados por esse pesquisador.

No desenvolvimento desta Dissertação, será mostrado como as idéias lingüísticas de Labov se desenvolveram para se tornar um fenômeno nos estudos lingüísticos pós-1960. As idéias lingüísticas desse autor estão intimamente relacionadas com seu contexto de gênese e com sua história social. Alguns apontamentos biográficos apresentam como foram os anos iniciais da vida do autor, sua relação com sua comunidade, com a escola, com as artes e seus primeiros contatos com o dialeto de Nova Iorque e sua formação acadêmica.

São fatos relevantes em sua história e para a compreensão da emergência de seus estudos a linguagem: seu retorno à Universidade após uma década de trabalho como químico; o encontro com Uriel Weinreich; a revisão da literatura lingüística; a pesquisa em *Martha's Vineyard* e a recepção dessa pesquisa pela *Linguistic Society of America*; as pesquisas de Nova Iorque sobre a estratificação social do inglês; o desenvolvimento de novas técnicas para a análise de narrativas; o estudo do inglês negro do *Harlem*; sua mudança para a Pensilvânia e o desenvolvimento do Laboratório de Lingüística na Filadélfia.

Além disso, é importante localizar seus estudos nos contextos, sócio-histórico, político e intelectual de emergência. As condições do sistema educacional dos Estados Unidos dos anos 1950-1960 foram marcantes, assim como alguns acontecimentos que promoveram profundas transformações na sociedade daquele país nos anos 1960-1970, como: as leis que visavam o fim da segregação nas escolas, o movimento pelos direitos civis liderado pelo integracionista Luther King e apoiado pelos governos Kennedy e Johnson, o discurso separatista de Malcolm X, o movimento feminista liderado por Betty Friedan e Gloria Steinem, o desenvolvimento tecnológico, a explosão demográfica que ocasionou o crescimento de novas cidades e a decadência de velhos centros urbanos e a estratificação social refletida pelo sistema sócio-econômico.

Na leitura das obras de Labov é notória a influência que diversos autores, de diferentes épocas, exerceram em suas idéias lingüísticas, como os compatriotas William Dwight Whitney (1827-1894) e Edgar Howard Sturtevant (1875-1952), o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), os franceses Antoine Meillet (1866-1936) e André Martinet (1908-1999) e o lituano Uriel Weinreich (1926-1967). Os trabalhos realizados por esses autores, juntamente com outros nomes que serão discutidos no segundo capítulo desta Dissertação, permitem que se faça uma relação entre estudos lingüísticos realizados na Europa do final do século XIX e início do século XX e o desenvolvimento da Sociolingüística norte-americana nos anos 1960. Além disso, a interação entre pesquisadores ligados a diversas áreas, como a Lingüística, a Antropologia e a Sociologia, aponta que a Sociolingüística se constituiu, também, a partir dos construtos fornecidos por essas áreas e pelos estudos dialeto-geográficos.

Fundamentado no “princípio da imanência”, como postulado por Koerner (1996), estabeleceu-se um entendimento profundo sobre as causas da mudança lingüística motivadas por fatores internos nas obras estudadas. Esta Dissertação coloca em debate um dos temas mais controversos dentro dos estudos históricos sobre a mudança, um confronto que já dura mais de um século entre teorias lingüísticas que analisam sob óticas diferentes a mudança lingüística: a hipótese sobre a “regularidade /excepcionalidade da mudança sonora” levantada pelos neogramáticos e a crença de que “cada palavra tem sua história” defendida por dialetólogos.

Em meados da segunda metade do século XX, uma nova polêmica que favorecia o posicionamento do segundo grupo se instalou no debate: a teoria da “Difusão Lexical” iniciada por William Wang (1969). William Labov se esforçou na busca de evidências que pudessem solucionar essas controvérsias. As intervenções de Paul Kiparsky em seu duelo intelectual com Labov provocaram uma série de respostas ao trabalho um do outro. De qualquer forma, o que se buscou foi a “imanência dos fatos da mudança lingüística” posta em discussão ao longo desses debates.

O tema *os fatores externos ou sociais que motivam a mudança* fez com que William Labov produzisse uma bibliografia básica nos estudos contemporâneos da mudança lingüística. Nesse ponto, são inalienáveis discussões sobre o papel do indivíduo e da sociedade nos estudos desenvolvidos por Saussure, Meillet e Labov, e sobre a influência de Émile Durkheim na conceituação de língua elaboradas por esses.

Ainda sobre o tema dos fatores externos que motivam a mudança, Labov, para conhecer o perfil daqueles que ele denomina de “os líderes da mudança lingüística”, analisou os papéis desempenhados pelas classes sociais, pelos bairros, pelos grupos étnicos e pelo

gênero sexual dos indivíduos envolvidos no processo da mudança lingüística. Os líderes, como identificados por Labov, figurariam como habitantes de regiões afastadas do centro da cidade, pertencentes a uma classe social específica, a um gênero particular e em posições destacadas dentro de redes sociais locais.

Enfim, esta Dissertação em sua totalidade deve ser lida como uma introdução ao mundo das idéias lingüísticas de Labov. Porém, está longe de abarcar a grande gama de conceitos e teorias desenvolvidos por esse autor. Além disso, este trabalho não pretende tratar da recepção dos estudos desse autor pela comunidade lingüística internacional, tão pouco, explicar como se desenvolve uma pesquisa sociolingüística nos moldes labovianos, o que está acessível aos estudantes de Letras e Lingüística por meio de inúmeras publicações de pesquisadores brasileiros,² mas mostrar como aconteceu a aproximação do autor com a Lingüística e sua contribuição para os estudos lingüísticos contemporâneos através de suas concepções teóricas e dos resultados evidenciados por suas pesquisas.

Este texto se constitui, portanto, de uma investigação historiográfica lingüística cujos pontos de partida e de chegada se assentam na origem e no desenvolvimento do pensamento lingüístico de Labov. Essa opção metodológica conduzirá as discussões apresentadas nos capítulos seguintes a um lugar comum e imanente que são as concepções lingüísticas desse autor.

No tipo de investigação que se apresenta, parece inevitável que o pensamento do pesquisador se alinhe àquele do pesquisado e, conseqüentemente, algumas argumentações partidárias poderão surgir. Dessa forma, deve-se atentar para os apontamentos de Stephen Gould (1981) de que a objetividade deve ser, operacionalmente, definida como o tratamento justo dos dados, não como a ausência de preferência. Esse autor assinala:

² TARALLO, Fernando. A pesquisa Sociolingüística. Ática: São Paulo, 1991. (O autor aborda de forma bastante didática a diferença entre variação e mudança lingüística o que faz desse manual algo bastante introdutório e necessário para o iniciante nesse tipo de pesquisa.

_____. (Org.). Fotografias Sociolingüísticas. Campinas: Pontes Editores e Editora da Unicamp, 1989. (Reúne textos de vários autores que apresentam retratos do português do Brasil através de abordagens teóricas e empiricamente consistentes).

MOLLICA, M. C. (Org.). Introdução à Sociolingüística Variacionista. Editora da UFRJ: (Cadernos Didáticos da UFRJ) Rio de Janeiro, 1992. (Esse volume é um guia obrigatório para quem está iniciando seus estudos sociolingüísticos numa perspectiva Variacionista-quantitativa. Organizado por Cecília Mollica, conta com a contribuição de vários pesquisadores que tratam dos fatores sociais mais freqüentemente abordados na análise da variação lingüística).

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) Padrões Sociolingüísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1996.

BELINE, Ronald. A variação Lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Lingüística: objetos teóricos. Contexto: São Paulo, 2006.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. In: MUSSALIN F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras. Cortez Editora: São Paulo, 2001).

A imparcialidade (mesmo que desejável) é inalcançável pelos seres humanos, devido às suas inevitáveis formações, necessidades, crenças e desejos. É perigoso para um pesquisador até mesmo imaginar que ele poderá alcançar neutralidade completa, pois, assim, deixará de ser vigilante em relação às influências e preferências pessoais – e, assim, verdadeiramente, sucumbirá, vítima das determinações do preconceito (GOULD, 1996[1981], pp. 36-37 *apud* KOERNER, 2002, p. 1).^{3*}

³ Impartiality (even if desirable) is unattainable by human beings with inevitable backgrounds, needs, beliefs, and desires. Its dangerous for a scholar even to imagine that he might attain complete neutrality, for then one stops being vigilant about personal preferences and their influences – and than one truly falls victim to the dictates of prejudice (GOULD, 1996[1981], pp. 36-37 *apud* KOERNER, 2002, p. 1).

* As traduções, nesta Dissertação, versadas do inglês para o português ou do francês para o português, foram feitas por seu autor, sendo este o único responsável pelo conteúdo traduzido.

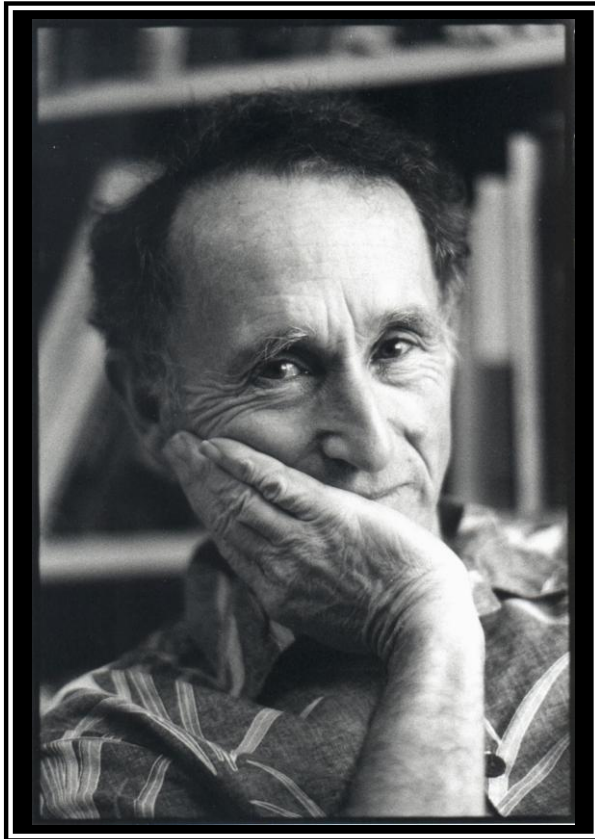
CAPÍTULO 1

A GÊNESE DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS DE WILLIAM LABOV

Como pode ser mostrado pela história, aqueles que não têm passado, geralmente, não tem futuro também.

Manfred Fuhrmann⁴

1.1. Considerações biográficas⁵



William Labov nasceu em Rutherford, pequena cidade do estado de Nova Jersey, em 4 de dezembro de 1927. Aos 12 anos de idade mudou-se para *Fort Lee*, região que fica dentro da área dialetal da cidade de Nova Iorque.

Labov diz que o fato da nova cidade dividir as mesmas características do dialeto de Nova Iorque influenciou muito sua abordagem à língua [inglesa], pois ele pronunciava todos os seus ‘r’ finais sem que precisasse pensar neles⁶, e era perfeitamente feliz com a forma com que suas vogais se encaixam em palavras como *mad* e *more*.

No entanto, os habitantes de *Fort Lee* não pronunciavam seus ‘r’ finais, exceto quando pensavam neles, e não gostavam da maneira que diziam *mad* e *more*.⁷

⁴ “As can be shown from history, those who have no past, usually have no future either (FUHRMANN, 2001, p. 111 *apud* KOERNER, 2002, P. 285)”.

⁵ Boa parte das informações sobre a biografia de Labov foi retirada do texto autobiográfico *How I got into linguistics, and what I got out of it*, escrito em 1987 e revisado em 1997. Nesse texto, como se observará, Labov busca responder questões relacionadas à: “como você entrou no campo de estudos lingüísticos?”. Esse texto encontra-se disponível em sua página eletrônica: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/>

⁶ Existe um princípio em suas pesquisas que apontam que as pessoas, quando estão sendo observadas, tendem a utilizar um estilo de “discurso cuidado”, isto é, tendem a fazer distorções conscientes de seus discursos: marcam uma característica lingüística que é, geralmente, apagada quando não estão sendo observadas, ou quando não precisam pensar sobre o assunto. Em uma situação de entrevista, por exemplo, os efeitos do estilo cuidadoso são evidentes na maioria dos informantes.

⁷ Como se observará a seguir, o autor argumenta que os nova-iorquinos possuem aversão pelo dialeto falado em Nova Iorque, resultando no que Labov chamará de “auto-ódio lingüístico”. Esta Dissertação, em seu terceiro capítulo, tratará detalhadamente sobre essas questões relacionadas à mudança vocálica em Nova Iorque.

Seus anos no colégio foram cheios de conflitos motivados por brigas, que geralmente perdia, e por discussões que geralmente ganhava. Muitas das personagens com os quais se envolvia eram bastante violentas e, por causa disso, ele cresceu acreditando que a maioria das famílias locais tinha relações com a máfia. No entanto, Labov diz que as pessoas com quem se tem os maiores conflitos são, freqüentemente, as mais importantes pra você, seu grupo referência, como dizem os sociólogos, e todos foram bons amigos quando se encontraram anos mais tarde.

Nessa mesma época, por volta do início da década de 1940, Labov assistiu ao filme *Pygmalion*,⁸ versão para o cinema da peça do dramaturgo inglês George Bernard Shaw (1856-1950). Labov diz se lembrar da personagem de Leslie Howard (Henry Higgins) escrever todas as palavras que saíam da boca da personagem Eliza Doolittle. O adolescente William Labov achou aquilo incrível e se perguntava como ele conseguia fazer aquilo. Anos depois, após sua imersão nos estudos lingüísticos, Labov percebeu que, na verdade, Higgins escrevia apenas alguns dos sons que o interessavam.

Ele diz ter sido bem mais fácil fazer pesquisa de campo em Battersea Park, Chelsea e Londres, vinte anos mais tarde, pois tinha em mãos um gravador, ao invés de uma caneta. Henry Higgins foi explicitamente inspirado em Henry Sweet (1845-1912),⁹ grande foneticista inglês, a quem Labov diz ter, desde então, passado a admirar intensamente. Algumas de suas próprias descobertas sobre os princípios gerais da mudança lingüística são, segundo ele, uma versão moderna do que Sweet sugeriu em seu “*A history of English Sounds (1888)*”.¹⁰

⁸George Bernard Shaw escreveu a peça *Pygmalion* em 1912. Em 1938, uma primeira versão para o cinema foi lançada com o mesmo título. Em 1956, virou tema de um musical na Broadway e, em 1964, uma nova versão para o cinema estreou com o título de *My Fair Lady*, com Audrey Hepburn no papel da jovem Eliza Doolittle e Rex Harrison como o professor Henry Higgins. *Pygmalion* é uma peça baseada em um mito grego de mesmo nome. Seu enredo conta a história de Henry Higgins, um professor de fonética (inspirado no foneticista inglês Henry Sweet (1845-1912), que faz uma aposta com um colega, dizendo que ele, com sucesso, transformaria uma garota operária, do leste de Londres, em uma refinada dama da sociedade, ensinando-a a falar com o sotaque da classe alta, e treinando-a em etiqueta.

⁹ Na citação a seguir, Bernard Shaw explica porque Henry Higgins foi inspirado em Henry Sweet: “O reformador de que a Inglaterra precisa hoje é de um enérgico entusiasta foneticista: este é o motivo pelo qual eu fiz de um o herói de uma peça popular. Henry Sweet (...) foi, eu penso, o melhor de todos em sua área. (...) o Higgins de *Pygmalion* não é um retrato de Sweet, para quem a aventura de Eliza Dolittle teria sido impossível; ainda assim, como será visto, há toques de Sweet na peça. Com o físico de Higgins e o temperamento de Sweet se poderia incendiar o rio *Thames*. [*The reformer England needs today is an energetic phonetic enthusiast: that is why I have made such a one the hero of a popular play. Henry Sweet (...) was, I think, the best of them all at his job. (...) Pygmalion's Higgins is not a portrait of Sweet, to whom the adventure of Eliza Doolittle would have been impossible; still, as will be seen, there are touches of Sweet in the play. With Higgins's physique and temperament Sweet might have set the Thames on fire* (SHAW, Prefácio de *Pygmalion*, 1912)].

¹⁰ Os princípios de Sweet foram reelaborados por Labov (1994) em seu *Principles of Linguistic Change: Internal Factors* e é sobre eles que o autor desenvolve boa parte de sua argumentação sobre a mudança das vogais. Trata-se de três princípios, assim definidos: Princípio I: nas mudanças em cadeia, as vogais longas se alçam; Princípio II: nas mudanças em cadeia, as vogais breves descem; Princípio IIa: nas mudanças em cadeia, o núcleo de ditongos crescentes descem; Princípio III: nas mudanças em cadeia, as vogais posteriores tornam se anteriores

Labov entrou em Harvard em 1944, período em que a Segunda Guerra ainda acontecia. Diz nunca ter pensado em se tornar um lingüista durante os anos que estudou nessa Universidade, onde se graduou em Inglês e filosofia e onde, segundo ele, passou a maior parte do tempo conversando. Entretanto, diz se lembrar de uma reunião com seu orientador, John Wild, um filósofo com forte inclinação para a Idade Média. Quando esse soube que ele estava fazendo um curso de química (inorgânica), indagou: “onde foi que você adquiriu essa idolatria por ciência?” Labov diz ter pensado bastante sobre isso desde então: Wild estava perfeitamente certo, ele realmente tinha uma idolatria por ciência naquela época e nunca mais a perdeu.

Quando deixou Harvard tinha em mente que gostaria de escrever. Perdeu vários empregos em rápidas sucessões, onde escrevia em jornais de publicidade, entre outros. Mas, depois de alguns anos, terminou em algo mais prático, usando seus conhecimentos de química no laboratório de uma pequena empresa. Tornou-se um fabricante de tintas, especializando-se em formular tintas para serigrafias, onde também adquiriu um forte sentimento para pesquisas.

De sua experiência com trabalhos industriais adquiriu uma firme crença na existência do mundo real. Labov faz uma comparação com o que, freqüentemente, ocorre em trabalhos dessa natureza: se um pesquisador cobrir um painel com esmalte e o expuser ao sol e, seis meses depois, voltar e encontrar a cobertura rachada e descascando, descobrirá que estava errado seis meses antes.

Labov escreveu que “o pesquisador poderá não saber por que estava errado, mas pode ter certeza que alguma parte do mundo real derrotou seu real esforço em proteger uma superfície de metal”.¹¹ Segundo Labov, também pode ocorrer de se estar entre os rolos de

(cf. LABOV, 1994, p. 116). Labov diz que Sweet escreveu seus princípios antes que o conceito de “mudanças em cadeia” (*chain shifting*) tivesse se tornado generalizado em lingüística, e suas observações se referem a mudanças sonoras individuais. Embora esses princípios possam ser aplicados a mudanças isoladas, não se aplicam com força suficiente para capturar o interesse geral dos lingüistas. Por causa disso, os princípios de Sweet foram esquecidos. Martinet (1955) reintroduziu o “Princípio III” ao estudo de mudanças em cadeia. Na atualidade, segundo Labov, os três princípios re-emergiram nos estudos sobre a mudança lingüística em progresso, no entanto, os lingüistas os aplicam com uma regularidade generalizada a um grande número de mudanças vocálicas.

¹¹ Após a apresentação de seu texto *Methodology* (1971), um dos ouvintes de sua conferência, James R. Holbrook da *Georgetown University*, citou um trecho de *State of the Art* (1968, pp. 34-35), de Charles Hockett, em que esse autor sumariza o pensamento de Zellig Harris, dizendo que “a verdade real (pelo menos relação à Lingüística) não é alcançável, então deveríamos, dessa forma, nos divertir dividindo nosso vago e ocasional vislumbre nessa direção, e não nos preocupar muito com os finais”. Holbrook quis saber se aquela era a filosofia seguida pela maioria dos lingüistas da época, e se a metodologia que Labov expusera naquele encontro oferecia alguma esperança para que, eventualmente, se chegasse a alguns finais sobre a natureza da língua. Labov não hesitou em responder que sim a esse questionamento. Além de questionar as abordagens dos lingüistas das décadas de 1930 e 1940 (Bloomfield, Harris), Labov enfatizou que sua abordagem estava embasada também em seu conhecimento do mundo das exatas e, dessa forma, recorreu à sua experiência como químico industrial para

duas impressoras gigantes, com um vice-presidente dizendo para você que se a impressora não imprimir em quinze minutos ele perderá uma quantia considerável de dinheiro e você perderá um cliente: se você conseguir fazê-las funcionar, você estará certo, se não conseguir, estará errado.

Essa segunda parte talvez explique o motivo que o levou a abandonar sua carreira de químico e retornar à Universidade em 1961, depois de uma década atuando nessa área. Na ocasião de seu retorno à Universidade (Colúmbia, Nova Iorque), Labov tinha em mente algumas pesquisas sobre a língua inglesa. No entanto, sua aproximação com a Lingüística aconteceu com certo estranhamento, o que o levaria a propor uma abordagem empírica aos estudos sobre a mudança lingüística, conforme citação:

Do que eu havia aprendido sobre o pequeno, novo campo da lingüística parecia-me algo empolgante, consistindo, em sua maior parte, de pessoas jovens com fortes opiniões, que passavam a maior parte do tempo discutindo uns com os outros. Quando descobri que eles também estavam retirando a maioria de seus dados de suas cabeças, pensei que poderia fazer melhor. Faria um bom capital dos recursos que havia ganho na indústria. Desenvolveria uma lingüística empírica, baseada no que as pessoas realmente falam, e testada por técnicas experimentais de laboratório (LABOV, 1997, s/p).¹²

Através do gráfico apresentado na página abaixo é possível ter alguma idéia de como sua abordagem é desenvolvida e de como as técnicas laboratoriais ajudam a explicar o grau de variação e mudança de um fonema ao ser correlacionado com outras categorias sociais.

Nessa figura se observa que a linha mais baixa, para o estilo A (casual), fica bem próxima da marca do zero até que a classe 9 (classe média alta) é alcançada. Por outro lado, à medida que a formalidade dos estilos aumenta (discurso cuidado, estilo de leitura), vê-se que a discrepância entre a classe 9 e as outras classes diminui. Finalmente, para o estilo D (pares mínimos), a classe média baixa apresenta uma superioridade nos índices de (r) bem maior do que a classe média alta. Esse gráfico mostra, assim, como o (r) era estratificado socialmente em Nova Iorque, na ocasião da pesquisa de Labov.¹³

dizer que nessa área não há questionamento sobre certo ou errado. Segundo o autor, confrontações com o mundo físico é muito útil para que se mudem certos pontos-de-vista, como aquele citado por Hockett (cf. LABOV, 1971, pp. 492-493).

¹² From what I learned about the small, new field of linguistics, it seemed to be an exciting one, consisting mostly of young people with strong opinions who spent most of their time arguing with each other. When I found that they were also drawing most of their data out of their heads, I thought that I could do better. I would make good capital of the resources I had gained in industry. I would develop an empirical linguistics, based on what people actually say, and tested by the experimental techniques of the laboratory (LABOV, 1997, s/p).

¹³ Em um comentário acrescentado à segunda edição de *The Social Stratification of English in New York City* (2006), Labov assinala que esse padrão de estratificação apresentado na época de sua pesquisa, quarenta anos antes, que apresentava a *classe média baixa* com um padrão diferenciado, foi reforçado por pesquisas posteriores

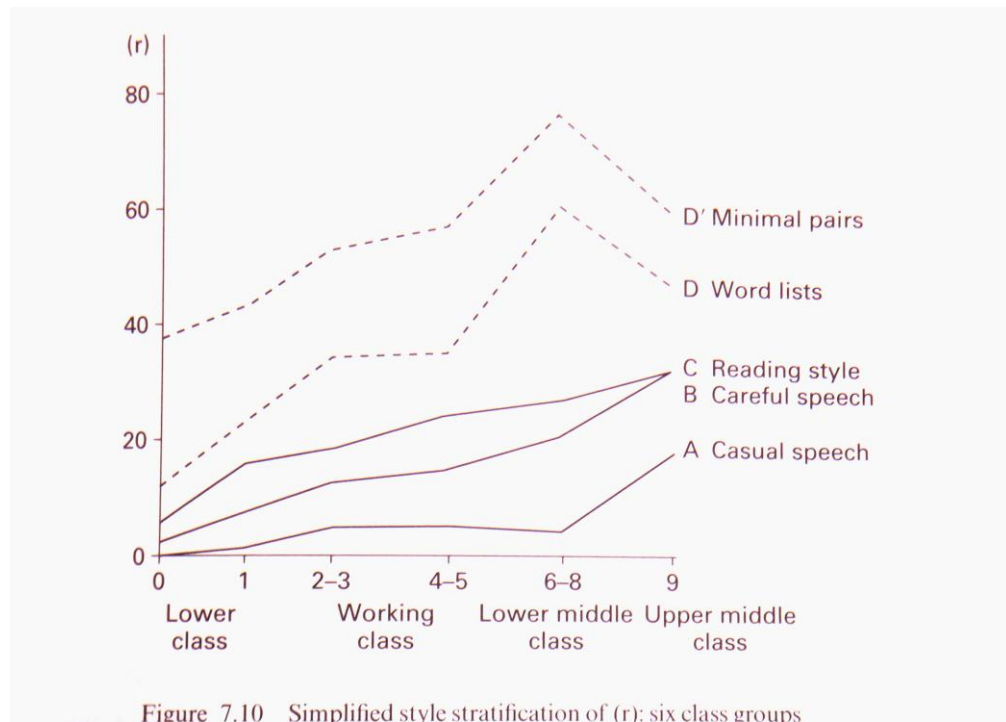


Figure 7.10 Simplified style stratification of (r): six class groups

Reproduzido de Labov (1966[2006], p.151).

Labov diz que na época não havia se dado conta, mas ele também estava trazendo para a Lingüística outros dois recursos que haviam desaparecido da Universidade: a crença de que as pessoas da classe trabalhadora têm muito a dizer e que existe o estar certo e o estar errado.

O chefe do Departamento de Lingüística da Universidade de Colúmbia era Uriel Weinreich (1926-1967), pertencente a uma nova geração de judeus seculares, um falante nativo de iídiche, que escapou da tomada da Lituânia pela Rússia, porque seu presente de aniversário de treze anos havia sido uma viagem para a Conferência Internacional de Lingüística, em Copenhague, Dinamarca.

Labov diz ter tido sorte de encontrá-lo. Weinreich era um ano mais velho que ele e o protegeu de todos os males do meio acadêmico. Quando Labov visitava outras Universidades, o nome de Weinreich sempre trazia um olhar especial de respeito e admiração. A parceria entre eles durou cerca de sete anos.

Labov foi aluno de Weinreich em disciplinas como: Sintaxe, Semântica, Dialetoлогия e História da Lingüística. Além disso, Weinreich supervisionou sua pesquisa sobre os ditongos centralizados (ay) e (aw), na ilha de *Martha's Vineyard*, que constituiu em sua dissertação de

como sendo característico desse “segundo grupo de *status* mais elevado”. Seus estudos têm mostrado que nos estilos mais formais esse grupo ultrapassa a marca apresentada pelo “grupo de *status* mais elevado”. Esse tipo quantitativo de “hipercorreção” pode ser relacionado como uma das principais forças que motivam o processo da mudança lingüística. O quarto capítulo desenvolverá os argumentos aqui apresentados.

Mestrado (1963), e sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, sua tese de Doutorado (1966).

A parceria foi interrompida com a morte precoce de Weinreich, aos 41 anos, vítima de leucemia, em 1967. Ao analisar, anos mais tarde, alguns trabalhos não publicados do mestre, Labov diz ter descoberto alguns esboços para o estudo do inglês de Nova Iorque que antecipavam seus próprios projetos. Por causa disso, Labov diz não saber, ao certo, quais idéias trouxe para a Lingüística e quais adquiriu de Weinreich.

Nos meus encontros regulares com Uriel Weinreich, eu raramente obtive sugestões diretas sobre o que fazer em seguida. Ele apontava apenas questões ocasionais, enquanto eu falava longamente sobre o que estivera fazendo. (...) ao ler seus trabalhos não publicados, eu descobri um esboço para o estudo da comunidade de fala da cidade de Nova Iorque que antecipava minhas anotações anteriores para o projeto. Eu acho muito difícil dizer onde a influência dele deve ser encontrada, uma vez que ela se fundiu tão profundamente com minha própria abordagem à língua que devo, dessa forma, supor que ela está em toda parte (LABOV, 2006[1966], p. xii).¹⁴

No início da década de 1960, Labov iniciou sua abordagem empírica ao estudo da língua, da forma como ela era, efetivamente, empregada pelos membros da ordem social em suas interações cotidianas. Segundo Labov, na ocasião de seu retorno à Universidade, após uma década de trabalho como químico industrial, havia (e ainda há) duas direções principais na Lingüística. Uma que lida com as descrições das línguas como elas são na atualidade (estudos sincrônicos) e outra que se ocupa de suas histórias, isto é, como elas se desenvolveram até o estágio atual (estudos diacrônicos). Labov percebeu que em ambas as direções havia alguns problemas a serem resolvidos se a Lingüística tivesse que ir ao encontro do que as pessoas realmente enunciavam ao fazer uso da língua.

O autor argumenta que os lingüistas queriam descrever línguas como o inglês, o francês, etc., mas seus métodos apenas os colocavam em contato com uns poucos indivíduos, principalmente altamente educados. As teorias lingüísticas da época asseguravam que cada indivíduo tinha um sistema diferente, porém, os lingüistas não estavam progredindo em suas descrições da língua inglesa e da comunidade de fala por quem essa língua era utilizada. Ainda mais misterioso, segundo o autor, era o problema da explicação da mudança

¹⁴ In my regular meetings with Uriel Weinreich, I rarely got direct suggestions about what to do next. He inserted only occasional questions as I talked at length about what I had been doing. (...) reading over his unpublished papers, I found an outline for the study of New York City speech community that anticipated my earliest notes for the project. I find it very hard to say where his influence is to be found, since it has merged so deeply with my own approach to language, so I must assume that it is everywhere (LABOV, 2006[1966], p. xii).

lingüística: se a língua é um sistema para a transmissão de informação de uma pessoa para outra, ela funcionaria melhor se permanecesse estável.¹⁵

Após revisões da literatura lingüística, Labov percebeu que princípios empíricos não tinham lugar nessa ciência: “havia muitas barreiras ideológicas ao estudo da língua do cotidiano (LABOV, 1991, p. xiii)”.¹⁶ O autor justifica sua declaração a partir da leitura de Saussure (1949, p. 24 [1957-1913]) que teria anunciado o princípio de que sistemas estruturais do presente e mudanças históricas do passado tinham que ser estudados separadamente e, apesar de Martinet (1955 [1908-1999]) e outros estudiosos terem encontrado estrutura em mudanças passadas, pouco progresso havia sido alcançado em localizar mudanças em estruturas do presente.

Outra barreira ideológica, segundo o autor, se firmava na crença de que a mudança sonora não poderia, em princípio, ser observada diretamente. Os principais defensores dessa teoria eram, segundo ele, Bloomfield (1887-1949) e Hockett (1916-2000). Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora em oposição à sua irregular evidência no presente: “quaisquer flutuações que, possivelmente, observarmos seriam apenas casos de empréstimos dialetais (BLOOMFIELD, 1933, p. 364 *apud* LABOV, 1991, p.xiv)”.¹⁷ Hockett (1958, p. 457) defendeu a teoria de que enquanto a mudança sonora era muito lenta para ser observada, a mudança estrutural era muito rápida. Diante disso, Labov argumentaria que o estudo empírico da mudança lingüística havia sido removido do programa da Lingüística do século XX.

No entanto, a principal restrição, como apontou Labov, se relacionava, em primeiro lugar, com a variação livre: Bloomfield (1933, p. 76) parecia ignorar a possibilidade de variação nos sons e, em segundo lugar, com sentimentos sobre a língua, a saber, o que era ou não competência do lingüista, e o que deveria ou não ser usado na avaliação da mudança lingüística:

O postulado básico da Lingüística (BLOOMFIELD, 1933, p. 76) declarava que alguns enunciados eram os mesmos. Em sentido inverso, estavam em variação livre, e se um ou outra ocorria ou não em um tempo particular foi considerado linguisticamente insignificante. Relações de mais ou menos foram, assim, excluídas do pensamento lingüístico; uma forma ou uma regra poderia apenas ocorrer sempre, opcionalmente, ou nunca. A estrutura interna da variação foi, dessa forma, removida dos estudos lingüísticos e com ela, o estudo da mudança em progresso. Ficou também estabelecido que

¹⁵ O item 3.2, desta Dissertação, tecerá maiores comentários sobre essa questão.

¹⁶ there were many ideological barriers to the study of language in everyday life (LABOV, 1991, p. xiii).

¹⁷ “any fluctuations we might observe would only be cases of dialect borrowing (BLOOMFIELD, 1933, p. 364 *apud* LABOV, 1991, p. xiv)”.

sentimentos sobre a língua eram inacessíveis e fora do escopo do lingüista (BLOCH & TRAGER, 1942). A avaliação social das variantes lingüísticas foi, dessa forma, desconsiderada. Este é meramente um aspecto de uma reivindicação mais geral, que o lingüista não deveria usar dados não lingüísticos para explicar a mudança lingüística (LABOV, 1991[1972], p. xiv).¹⁸

Labov diz ter ignorado todas essas restrições por força de sua própria vontade e devido a sua resistência à autoridade.¹⁹ Além disso, encontrara na Universidade de Colúmbia um professor, Uriel Weinreich, cuja visão já havia driblado todas essas barreiras.

1.1.1. A pesquisa sobre os ditongos centralizados (ay) e (aw) de *Martha's Vineyard*

A primeira pesquisa de Labov, como lingüista, foi realizada na ilha de *Martha's Vineyard*, estado de Massachusetts. Essa pesquisa constituiu sua dissertação de Mestrado, com o título de “*The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard, Massachusetts*”. Lá, o lingüista observou uma forma peculiar na maneira como seus informantes pronunciavam algumas palavras com os ditongos /ay/ e /aw/ centralizados²⁰ no aparelho fonador bucal. Isto é, identificaram-se diferenças na altura do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/, que ao invés do padrão comum do sudeste de *New England* /aɪ/ e /aʊ/, freqüentemente se ouvia /ɛɪ/ e /ɛʊ/, ou mesmo /əɪ/ e /əʊ/ (cf. LABOV, 1991[1972], p. 9).

De posse de gravadores e um cronograma de entrevistas que fornecesse muitos exemplos de (ay) e (aw) em discursos emocionalmente influenciados, cuidados e estilo de leitura, Labov iniciou suas investigações na ilha. A fim de aumentar a concentração das ocorrências desses ditongos, o autor elaborou um questionário lexical concentrado em palavras que continham esses ditongos e uma leitura especial que foi usada com alunos do

¹⁸ The basic postulate of linguistics (BLOOMFIELD, 933, p. 76) declared that some utterances were the same. Conversely, these were in free variation, and whether or not one or the other occurred at a particular time was taken to be linguistically insignificant. Relations of more or less were therefore ruled out of linguistic thinking; a form or a rule could only occur always, optionally, or never. The internal structure of variation was therefore removed from linguistic studies and with it, the study of change in progress. It was also held that feelings about language were inaccessible and outside of the linguist's scope (BLOCH & TRAGER, 1942). The social evaluation of linguistics variants was therefore excluded from consideration. This is merely one aspect of the more general claim that the linguist should not use nonlinguistic data to explain linguistic change (LABOV, 1991[1972], p. xiv).

¹⁹ Argumentos como esse são reveladores da personalidade desse autor e possibilita a interpretação de que esse caráter não-conformista e progressista fez sobressair a posição de liderança que o tornou influente no meio acadêmico e abriu caminho para a difusão de suas teorias lingüísticas.

²⁰ Labov utiliza o termo “ditongos centralizados” para se referir às variantes dos ditongos /ay/ e /aw/ em que seus primeiros elementos se encontram mais altos que [a].

segundo grau, como um teste de habilidade de se ler uma estória naturalmente. Para investigar a orientação social do entrevistado, foram feitas perguntas sobre julgamento de valores.

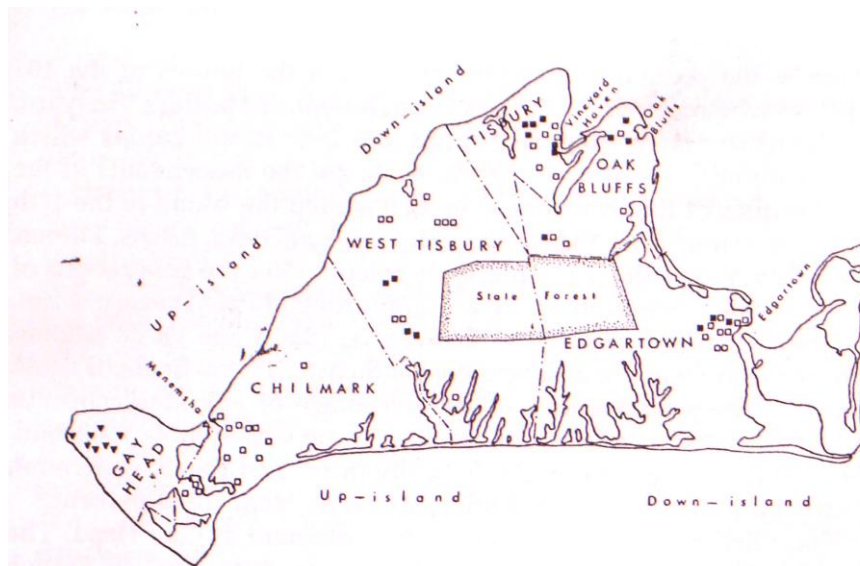


Fig. 1.1. Location of the 69 informants on Martha's Vineyard. Ethnic origin is indicated as follows: □ English, ■ Portuguese, ▼ Indian. Symbols placed side by side indicate members of the same family.

TABLE 1.1.
POPULATION OF MARTHA'S VINEYARD

<i>Down-island [towns]</i>	3,846
Edgartown	1,118
Oak Bluffs	1,027
Vineyard Haven	1,701
<i>Up-island [rural]</i>	1,717
Edgartown	256
Oak Bluffs	292
Tisbury	468
West Tisbury	360
Chilmark	238
Gay Head	103
Total	5,563

Source: From U.S. Bureau of the Census, *U.S. Census of Population: 1960. Number of Inhabitants. Massachusetts. Final Report PC(1)-23A* (Washington, D.C.: GPO, 1962), Table 7, p. 23-11.

Localização dos 69 informantes da pesquisa de Labov em *Martha's Vineyard*. Origens étnicas dos informantes e população total dos habitantes das partes superior e inferior da ilha, de acordo com o censo de 1960. Mapa reproduzido de Labov (1972[1991], p. 5).

Após correlacionar a centralização desses ditongos com fatores socioeconômicos, sexo, idade, grupo étnico, ocupação e localização geográfica dos falantes na ilha, o autor tirou as seguintes conclusões: “é evidente que o significado imediato dessa característica fonética é

próprio de *Vineyard*. Quando um homem diz [rɛɪt] ou [hɛʊs] ele está inconscientemente estabelecendo o fato de que pertence à ilha: que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence (LABOV, *op. cit.*, p. 36).²¹ Suas investigações revelaram que essa centralização era mais forte entre os jovens, mas variava de acordo com o sexo, a idade, o grupo étnico (descendentes de ingleses, de ex-colônias portuguesas [Açores, Madeira e Cabo Verde] e indígenas), ocupação e localização geográfica dos falantes na ilha.

A constatação do autor foi, portanto, que essa mudança sonora em *Martha's Vineyard* estava servindo como uma reivindicação simbólica aos direitos e privilégios locais, em oposição à ocupação da ilha pelos veranistas que estavam comprando e habitando toda a ilha e obrigando, com isso, os habitantes nativos a se retirarem para os montes e as depressões do interior. Assim, segundo o autor, um estudo dos dados mostrou que a alta centralização de (ay) e (aw) estava estreitamente correlacionada com expressões de forte resistência às incursões dos veranistas, dessa forma, quanto mais alguém tentasse exercitar suas reivindicações, mais forte era a mudança nos sons dos ditongos.

Uma resposta para o padrão complicado em que essa característica tinha se desenvolvido em *Vineyard* e a razão de sua maior intensidade entre os mais jovens estaria relacionada à forma com a qual diferentes grupos estavam reagindo aos diferentes desafios sobre seus *status* de nativos. Nas duas últimas gerações, os desafios haviam se tornado mais acentuados por causa das intensas pressões econômicas e sociais.

O grupo de ascendência inglesa havia se submetido às pressões externas, de forma que pudesse manter sua posição diante de uma redução na economia e da constante invasão dos veranistas. O grupo de ascendência luso-africana buscava afirmar sua identidade como um ilhéu, já que o número desses em posições conceituadas crescia e não precisava mais minimizar os efeitos de serem luso-africanos. O grupo indígena reclamava maior participação na vida da ilha. Por causa disso, havia adotado muitos dos valores dos habitantes de *Chilmark* (região de *Martha's Vineyard* habitada por descendentes de ingleses). Embora quisesse insistir em sua identidade indígena, não possuía mais recursos lingüísticos para esse propósito e seguiria, portanto, a liderança de *Chilmark*.

Chilmark era a região habitada pelo grupo dos pescadores, responsável pelo início e disseminação dos ditongos centralizados. Tratava-se do grupo mais unido, o mais independente, o que mais se opunha às incursões dos veranistas. Segundo Labov, a identidade

²¹ It's apparent that the immediate meaning of this phonetic feature is 'Vineyarder'. When a man says [rɛɪt] ou [hɛʊs], he is unconsciously establishing the fact that he belongs to the island: that he is one of the natives to whom the island really belongs (LABOV, *op. cit.*, p.36).

do pescador possui um caráter inerentemente dramático²², o que o torna um candidato ideal para iniciar novos estilos de fala. Dessa maneira, as formas centralizadas constituíam uma parte do caráter dramatizado da ilha, assumidas pelo habitante de *Chilmark*.

Os membros mais jovens do grupo de ascendência inglesa consideravam os idosos e os habitantes da parte superior da ilha como um grupo referência, que carregava consigo a convicção de que a ilha os pertencia. Daí esse grupo exercer maior influência entre os mais jovens. Dessa forma, Labov (*op. cit.*, p. 38) argumentou que o significado da centralização, julgando pelo contexto em que ela ocorria, representava uma orientação positiva em relação à ilha de *Martha's Vineyard*.

Uma questão importante permanecia sem resposta, pois o autor havia observado que os ditongos centralizados não sobressaíam à consciência dos falantes. Dessa forma, Labov (*op. cit.*, p. 40) propôs uma explicação lógica que visava responder de que forma as pressões e as atitudes sociais estavam relacionadas com as estruturas lingüísticas, pois, sendo os falantes de *Vineyard* não-conscientes da centralização dos ditongos, dificilmente esses elementos poderiam ser objetos diretos de influência social.

Segundo o autor, existiam cerca de quatorze variantes fonológicas, além das formas (ay) e (aw), que seguiam a regra geral em que as variantes mais altas, mais constritas, eram características dos falantes “nativos” da parte superior da ilha, enquanto que as variantes mais baixas e mais abertas eram características dos falantes da parte inferior da ilha sob influência do continente. Dessa forma, Labov argumentou que era esse estilo articulatorio, produzido com a boca mais fechada, com maior constrição na boca, o objeto de influência social.

(...) a avaliação social interage com as estruturas lingüísticas nesse ponto, através da constrição de várias dimensões do espaço fonológico. As variáveis lingüísticas particulares seriam, assim, variavelmente, afetadas pela tendência geral, em relação a uma postura articulatoria propícia, sob a influência das forças sociais que estamos estudando (*op. cit., loc. cit.*).²³

²² Labov observou o comportamento de seus informantes através da análise de várias narrativas. Dessa forma, quando o autor diz que o pescador possui uma capacidade para a auto-dramatização, ele se refere à forma como esse indivíduo desempenhava seus papéis no dia-a-dia e como interagia com seus interlocutores. Esse caráter dramatizado era passado de pai para filho, de forma que a tradição só reforçava seus posicionamentos, conforme se observa nessa declaração: “eu me lembro que ainda garoto, quando comecei a ir para o mar com meu pai, ele me disse: lembre-se de duas coisas. Sempre trate o oceano com respeito, e lembre-se de que você só tem que cometer um erro, para nunca retornar (cf. LABOV, 1991[1972], p. 37)”.

²³ (...) social evaluation interacts with linguistics structures at this point, through the constriction of several dimensions of phonological space. Particular linguistic variables would then be variously affected by the overall tendency towards a favored articulatory posture, under the influence of social the forces which we have been studying (*op. cit., loc. cit.*).

Labov, finalmente, apresentou o seguinte plano para sumarizar seus argumentos sobre a forma como essa mudança lingüística, em particular, se disseminou entre os falantes de *Vineyard*.

- 1) Uma característica da língua usada por um grupo A é notável através do contraste com outro dialeto padrão.
- 2) O grupo A é adotado como um grupo referência pelo grupo B, e a característica é adotada e exagerada como um sinal de identidade social em reação às pressões de forças externas.
- 3) Hipercorreção sob crescente pressão, combinada com a força da simetria estrutural, leva a uma generalização da característica em outras unidades lingüísticas do grupo B.
- 4) Uma nova norma é estabelecida quando o processo de generalização se estabiliza.
- 5) A nova norma é adotada por grupos vizinhos e grupos sucessivos a quem o grupo B serve como grupo referência.

A essência desse plano sobre a interação entre formas lingüísticas e grupos sociais elaborado por Labov tem nas teorias de Edgar Howard Sturtevant (1947[1875-1952]) sua fonte. No primeiro capítulo de *Sociolinguistics Patterns*, em que Labov trata de sua pesquisa de *Martha's Vineyard*, há uma única referência ao trabalho de Sturtevant. Labov exalta a teoria desse autor que via a disseminação e a consolidação da mudança lingüística, consistentemente, em sua dimensão social. Assim, para Sturtevant, “antes que um fonema possa se disseminar de palavra para palavra (...) é necessário que um dos dois rivais adquira algum tipo de prestígio (STURTEVANT, 1947 *apud* LABOV, 1991[1972], p. 3)”.²⁴

Além disso, Labov (2001, p. 24) argumenta que a orientação sobre a relação da língua com a sociedade que é mais próxima de sua visão é a de Sturtevant (1947). O autor argumenta que Sturtevant via o processo da mudança lingüística como a associação de formas particulares de fala com os traços sociais de grupos sociais opostos. Dessa forma, se um determinado grupo adotar um grupo particular como grupo referência e desejar adquirir os atributos sociais desse grupo, adotará sua forma de fala característica. Assim, a oposição entre as duas formas de fala continuará enquanto a oposição social permanecer e terminará quando a distinção social não for mais relevante.

Labov apresentou os resultados de sua pesquisa diante da *Linguistic Society of America*, em 1962. O autor diz que esperava uma grande batalha contra as idéias estabelecidas, até que seu trabalho fosse reconhecido. Naquela época havia uma única sessão

²⁴ Before a phoneme can spread from word to word ... it is necessary that one of the two rivals shall acquire some sort of prestige (STURTEVANT, 1947 *apud* LABOV, 1991[1972], p. 3).

da *LSA (Linguistic Society of America)*, sem sessões paralelas. Dessa forma, em sua sessão de apresentação, estavam presentes todos os representantes do campo da Lingüística da época e sua apresentação foi muito bem recebida. William G. [Bill] Moulton (1914-2000), em particular, se levantou e perguntou: “quando esse trabalho vai ser publicado?” (cf. LABOV, 2006, p. 335).

As técnicas utilizadas no trabalho de *Martha's Vineyard* foram, depois, aperfeiçoadas e aplicadas nas pesquisas feitas sobre o inglês de Nova Iorque (1966). Sua tese se constituiu de uma pesquisa sobre os efeitos das diferenças de classes nos dialetos falados nessa cidade. Nessas pesquisas, o autor introduziu uma série de novas técnicas de entrevistas e técnicas quantitativas para medir a mudança lingüística, além de experimentos de campo, buscando identificar os sons que desencadeavam o “auto-ódio lingüístico” dos nova-iorquinos.

Introduziu também o uso da fonética acústica ao estudo da língua falada no dia-a-dia. Conforme argumenta o autor, a partir de então, a Lingüística começou uma pequena mudança de uma ciência qualitativa para uma ciência quantitativa. Essas técnicas passaram a ser usadas para estudar a mudança lingüística em centenas de outras cidades através do mundo.

Dessa forma, a variação lingüística, que era encarada como caótica e intrigante, começou, a partir de suas pesquisas, a ser considerada e demonstrada como sistemática e descritível. A mudança para o paradigma quantitativo significou, dessa forma, uma mudança no escopo da pesquisa cuja constituição dependeu da descentralização da língua padrão escrita em favor da língua falada por membros de uma comunidade de fala real.

1.1.2. A pesquisa realizada na região *Lower East Side* em Nova Iorque

A pesquisa intitulada “*The Survey of the Lower East Side*”, descrita entre os Capítulos VI e XIII da tese de Labov, é considerada, pelo próprio autor, a mais importante das investigações realizadas em Nova Iorque. Essa é a quarta das pesquisas que constituíram sua tese. Para esse estudo, Labov coletou informações de 340 indivíduos, através de entrevistas gravadas e textos escritos. Os dados finais representaram cerca de 150 horas de gravação, 200 testes de reações subjetivas e 200 formulários de auto-avaliação. Na região escolhida para essa pesquisa, conhecida como *The Lower East Side*, estavam representados os grupos alvos de seu estudo: classe média, classe operária e classe baixa. Além das classes, estavam representados os principais grupos étnicos da cidade: italianos, judeus, irlandeses, alemães, ucranianos, poloneses, afro-americanos e porto-riquenhos.



Visão detalhada da região que Labov realizou sua pesquisa. A linha mais escura demarca as fronteiras do lado oeste, do norte, com a *14th Street*, do sul, com a *Brooklyn Bridge* e o lado leste faz fronteira com o *East River*. (retirado de Labov (1966[2006], p. 103).

Os resultados dessas investigações serão contemplados através de citações em outras ocasiões nesta Dissertação. Este capítulo se aprofundará apenas no estudo das análises subjetivas sobre as atitudes gerais dos nova-iorquinos em relação à fala da cidade. Nesse estudo, Labov (2006[1966], p. 324) observou que a maioria de seus informantes demonstrava fortes opiniões sobre a língua e não hesitava em expressá-las. A forma como esses indivíduos percebiam a língua que falavam estava relacionada com declarações socialmente aceitas sobre esse objeto. Dessa forma, era comum condenarem a língua de uma pessoa, de um grupo ou de uma cidade inteira.

Ao buscar identificar a orientação de seus informantes em relação à forma com que percebiam sua língua, Labov perguntava a eles se já haviam sido identificados como nova-iorquinos por causa da forma como falavam. Três-quartos de seus entrevistados, pertencentes à classe trabalhadora, relataram que sim. Mas apenas a metade dos entrevistados, pertencentes à classe média, respondeu afirmativamente a essa pergunta. Os informantes da classe média, que afirmaram nunca terem sido reconhecidos como nova-iorquinos, demonstraram orgulho pelo não reconhecimento, já que sentiam que tal reconhecimento estava relacionado ao caráter estigmatizado do dialeto da cidade.

No entanto, conforme argumenta o autor, quando os nova-iorquinos diziam que as pessoas de outros Estados americanos não gostavam do dialeto falado em Nova Iorque, eles estavam descrevendo uma atitude que era, de fato, deles próprios. Tratava-se de uma auto-depreciação do dialeto ou, como denomina Labov, “auto-ódio lingüístico”. Dessa forma, termos como “horível”, “deformada”, “terrivelmente descuidada”, “terrível”, “péssima”, foram, freqüentemente, utilizados para se referirem à fala da cidade de Nova Iorque.

Eram as mulheres quem mais se expressavam negativamente em relação ao dialeto nova-iorquino. E, dessa forma, essas atitudes negativas determinavam até mesmo o pensamento de quem nunca havia ultrapassado os limites da cidade. Labov cita exemplos de pessoas que nunca haviam deixado Nova Iorque, mas que afirmavam que fora da cidade se falava mais refinadamente.

Segundo o autor, as atitudes negativas em relação à fala da cidade, de forma geral, se aplicavam também à forma com que seus informantes percebiam suas próprias falas. Mais da metade desses entrevistados viam seus dialetos como de má qualidade e dois terços já havia, de alguma maneira, tentado mudar a forma como falava.

Para Labov, tratava-se de pressões sofridas pela classe operária para que se adaptasse aos padrões de fala da classe média. Labov citou um relato de um afro-americano em que se pode perceber como tais pressões ocorriam: “eu tenho alguns amigos que falam de forma

muito grosseira – quando estamos todos juntos, com o grupo cuidadoso, todos tentamos ser mais cuidadosos. (...) e você percebe que aqueles que não falam bem – ficam mais ou menos calados” (LABOV, *op. cit.*, p. 331).²⁵

Outras formas de correção partiam dos filhos dos informantes. Assim, os filhos de pessoas pertencentes à classe trabalhadora eram implacáveis com a forma com que seus pais pronunciavam suas palavras, causando declarações freqüentes, como: “meu filho sempre ri de mim” e “está sempre me corrigindo”. Labov argumenta que, como regra, seus informantes mostraram pouca tendência em respeitar a fala dos mais velhos. Diante de tais circunstâncias, os nova-iorquinos mais velhos eram confrontados com a insegurança lingüística.

Labov denomina de “pressões que vêm de cima” (*pressure from above*) esse mecanismo em que as pressões partem de um nível social mais elevado em direção à fala das pessoas que estão num nível inferior na hierarquia social, buscando conformá-las ao padrão de fala da classe superior. Quando essas pressões que partem de cima ocasionam mudanças fonológicas nas palavras são denominadas de “mudanças que vêm de cima” (*changes from above*).

No entanto, as “pressões que vêm de cima” não eram as únicas a afetar o discurso dos falantes nova-iorquinos e a desencadear a mudança. Suas investigações mostraram que pressões igualmente poderosas podem se originar na parte inferior da pirâmide social (pressões que vêm de baixo [*pressures from below*]), já que os padrões de estratificação da língua se tornavam mais acentuados, ao invés de desaparecer.

Um exemplo de como as “pressões que vêm de baixo” interferem na fala de indivíduos pertencentes às classes sociais mais elevadas na ordem social pode ser encontrado na declaração feita por um advogado nova-iorquino a Labov:

(...) a maioria das pessoas com quem me associo nesta área, são homens com muito pouca escolaridade (...), em geral, ítalo-americanos (...). Então essas são as pessoas com quem saio para beber, para jantar, e quando falo com elas minha fala deteriora ainda mais, pois eu falo da forma que elas falam (*op. cit.*, p. 332).²⁶

²⁵ I have some friends that speak very rough – when we are all together, with the careful group, we all try to be more careful. (...) and you find that the ones that don't speak well – are more or less quiet (LABOV, *op. cit.*, p. 331).

²⁶ ... most of people I associate with in this area are men with very little schooling ... mostly Italian-American ... so that these are the men I've gone out drinking with, the ones I go out to dinner with, and when I talk to them, my speech even deteriorates a little more, because I speak the way they speak ... (*op. cit.*, p. 332).

Segundo Labov, as “pressões que vêm de baixo” se manifestavam tão fortemente sobre o discurso desse informante que o permitiam resistir às pressões de sua esposa, filhos e amigos (pressões que vêm de cima):

As pessoas que represento nunca criticam minha fala – a única crítica que recebo é primeiramente de minha esposa, (...) meus filhos também (...), autocrítica quando escuto a mim mesmo. Eu acho importante ser natural no meu falar – eu consigo me expressar mais rápido e mais claro (*op. cit., loc. cit.*).²⁷

As pressões em favor do padrão dialetal nativo foram identificadas como muito fortes entre as crianças que freqüentavam a escola. Labov argumenta que as crianças que vinham de outras cidades, ao chegarem à Nova Iorque, eram obrigadas a abandonar seus sotaques regionais, caso contrário, seriam vítimas de escárnio pelos colegas nativos. A pressão era ainda maior sobre aqueles que tentassem utilizar um padrão de fala prestigiado pela classe média. Uma professora, informante da pesquisa de Labov, declarou:

Eu tive um garoto de ascendência grega e, oh! Ele falava lindamente em sala, e aconteceu de eu ouvi-lo na rua um dia. Ele soava igual a todos em *Chelsea*, e quando eu mencionei isso a ele – no dia seguinte – ele disse que sabia o que era correto, mas disse: “eu não poderia viver aqui e falar da forma que falo na sala de aula” (*op. cit., pp. 332-333*).²⁸

Labov ressaltou ainda que a resistência das crianças às normas da classe média estava relacionada às atitudes sobre a língua defendidas pelos professores que era bastante diferente da língua que elas faziam uso no cotidiano. Quase todos os alunos que ele entrevistou concordaram que a fala de seus professores de inglês representava um dialeto remoto e especial que não apresentava nenhuma utilidade em suas interações cotidianas.

Outro fator que contribuía para fortalecer o padrão de fala da classe operária estava relacionado com normas culturais sobre masculinidade. Labov cita a declaração de um homem de ascendência italiana que havia perdido o padrão lingüístico de Massachusetts após se mudar para Nova Iorque:

Eu já tive uma boa fala e um bom vocabulário também, quando eu cheguei de Massachusetts, mas eu os perdi. Quando eu cheguei aqui, em Nova

²⁷ The people that I represent never criticize my speech – the only criticism I receive is primarily from my wife (...) my children also ... self criticism when I listen to myself. I find it important to be natural in my speech – I can express myself faster and clearer (*op. cit., loc. cit.*).

²⁸ I had a boy of Greek parentage, and oh! he spoke beautifully in class, and I happened to hear him on the street one day. He sounded just like everybody else in *Chelsea*, and when I mentioned it to him – the next day – he said that he knew which was correct, but he said: “I couldn’t live here and talk like that” (*op. cit., pp. 332-333*).

Iorque, eles costumavam dizer: “você fala igual a uma ‘bicha’ – igual às pessoas de Massachusetts.” Quando eu voltava para Massachusetts eles diziam: “Minha nossa, você adquiriu o linguajar de Nova Iorque” (*op. cit.*, p. 334).²⁹

Ao comparar as atitudes gerais dos nova-iorquinos sobre sua língua, Labov percebeu grandes diferenças entre o comportamento feminino e o masculino. Homens e mulheres compartilhavam da visão de que os não nova-iorquinos não gostavam da fala da cidade, porém as mulheres foram mais consistentes sobre esse assunto. Segundo o autor, os homens tendiam a favorecer o dialeto de Nova Iorque, enquanto que as mulheres eram fortemente contra. Além disso, em suas análises sobre a mudança lingüística, as mulheres também mostraram maior tendência para a mudança, além de mostrarem maior insegurança lingüística que os homens.

Outro fator que favorece a compreensão do complicado padrão lingüístico nova-iorquino foi encontrado na variável “diferença de classes”. Dentre os poucos que responderam nunca terem sido reconhecidos como nova-iorquinos, todos pertenciam à classe média. Labov argumenta que o objetivo lingüístico da maioria dos nova-iorquinos de classe média era não serem reconhecidos como tais através de suas falas e considerariam um elogio se alguém dissesse que eles não soavam como nova-iorquinos.

Segundo o autor, três-quartos dos seus informantes de classe média disseram que os não nova-iorquinos não gostavam da fala da cidade, enquanto que uma porcentagem bem menor foi encontrada entre os falantes da classe baixa. Sobre as atitudes com relação à própria fala, a classe baixa apresentou as menores reações negativas o que demonstrava maior segurança lingüística. Dessa forma, a conclusão do autor foi que a classe média mostrou maior tendência em liderar outras classes no processo de mudança lingüística, enquanto que a classe baixa mostrou menos esforços nessa direção:

(...) a classe média apresenta a maior insegurança lingüística, a classe trabalhadora a menor. Mas quando consideramos o reconhecimento das normas impostas por cima, pela hierarquia socioeconômica, o que temos chamado de importância social das variáveis, os grupos de classes são classificados na seguinte ordem: a classe média possui maior conhecimento das normas; a classe trabalhadora é a próxima; e a classe baixa com o menor conhecimento. Apesar de seus bons conhecimentos dessas normas unificadoras, os falantes da classe trabalhadora apresentam a menor tendência para rejeitarem seu padrão de fala nativo em favor do padrão de prestígio. (...) a classe baixa forma um grupo externo em dois sentidos: 1)

²⁹ At one time, I had a good speech, and vocabulary too, when I first came from Massachusetts. But I lost it. When I first came here, to New York, they used to say, “You speak like a fairy – like they do in Massachusetts.” When I kept going back Massachusetts, they said, “Gee, you got the New York lingo” (*op. cit.*, p. 334).

muitos indivíduos da classe baixa ficam fora da influência das normas unificadoras que tornam a comunidade de Nova Iorque uma única comunidade de fala; e 2) muitos parecem não possuir os valores culturais que mantêm o padrão de fala da classe trabalhadora em oposição à enorme pressão que vem de cima (*op. cit.*, pp. 335-336, *passim*).³⁰

As “diferenças étnicas” constituíram outra variável importante na explicação das atitudes gerais dos nova-iorquinos sobre a língua. Dessa forma, os falantes de ascendência italiana foram quase unânimes ao reportarem que haviam sido reconhecidos como nova-iorquinos pela forma como falavam, enquanto que o grupo dos judeus mostrou algumas exceções. No entanto, ambos os grupos mostraram aversão pela própria língua e esforços por mudá-la.

Por outro lado, o grupo afro-americano não acreditava que as pessoas de fora não gostassem do dialeto da cidade e, enquanto a maioria branca tenha demonstrado atitudes negativas com relação ao padrão lingüístico da cidade, apenas uma minoria de afro-americanos expressou-se semelhantemente.

Além do estudo do efeito das variáveis *sexo*, *classe social* e *grupos étnicos* nas atitudes dos informantes a respeito da língua, Labov procurou observar se a variável “faixa etária” desempenhava algum papel relevante nesse sentido. Foi constatado, no entanto, que não havia diferença de acordo com a idade dos informantes, nem em relação às respostas sobre serem reconhecidos como nova-iorquinos, nem sobre a visão das pessoas de fora a respeito do dialeto da cidade. No entanto, os informantes mais jovens não pareciam ter adquirido tamanho sentimento negativo sobre o dialeto da cidade quanto os mais velhos tinham.

Dessa forma, Labov concluiu que “o esforço para escapar da identificação como nova-iorquino, através da própria fala, oferece uma força motivadora para a mudança fonológica (*op. cit.*, p. 338)”.³¹ O tema principal que emergiu desse estudo sobre a avaliação subjetiva dos informantes com relação à própria fala foi a “insegurança lingüística” que, segundo o

³⁰ (...) the middle class shows the greatest linguistic insecurity, and the working class the least. But when we consider the recognition of norms imposed from above by socio-economic hierarchy, which we have called the social significance of the variables, the class groups are ranked in order: middle class highest, working class next, and lower class least. Despite their good knowledge of these unifying norms, the working class speakers show the least tendency to reject their native speech patten in favor of the prestige pattern. (...) the lower class forms an outside group in two senses: 1) many lower classes subjects fall outside the influence of the unifying norms which make New York City a single speech community; and 2) many seem to lack the cultural values which maintain the working class pattern of speech in opposition to massive pressure from above (*op. cit.*, pp. 335-336, *passim*).

³¹ The effort to escape identification as a New Yorker by one’s own speech provides a motivating force for phonological shifts (*op. cit.*, p. 338).

autor, se deve ao padrão lingüístico desprestigiado que envolvia a fala da cidade de Nova Iorque.

Em um comentário acrescentado à Segunda Edição do livro sobre o inglês de Nova Iorque, Labov (2006, pp. 340-341) diz que a forma como o vernáculo nova-iorquino resiste, apesar de contínuas campanhas contra ele, permite que se levantem dúvidas quanto ao efeito das “pressões sociais que vêm de cima”.

1.1.3. A pesquisa sobre o “*Black English*” realizada no *Harlem* em Nova Iorque

Em 1967, enquanto lecionava na Universidade de Columbia, Labov propôs uma pesquisa ao Departamento de Educação Americano, em que objetivava descobrir se o dialeto falado pelas crianças negras do *Harlem* (bairro de Nova Iorque) estava relacionado com o fracasso das escolas em ensiná-las a ler. Segundo Labov (1997 s/p), essa se tornou uma das aventuras intelectuais e sociais mais fascinantes de sua vida, pois, embora os pesquisadores pensassem que entendiam o que os falantes desse dialeto diziam, não tinham nenhuma compreensão do sistema que eles empregavam no uso desse dialeto.

Juntamente com os colegas Paul Cohen, Clarence Robins e John Lewis, Labov iniciou um estudo detalhado de todos os grupos sociais das regiões central e sul do *Harlem*. Assim, com uma combinação de participante observador e análises matemáticas, pela primeira vez, a variação interna que governava aquele comportamento lingüístico foi revelada.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que havia grandes diferenças entre os padrões de fala de negros e de brancos. No entanto, segundo o autor, a causa principal do fracasso na aprendizagem de leitura pelas crianças estava relacionada à depreciação simbólica do vernáculo afro-americano (*African American Vernacular English*), que era parte de um racismo institucionalizado na sociedade americana e que condenava ao fracasso escolar aqueles que faziam uso desse dialeto.

Por causa disso, Labov escreveu um texto chamado “*The Logic of Nonstandard English (1967)*”, no qual defendeu as variedades faladas por comunidades negras, no contexto em que viviam, como perfeitamente adequadas à aprendizagem e para expressar o pensamento lógico.

1.1.4. De Nova Iorque para a Pensilvânia: o desenvolvimento de laboratório de lingüística na Filadélfia

Em 1970, após seis anos como professor na Universidade de Colúmbia, Labov mudou-se para o estado da Pensilvânia, principalmente porque, para ele, o dialeto da Filadélfia oferecia um laboratório ideal para o estudo da mudança nos sons, pois cerca de dois terços das vogais daquela cidade estavam envolvidas num complexo processo de mudança. Na Universidade da Pensilvânia, desenvolveu o Laboratório de Lingüística, um lugar para onde, segundo o autor, iriam pessoas de toda parte para aprender a trabalhar com a língua de uma forma científica e realista. Nas palavras do autor, tem-se uma definição de como sua abordagem ao estudo da língua era executada:

Trabalhamos com um pé na Universidade e outro na comunidade. No curso sobre 'O Estudo da Comunidade de Fala', os alunos aprendem como cruzar a linha que separa a Universidade do mundo em volta. Eles fazem amigos nas comunidades locais, colhem dados sobre a vida social, e os analisam através de técnicas quantitativas (LABOV, 1997, s/p).³²

Labov diz que se essa abordagem empírica fosse, naquela época, a forma dominante de se fazer lingüística e teoria lingüística, ele teria, certamente, perdido a visão da “aventura” acadêmica que uma vez o inspirou. Felizmente, segundo o autor, não era esse o caso: os lingüistas ainda estavam se deleitando com suas idéias e buscando respostas em perguntas feitas a si mesmos.

Essa declaração de Labov sobre os lingüistas dos anos 1960 buscarem respostas em si para questões relativas ao funcionamento da língua deve ser discutida a partir das teorizações de Noan Chomsky (1965), que defendia a tese de que os lingüistas deveriam dar “prioridade à evidência introspectiva e às intuições lingüísticas dos falantes nativos (CHOMSKY, 1965, p. 20 *apud* LABOV, 1971, p. 437)”. Chomsky argumentava que as intuições do lingüista formavam o objeto adequado da Lingüística e que essa área não estaria preparada para estudar a fala real até que se tivesse uma melhor compreensão da competência.

Labov (1971, *op. cit. loc. cit.*) salienta ainda que a metodologia básica da Gramática Gerativa dependia inteiramente da exploração do conceito saussuriano de *langue*, isto é, “se a

³² We work with one foot in the university, and one in the community. In the course on "The Study of the Speech Community", students learn how to cross the line that separates the university from the world around it. They make friends in the local neighborhoods, gather data on social life, and analyze it by quantitative techniques (LABOV, 1997, s/p).

langue é concebida como a parte social da linguagem, em posse de todos os falantes (...), seria possível se obter os dados de qualquer falante, mesmo do próprio lingüista”.

Para o sociolingüista norte-americano, as interpretações equivocadas de Chomsky, que desconsiderou as restrições de Saussure sobre essa declaração, reforçaram as reivindicações para que o foco dos estudos lingüísticos estivesse nas intuições do pesquisador, apontando para a necessidade de que a Lingüística da época desse “prioridade à evidência introspectiva e às intuições lingüísticas dos falantes nativos (CHOMSKY, 1965, p. 20 *apud* LABOV, *op.cit.*, *loc. cit.*).

Na abordagem desempenhada por Labov, a tecnologia desempenha um papel de fundamental importância. Assim, os avanços tecnológicos permitiram-lhe desenvolver equações que davam alguma idéia de como a língua mantém-se em constante mudança e o que motiva essa mudança. Além disso, foi a tecnologia que permitiu o mapeamento das mudanças sonoras em todos os estados dos Estados Unidos, através do Projeto *Telsur* (*telephone survey*), que produziu o *Phonological Atlas of North American English* (2006).

No entanto, para Labov uma teoria apenas se justifica se ela se encaixar nos fatos, sobretudo para alguns fatos, como aqueles que afetam as chances das vidas das pessoas, que são mais importantes do que outros. Por causa disso, no início da década de 1990, organizou outro grupo de pesquisa para retornar ao problema das diferenças entre os dialetos branco/negro na Filadélfia. Os resultados desse estudo mostraram que as diferenças encontradas no *Harlem*, cerca de duas décadas antes, não estavam crescendo menos, pelo contrário, as línguas que brancos e negros falavam em suas casas estavam ficando cada vez mais diferentes uma da outra.

Essa pesquisa se tornou uma reportagem de alcance nacional no noticiário daquele país e, Labov, com base também nas pesquisas de Ted Hershberg, professor de História Social da Universidade da Pensilvânia, pôde usar os fatos para enfatizar que a crescente segregação nas cidades do norte estava privando as comunidades negras de seus recursos básicos e que se corria o risco de criar uma subclasse permanente. Pesquisas posteriores permitiram comprovar que, de fato, essa realidade se concretizava em todas as cidades do país:

(...) enquanto os dialetos brancos continuam a se desenvolver e a divergir uns dos outros, a comunidade negra carente que habita o centro de grandes cidades permanece à margem de tudo isso, e tem desenvolvido uma

gramática nacionalmente uniforme que é cada vez mais distinta daquelas que envolvem os dialetos brancos (LABOV, 1997, s/p).³³

Sobre a questão do “inglês vernacular afro-americano” ou “*Ebonics*”,³⁴ Labov diz que, por volta de 1980, havia um acordo geral de que no século XIX esse dialeto tinha sido muito mais diferente de outros dialetos do inglês e que estava, no final da década de 1970, gradualmente, convergindo com os outros dialetos. Nos anos que se seguiram, a evidência dessa suposição foi colocada em dúvida e novas descobertas mostraram que as principais correntes de mudanças estavam em direções opostas: o “AAVE” estava se tornando não menos, porém mais diferente dos outros dialetos.

Pesquisas sobre a língua de ex-escravos mostraram que algumas das características mais proeminentes do dialeto moderno não estavam presentes no século XIX. Dessa forma, Labov sugere que a forma atual do inglês afro-americano não constitui uma herança do período da escravidão, mas uma criação da segunda metade do século XX.

Segundo Labov, durante os anos 1970-1980, tentativas de se desenvolver um programa para o ensino baseado na estrutura do AAVE foram frustradas (cf. STWART, 1968; SIMPKINS & SIMPKINS, 1980), professores e pais se opuseram ao uso desse dialeto na sala de aula. Essa abordagem visava à transição do AAVE ao inglês padrão, no entanto, se pensava que o uso do primeiro na alfabetização de crianças negras equivalia a um aval para uso do vernáculo negro, isto é, pensavam que tais programas, na verdade, incentivariam as crianças a falar o AAVE, ao invés do padrão.

No entanto, em 1997, a comunidade afro-americana de *Oakland* parece ter sido a primeira a adotar tais métodos à alfabetização de suas crianças, conforme citação:

³³ (...) while the white dialects are continuing to develop and diverge from each other, the black community of the inner city holds aloof from all this, and has developed a nationally uniform grammar that is more and more distinct from that of the surrounding white dialects (LABOV, 1997, s/p).

³⁴ O termo “*Ebonics*”, segundo Labov (1997, s/p), tem sido usado para sugerir que existe uma língua ou características lingüísticas comuns a todas as pessoas de ascendência africana, vivam elas na África, no Brasil ou nos Estados Unidos. Labov usou esse termo em um depoimento feito em 23 de janeiro de 1997, no qual ele diz que os lingüistas que têm publicado estudos sobre a comunidade afro-americana não o utilizaram em seus textos, o que permite inferir que esse termo, dentro dos estudos lingüísticos, tenha sido, primeiramente, utilizado por ele, nessa época. Esse termo, aparentemente, apresenta-se como mais abrangente ao estudo de qualquer língua que tenha características de ascendência africana, diferentemente do bem estabelecido *African American Vernacular English* (AAVE), usado no mundo da língua inglesa. O “AAVE”, um dialeto falado pela maioria dos residentes de regiões carentes localizadas nos centros de grandes cidades, divide a maior parte de sua gramática e vocabulário com outros dialetos do inglês. Mas é distinto em muitas formas e é mais diferente do inglês padrão que qualquer outro dialeto do inglês falado no continente Norte-Americano. Segundo o autor, não se trata de gíria ou de erros gramaticais, mas de um conjunto bem formado de regras de pronúncia e regras gramaticais que são capazes de transmitir argumentação complexa e lógica.

(...) a comunidade afro-americana de *Oakland*, finalmente, decidiu, como um todo, que é hora de parar de culpar as crianças pelo fracasso das escolas, e tempo de melhorar nossos métodos de ensino de leitura usando nosso conhecimento da língua que, de fato, as crianças falam. Depois de trinta anos de esforços, existe, agora, uma possibilidade clara de que o conhecimento que temos ganhado possa ser colocado em prática (...) (LABOV, 1997, s/p).³⁵

No ano de 1987, Labov teve a oportunidade de testar a utilidade da Lingüística em um caso bem incomum nessa área. Tratou-se, conforme argumenta o autor, de um assunto que foi vital para uma única pessoa.

No período dos jogos Pan-americanos de Los Angeles, uma série de ameaças de bombas ao aeroporto daquela cidade foi feita através de repetidos telefonemas. Um carregador de bagagem, chamado Paul Prinzivalli, foi acusado pelo crime e preso, pois os indícios apontavam que sua voz soava igual à registrada nas ligações de ameaças.

A defesa enviou as gravações para Labov, pois pensava que ele seria capaz de distinguir diferentes tipos de sotaques nova-iorquinos: Prinzivalli era de Nova Iorque. Labov diz que no momento em que ouviu as gravações, teve certeza de que o réu era inocente: o homem que fez as ameaças de bombas, claramente, não era de Nova Iorque, mas era da região de Boston, ao leste de *New England*.

O problema, no entanto, segundo Labov, seria provar isso em Corte a um juiz que não conseguia ver nenhuma diferença entre as falas de Nova Iorque e Boston. Segundo Labov, todo o trabalho e toda a teoria que ele havia desenvolvido desde *Martha's Vineyard* fluíram através do depoimento em que ele estabeleceu o fato de que Paul Prinzivalli não tinha, nem poderia ter feito aqueles telefonemas.

Labov diz que se sentiu como se toda sua carreira tivesse sido modelada para fazer o mais efetivo depoimento daquele caso. Em seguida, o juiz perguntou à acusação se realmente queria continuar e se recusou a ouvir outros depoimentos. Conforme argumenta o autor, o juiz declarou o réu inocente das acusações baseado na evidência lingüística, a qual achou “objetiva” e “poderosa”.

Depois disso, Prinzivalli enviou um cartão a Labov dizendo que passou quinze meses na cadeia esperando por alguém que fosse capaz de separar fato de ficção. Labov diz já ter alcançado muitos resultados científicos, mas nada poderia ser mais satisfatório para qualquer carreira científica que separar fato de ficção nesse caso. Dessa forma, ele argumenta que por

³⁵ (...) the African American community of Oakland has finally decided, as a whole, that it is time to stop blaming children for the failure of the schools, and time to improve our methods of teaching reading by using our knowledge of the language that children actually speak. After thirty years of effort, there is now a distinct possibility that the knowledge we have gained can be put to work (...) (LABOV, 1997, s/p).

meio da evidência lingüística, um homem conseguiu sua liberdade e outro pôde dormir com a convicção de que tinha tomado uma decisão justa.

“O que é o sucesso?” Essa é uma das perguntas que Labov perguntava às pessoas em suas primeiras entrevistas realizadas. Uma resposta a essa pergunta dizia que *é descobrir o que se quer fazer, e em seguida conseguir alguém que te pague para fazê-lo*. Outra resposta dizia que *é saber fazer uso de tudo que já aconteceu com você*. Labov diz gostar das duas respostas, mas ele costuma pensar o seguinte: *se uma pessoa tem setenta anos de idade, e pode olhar para trás sem sentir que perdeu seu tempo*, então, teve uma vida de sucesso.

Ao refletir sobre como ele entrou no campo da lingüística, e o que tem feito desde então, Labov diz que se vê como tendo seguido as três idéias ao mesmo tempo. Essa afirmação de Labov parece bastante reveladora de sua trajetória como lingüista e vai ao encontro das argumentações que serão desenvolvidas a seguir.

1.2. A contextualização da gênese das pesquisas e teorias de Labov

1.2.1. Breve panorama histórico-político-social dos Estados Unidos (1950-1980)

Daniel Snowman e Malcolm Bradbury (1981, p. 334) argumentam que se tornou um hábito entre os estudos históricos a divisão do passado em eras convenientemente rotuladas. No entanto, esses autores dizem que a divisão do passado em séculos não é tão arbitrária como se faz parecer.

Esses autores argumentam que apesar das subdivisões eruditas, a história real de cada século, freqüentemente, começa cerca de quinze ou dezesseis anos depois da data oficial de abertura. Dessa forma, Lutero colocou a Reforma em movimento em 1517, a Guerra dos Trinta Anos começou em 1618, o domínio dos Stuarts terminou em 1718 e a era de Luís XIV um ano depois, as Guerras Napoleônicas acabaram em 1815, e o momento fundamental do século XX ocorreu não em 1900, mas em 1914-1918 (primeira guerra mundial).

Mais sedutor ainda, segundo esses historiadores, é pensar a história por década. Dessa forma, é conveniente pensar nos anos 1930, nos Estados Unidos, como uma era de grande “Depressão”, ou nos anos de 1950 como uma era de grande afluência da classe média. Da mesma forma, costumam-se lembrar dos anos de 1960 como um período de grandes conflitos e protestos, e os anos 1970, diferentemente da década anterior, como uma década em que o individual e o local se sobrepuseram ao grupo e ao nacional.

Com base nos argumentos desses autores, este texto se debruçará sobre a compreensão de alguns acontecimentos dos anos que precederam e sucederam as pesquisas desenvolvidas

por William Labov. Sendo a década de 1950, palco de decisões importantes sobre políticas educacionais, a década que antecede suas primeiras pesquisas; a década de 1960, período de desenvolvimento e aplicação de sua abordagem ao estudo da língua, considerada divisora de águas no campo da Lingüística; e a década de 1970, período de consolidação e propagação de suas teorias. Pretende-se, sobretudo, mostrar o reflexo dos acontecimentos desencadeados nesse período na abordagem desenvolvida por esse autor.

1.2.2. O sistema educacional nos anos 1950-1980

Em 1952, Dwight D. Eisenhower, herói da Segunda Guerra Mundial, foi eleito presidente dos Estados Unidos com o *slogan* de que era “tempo para a mudança”. Segundo Roberts & Franklin (1998, p. 459), provavelmente, a nomeação mais importante do presidente eleito foi a de Earl Warren, ex-governador da Califórnia, como Chefe de Justiça do país. A Corte de Warren (1953-1969), como ficou conhecida, anunciou um número de decisões que afetou profundamente a sociedade norte-americana.

O primeiro grande caso que foi decidido sob a determinação de Warren envolvia segregação racial. Uma garota negra, chamada Linda Carol Brown, foi proibida de estudar em uma escola pública em Topeka, Kansas, uma vez que essa escola era destinada apenas para crianças brancas. Seu pai moveu uma ação contra a Secretaria de Educação da cidade, em que alegava que sua filha estava sendo privada de proteção igual perante a lei.

Uma Lei de 1896 determinava que negros e brancos tivessem direito à educação, garantido pela Constituição, de forma “separada, mas igual”. Esse havia sido determinado como o método correto de garantir que todas as crianças daquele país recebessem uma educação igual e adequada nas escolas públicas.

No julgamento do caso de Linda Brown, em 1954, a Corte norte-americana reverteu a decisão anterior, julgando que “no campo da educação pública a doutrina de ‘separada, mas igual’ não tinha lugar. Facilidades educacionais separadas são inerentemente desiguais (ROBERTS & FRANKLIN, *op. cit.*, p. 459)”.³⁶ Dessa forma, a segregação racial nas escolas públicas foi julgada inconstitucional.

Contudo, o processo de integração não aconteceu de forma amistosa em todas as escolas do país. A decisão sobre o caso Brown motivou uma tempestade de protestos, especialmente nos estados do sul, onde sistemas de escolas separadas eram comuns. Em 1956,

³⁶ In the field of public education the doctrine of ‘separate but equal’ has no place. Separate educational facilities are inherently unequal (ROBERTS & FRANKLIN, *op. cit.*, p. 459)

Autherine J. Lucy conseguiu se matricular na Universidade do Alabama e, em 1957, Elizabeth Eckford se tornou a primeira criança negra a entrar no *Little Rock Central High School*, na cidade de *Little Rock*, Arkansas. Esse episódio ocasionou um grande conflito, que seria apenas o primeiro de muitos confrontos no Arkansas, e revelou que a opinião pública sobre essa questão estava bastante dividida.

Outra crise na educação emergiu a partir das críticas de Rudolph Flesch em seu livro intitulado “Por que Johnny não sabe ler (*Why Johnny Can't Read*)”, que alegava que o sistema educacional norte-americano estava fracassando no ensino da leitura às crianças. Outras vozes no movimento por melhorias nas escolas americanas eram Arthur Bestor, com o título “Terrenos escolares baldios (*Educational Wastelands*)”, Albert Lynd, com “Fingimento nas escolas públicas (*Quackery in the Public School*)”, Robert Htchins, com “O conflito na educação (*The Conflict in Education*)” e Admiral Hyman Rickover, com “Educação e liberdade (*Education and Freedom*)”.

Durante os anos de 1960, os *campi* universitários tornaram-se, mais do que nunca, centros de debates e locais de protestos. Um grande número de jovens, atingindo a idade de alistamento, travou uma luta que alcançou vários *campi*, enquanto o país se tornava mais envolvido na Guerra do Vietnã.

Em 1966, James S. Coleman, incumbido pelo governo, publicou “Igualdade de Oportunidade Educacional (*Equality of Educational Opportunity*)”, um estudo referencial que liderou o caminho para a integração forçada nos anos de 1970.

Problemas sobre educação secundária, descobertos nos anos 1950, estavam sendo tratados em livros como “O Ensino Médio Americano de Hoje (*The American High School Today*)”, de James B. Conant. Além disso, um retorno ao ensino das habilidades básicas do pensamento foi visto como sendo parte da solução e a Fonética retornou às escolas de primeiro grau do país, uma vez que especialistas em leitura tentavam consertar o que estava errado com a educação americana nesse período.

Sobretudo, deve-se atentar para o fato de que em 1948 foi celebrada a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, adotada e proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. Essa Declaração, em seu Artigo II, estabelecia que “toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos (...) sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Essas e outras garantias essenciais aos Direitos Humanos, sem dúvida, formariam uma mentalidade voltada para os movimentos sociais em favor dos Direitos Civis, como se tem chamado à atenção nos parágrafos anteriores e como será mostrado a seguir.

1.2.3. As grandes transformações sociais nos anos 1960 e 1970:

“Estamos, hoje, à beira de uma fronteira... uma fronteira de oportunidades e perigos desconhecidos... Peço a cada um de vocês que seja pioneiro nesta Nova Fronteira.”

John Kennedy, 1960

“Passamos por um longo período de agitação e dúvida, mas encontramos novamente nosso curso moral e com novo espírito estamos nos esforçando para expressar nossos melhores instintos ao resto do mundo... Pela primeira vez numa geração, não estamos acossados por uma grande crise internacional ou por agitação doméstica.”

Jimmy Carter, 1978

De acordo com Snowman & Bradbury (1981, p. 335), o início de cada século ou década é, geralmente, relacionado com a história real ou com acontecimentos importantes de cada período. Dessa forma, pode-se arriscar uma data para o início dos acontecimentos importantes nos Estados Unidos da década de 1960.

Sem dúvida, a posse de John F. Kennedy, em 20 de janeiro de 1961, à presidência daquele país marcou o início de uma série de acontecimentos que ficaram marcados na história daquela nação. Acontecimentos que mudaram os rumos das políticas sociais e educacionais e fortaleceram os Direitos Civis. Por isso, os anos de 1960 são geralmente associados às grandes transformações sociais que tiveram início nessa década.

Os anos 1960 é menos uma expressão para o estado da Nação do que uma expressão-guia para um estudo mental – radical, voltado para a juventude, contracultural, de fácil condução, comprometido com as atitudes da nova esquerda, direitos da minoria, consciência negra, drogas, experiência psicodélica, protesto e dissensão. Sem dúvida, muitas pessoas que viveram nos Estados Unidos durante os anos 1960 e 1970 experimentaram uma mudança de tendência geral e expectativa entre as duas eras e sentiram que os primeiros anos foram um período de desgastante otimismo, despedaçado pelos choques do assassinio de Kennedy e King, dos grandes distúrbios em *campi* e urbanos e da catástrofe do Vietnam, enquanto os últimos anos, certamente, viram o retorno gradativo, mudo, a uma vida nacional mais estável, honrosa, embora discreta, na qual os problemas pessoais acabaram predominando sobre os problemas públicos [...] (*op. cit.*, pp. 335-336, *passim*).

Dentre os acontecimentos importantes, destacam-se: o movimento pelos Direitos Civis, que incentivado pelos presidentes John F. Kennedy e, após sua morte, Lyndon B. Johnson, causou grandes mudanças na sociedade norte-americana desse período. Esse movimento pacífico liderado por Martin Luther King contou com a participação maciça de negros e de alguns simpatizantes brancos e judeus.

Não menos importante, porém com objetivo diferente, estava o discurso de Malcolm X, que incentivava o “Nacionalismo Negro” e se opunha ao discurso integracionista de King. Após o assassinato de Malcolm X, em 1965, um grupo chamado “Panteras Negras” foi formado para dar continuidade a sua missão. Nesse mesmo ano, o termo “*blacks*” tornou-se socialmente aceito, substituindo “*Negroes*” considerado racista e depreciativo.

Outro fator que merece ser destacado relaciona-se com os latino-americanos que se viram triplicar, nessa década, tornando-se conhecidos como uma minoria oprimida. Esse fato levou alguns hispânicos a se organizarem no *United Farm Workers Association*.

Além desses, grupos indígenas americanos que nessa década enfrentavam taxas de 50% de desemprego e uma expectativa de vida de dois terços da dos brancos, começaram batalhas por seus direitos em Cortes jurídicas e através de protestos violentos.

O movimento feminista liderado por Betty Friedan, Pauli Murray e Gloria Steinem – *National Organization for Women* – questionou o tratamento desigual dado às mulheres. Como resultado das reivindicações desse movimento, o Ato dos Direitos Civis de 1964 foi emendado para incluir gênero. Devem-se destacar conquistas como: a pílula de controle de natalidade que se tornou amplamente disponível e o aborto por motivo justo que foi legalizado no Colorado e em outros estados em 1967.

Esses movimentos, que reivindicavam direitos iguais às pessoas, não importando as distinções étnicas ou relativas ao sexo dos indivíduos, foram decisivos no encorajamento pelo movimento anti-guerra no Vietnã, que levou milhares de pessoas às ruas num crescente sentimento contra o conflito.

No campo tecnológico houve um salto grandioso. A corrida espacial que começou com os soviéticos em 1957 culminou, entre outras expedições que levaram americanos ao espaço (1961, 1963), com dois americanos pisando em solo lunar em 1969.

John Kennedy demonstrou sua preocupação com essas questões quando, em seu discurso de posse, estabeleceu os rumos de sua administração:

Que se diga a partir deste momento e deste lugar, tanto para amigos quanto para inimigos, que a tocha foi passada para uma nova geração de americanos, nascidos neste século, (...) e não dispostos a testemunhar ou

permitir a lenta anulação daqueles direitos humanos (...). Que cada nação saiba, quer nos queira bem ou mal, que pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer carga, enfrentaremos quaisquer privações, apoiaremos qualquer amigo, nos oporemos a qualquer inimigo a fim de assegurarmos a sobrevivência e o sucesso da liberdade... (KENNEDY, 1961 *apud* SNOWMAN & BRADBURY, 1981, p. 337, *passim*).

Segundo Snowman e Bradbury (*op. cit., loc. cit.*), nos Estados Unidos da década de 1960 havia 180 milhões de habitantes, dos quais um número grande e crescentemente maior era de moradores de subúrbios, que viviam confortavelmente nos arrabaldes das grandes áreas metropolitanas e estavam engajados numa economia cada vez mais consolidada. A título de exemplificação, pode-se citar o espantoso aumento do Produto Interno Bruto daquele país, que saltou de 285 bilhões de dólares, na década de 1950, para 500 bilhões, em meados da década seguinte.

Outro fato bastante significativo a respeito da sociedade americana dessa década, juntamente com sua riqueza sem precedentes, foi o assombroso aumento demográfico que havia começado a se fazer sentir: durante os anos de 1950, a população dos Estados Unidos sofrera um acréscimo de 18,5 por cento, número não igualado desde as grandes ondas de imigração antes da Primeira Guerra Mundial.

No entanto, apesar da substancial prosperidade do país, as famílias que constituíam os 20 por cento da extremidade inferior na percepção de renda, detinham apenas 4,9 por cento de toda a renda daquele país, na década de 1960, enquanto que os 20 por cento da extremidade superior percebiam 42 por cento.

Outra questão apontada por Snowman e Bradbury (*op. cit., p. 335*), que parece adequado discutir em virtude da particularidade desta pesquisa, relaciona-se ao elevado crescimento da população em grandes e novas cidades que se espalhavam pelo sul e pelo oeste, como Houston, Phoenix e San Diego. Por outro lado, cidades antigas da costa leste, como Washington, Nova Iorque, e Filadélfia, especialmente em suas áreas centrais, experimentavam uma grande perda de suas populações, à medida que seus habitantes se mudavam para o sul, para o oeste ou para os subúrbios.

Segundo esses autores, em todo o país, as áreas suburbanas cresciam rapidamente e eram compostas, em sua grande maioria, por brancos. Ao passo que, as áreas centrais do norte, em ampla decadência, tendiam a atrair as populações negras que vinham da zona rural-sul, além de porto-riquenhos e latinos de outros países. Esses novos habitantes se estabeleciam, freqüentemente, em guetos que apresentavam aspectos escassos de higienização, clima de abandono urbano e privação social.

Segundo Snowman e Bradbury (*op. cit.*, p. 346), após a morte de Kennedy, em 1963, Lyndon B. Johnson, seu vice-presidente, assumiu e “construindo sobre os alicerces que Kennedy havia lançado e apelando para a memória de seu antecessor que partira, explorou habilmente o novo consenso para erigir os andaimes do que esperava que viria a tornar-se um grande edifício de reforma social.” Entre as proposições de seu governo estavam os serviços de assistência médica para os idosos, educação, habitação, imigração, desenvolvimento urbano e rural, direitos de voto para os negros, etc.

No governo de Johnson, o movimento pelos Direitos Civis se intensificou e mudou de tática. No início do movimento, os ativistas, predominantemente de base sulina, de inspiração cristã, respeitavam rigorosamente a Lei e eram integracionistas em seus objetivos. Nesse período, em vez de simplesmente boicotar as instalações segregadas, os ativistas negros e brancos haviam começado a utilizá-las, isto é, começaram a sentar-se lado a lado em ônibus e diante de balcões de lanchonetes.

Em 1963, ocorreram confrontos, em cidades sulinas, entre defensores dos direitos civis e comunidades brancas locais e, em agosto desse mesmo ano, um comício com cerca de 250 mil pessoas, realizado em Washington, ouviu Martin Luther King, o maior líder do movimento, falar de seu sonho de ver uma sociedade multirracial.

Contudo, Snowman e Bradbury (*op. cit.*, p. 347) argumentam que aquele otimismo que havia tomado conta dos envolvidos nesse movimento não durou muito depois desse acontecimento. No ano seguinte, cerca de mil estudantes nortistas, de maioria branca, foram para o sul para ajudar nas campanhas de alistamento eleitoral dos negros. Muitos desses ativistas foram molestados por brancos locais e três deles foram mortos. Enquanto isso, no Norte, o *Harlem* irrompia num espasmo de violência destruidora.

Em abril de 1968, Martin Luther King – após militar juntamente com outros líderes dos Direitos Civis, escritores, acadêmicos e estudantes pelo movimento anti-guerra no Vietnã – foi assassinado no estado do *Tennessee*. Em resposta, os grupos ativistas negros, em muitas partes do país, inclusive nas vizinhanças da Casa Branca, lançaram uma furiosa onda de incêndios e saques.

Episódios como esses pareceram menos recorrentes no início dos anos de 1970. Como argumentam Snowman e Bradbury (*op. cit.*, p. 360), “as grandes questões que engajavam os políticos, colunistas, acadêmicos, escritores e cidadãos em geral não eram mais as consideráveis injustiças nacionais e internacionais dos anos de 1960”. Os autores afirmam que a ênfase nessa década foi sobre assuntos que afetavam mais diretamente o indivíduo, conforme citação:

Os preços numa época de inflação e desemprego, a igualdade sexual numa sociedade de domínio masculino, o estado do ambiente físico num país cujos vastos recursos pareciam finitos pela primeira vez. Até mesmo desigualdades palpáveis como a discriminação racial e sexual vieram a ser encaradas menos como questões nacionais do que como questões para a ação local e individual. (...) De um modo geral, porém, os ativistas dos anos 1970 estiveram mais dispostos do que seus equivalentes de uma década antes a travar batalhas num nível local e até mesmo pessoal. (...) Projetos vastos e a política de confronto poderiam ter parecido necessários se o Norte quisesse interagir com o Sul ou se um Johnson ou um Nixon tivesse de ser derrubado como resultado de pressão popular nacional. Mas, se quisesse ter certeza de que o ar ou a água municipal seriam conservados puros ou de que a escola do bairro não demitiria professores homossexuais, então pareceriam apropriadas medidas menos dramáticas. Os anos 1970 foram mais *mudos* do que os anos 1960 (*op. cit.*, pp. 360-361, *passim*).

É importante lembrar que esse momento, início dos anos 1970, vivido pelo povo norte-americano coincidia com um período de alta inflação e o país enfrentava o maior déficit de sua história, conseqüências da Guerra do Vietnã e a crise do petróleo. Além disso, a alta produtividade, apresentada em outros tempos pela indústria americana, despencou no final dos anos de 1960, de modo que a produção doméstica não teve condições de manter-se ao nível da demanda. Esses problemas, conforme argumentam Snowman & Bradbury (*op. cit.*, p. 355), “retiraram a rede de segurança que os afluentes anos de 1960 haviam ajudado a dar aos jovens, aos negros, aos oscilantes e aos irritados, a confiança de desafiar o sistema e correr o risco de perder”.

Dessa forma, Snowman & Bradbury (*op. cit.*, *loc. cit.*) assinalam que quando a situação econômica apertou muitos estudantes, negros e líderes de movimentos acabaram atribuindo maior importância à obtenção de empregos e certificados universitários do que à luta pelas grandes causas ou contra o governo. Como disse um líder radical dos anos de 1960, alguns anos depois: “você não pode fazer uma revolução se tem de ganhar a vida!”. Isso explicaria por que os anos 1970 foram mais mudos que os da década anterior.

Após esse relance sobre os fatos acontecidos nos contextos espacial e temporal que permitiram o surgimento das idéias lingüísticas de William Labov, alguns fatores de ordem socioeconômica e política parecem emergir como objetos para reflexão.

1.2.4. O reflexo do espírito de época nas pesquisas de Labov

O primeiro fator que se quer enfatizar diz respeito à estratificação da sociedade norte-americana em grupos étnicos minoritários (negros, índios, latino-americanos, judeus,

imigrantes europeus), em classes sociais (baixa, operária, média) e em diferença de sexo (homem, mulher). Parece bastante adequado analisar o papel que esses elementos desempenharam nas pesquisas feitas por Labov.

Dessa forma, deve-se observar a hipótese pela qual o autor iniciou suas investigações sobre a estratificação social do (r) em lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque, em meados da década de 1960: “se cada dois subgrupos de falantes da cidade de Nova Iorque estão classificados numa escala de estratificação social, então eles serão classificados na mesma ordem através de seus usos diferenciais do (r)” (LABOV, 1972, p. 44).³⁷

O autor assinalou, na ocasião de sua pesquisa realizada em *Martha's Vineyard*, que dentre as três propriedades mais úteis de uma variável lingüística para servir de enfoque para o estudo de uma comunidade de fala, uma era: “a distribuição da característica deve ser altamente estratificada: isto é, nossas investigações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica sobre uma grande gama de níveis de idade ou outros estratos ordenados da sociedade (*op. cit.*, p. 8).”³⁸

É evidente a opção de Labov por contemplar em suas pesquisas as classes *baixa*, *operária* e *média* e os grupos minoritários. Assim, em sua pesquisa de *Martha's Vineyard* escolheu como informantes 40 habitantes da parte superior da ilha (habitada por 1.717 pessoas) e apenas 29 da parte inferior (habitada por 3.846 pessoas), embora acima de dois terços das pessoas vivessem nessa parte.

O autor argumenta que sua amostragem foi proporcional à área e não à população. Entretanto, deve-se sublinhar o fato de, na parte superior da ilha, estarem representados os grupos mais pobres, como os pescadores e os descendentes de indígenas. Em sua pesquisa foram contemplados os três grupos étnicos principais: 42 descendentes de ingleses, 16 lusoafricanos (dos Açores e Cabo Verde) e 9 indígenas.

Finalmente, deve-se observar a constatação do autor em relação à centralização dos ditongos (ay) e (aw), objeto de sua investigação: “a centralização é mais alta na parte superior da ilha que na parte inferior, (...) observamos que, de todos os grupos ocupacionais, os pescadores apresentaram a maior centralização” (*op. cit.*, p. 29).³⁹

³⁷ If any two subgroups of New York City speakers are ranked in a scale of social stratification, then they will be ranked in the same order by their differential use of (r) (LABOV, 1972, p. 44).

³⁸ The distribution of the feature should be highly stratified: that is, our preliminary explorations should suggest an asymmetric distribution over a wide range of age levels or other ordered strata of society (*op. cit.*, p. 8).

³⁹ Centralization is higher up-island than down-island (...) we note that of all the occupational groups fishermen show the highest centralization (*op. cit.*, p. 29).

Sua conclusão foi, portanto, que o forte aumento na centralização iniciou-se na parte superior da ilha, entre os pescadores de *Chilmark*, sob a mesma influência em que os poucos residentes de *Edgartown*, que dividiam as mesmas orientações sociais, produziram resultados semelhantes.

Os questionamentos de Raven I. MacDavid (1968 [1911-1984]), em sua revisão de Labov (1966a), poderão reforçar os argumentos apresentados neste capítulo. MacDavid é considerado um dos pioneiros nesse tipo de pesquisa que busca correlacionar fatos lingüísticos com fatores sociais (cf. SHUY, 2003; KOERNER, 2002, p. 261). A título de exemplificação, pode-se citar sua pesquisa sobre a “análise social” do “*Post-Vocalic /-r/ in South Caroline* (1948)”.

No entanto, MacDavid questionou a ausência de certos grupos – como “o grupo dos protestantes brancos, que ainda constitui uma grande parte da classe alta nova-iorquina (...) e possuem outros modelos de prestígios que não são os de Labov” (MACDAVID, 1968, p. 379 *apud* KOERNER, 2002, p. 262)⁴⁰ – na pesquisa que Labov realizou em Nova Iorque. De fato, nessa pesquisa o autor deixou de fora não apenas o grupo dos protestantes brancos da classe alta, mas toda a classe alta.

Pode-se argumentar que a opção de Labov pelas classes *média*, *operária* e *baixa* é pouco arbitrária, já que seu enfoque principal está no fato da mudança lingüística e se sabe que essas classes, nessa mesma ordem, são as principais responsáveis pelo desencadeamento e propagação da mudança. Entretanto, poucas tentativas haviam sido feitas em estudar o vernáculo dessas pessoas.⁴¹ Deve-se lembrar que a corrente lingüística dominante na época tinha em Noan Chomsky (1928-), e sua teoria sobre “o falante-ouvinte ideal em uma comunidade de fala completamente homogênea” (CHOMSKY, 1965, p. 3),⁴² seu principal expoente.

Como observado anteriormente, a sociedade americana da década de 1960 atravessava um período de crescentes problemas relacionados com a discussão da segregação racial, educação e estrutura social. Esses problemas eram claros o suficiente e áreas como a Antropologia, a Sociologia e a Lingüística buscavam compreendê-los e solucioná-los. Segundo Roger Shuy (2003, pp. 5-6), a Antropologia americana sempre reconheceu a língua como uma área do seu domínio, provavelmente por causa de sua importância nos estudos indianistas americanos.

⁴⁰ The old stock white Protestants, who still make up a very large portion of the New York upperclass (...) and have other prestige models than Labov’s (MACDAVID, 1968, p. 379 *apud* KOERNER, 2002, p. 262).

⁴¹ Alguns estudos pioneiros na Europa serão citados no Capítulo 2 desta Dissertação.

⁴² The ideal speaker-listener in a completely homogeneous speech community (CHOMSKY, 1965, p. 3).

Devem-se destacar os trabalhos de sociólogos como Paul Hanly Furfey (1896-1991), da *Catholic University of America* em Washington, e seus estudos sobre o inglês afro-americano, a partir dos anos 1930, e de seus alunos do doutorado, George Nelson Putnam (1909-1991) e Edna M. O'Hern (1919-), que desenvolveram pesquisas de campo sobre o vernáculo afro-americano. Os resultados de suas pesquisas foram organizados numa série publicada pela *Linguistic Society of America*, como (PUTNAM & O'HERN, 1955) (cf. KOERNER, 2003, p. 269).

De fato, os anos 1960 demandavam uma lingüística realista, o que, segundo Labov (1972, p. xviii), representava um prospecto remoto, já que a maioria dos lingüistas tinha se voltado para a contemplação dos seus próprios idioletos. Entretanto, se a Antropologia e a Sociologia buscavam compreender os estratos sociais através do estudo dos traços que caracterizam sua linguagem, tarefa pertencente ao domínio da Lingüística, logo, esta não poderia se omitir diante de tal provocação.

O objeto de estudo dessa Lingüística não poderia, no entanto, ser um “falante-ouvinte ideal”, imaginado em uma comunidade de fala completamente homogênea, mas uma língua que servisse a uma comunidade lingüística complexa, isto é, real, onde a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria considerada disfuncional (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 36).

Se a Lingüística era capaz de lidar com padrões lingüísticos tão diferenciados e de ampliar suas fronteiras para o estudo da língua no contexto social através de observações em comunidades de fala, então, seria, igualmente, capaz de observar quão diferentes são os padrões lingüísticos empregados por homens e mulheres em suas interações cotidianas. Isto é, o quanto a diferenciação entre os sexos seria capaz de afetar o sistema lingüístico e de que forma homens e mulheres mudam a língua.

O que se quer argumentar é que a Lingüística não poderia se anular diante das diferenças de sexo no uso da língua numa década em que o movimento feminista desempenhou um papel fundamental no debate pelos Direitos Civis, tendo visto suas reivindicações virarem Lei com a emenda ao Ato dos Direitos Civis de 1964.

Tanto na pesquisa de *Martha's Vineyard* quanto na de Nova Iorque, Labov correlacionou a variável sexo com as causas da variação e da mudança. Mais do que isso, suas pesquisas mostraram que homens e mulheres usam a língua diferentemente, mas que as mulheres são mais conservadoras e mais sensíveis às variantes de prestígio:

No discurso cuidadoso as mulheres usam menos formas estigmatizadas que os homens (LABOV, 1966a, p. 288), e são mais sensíveis que os homens ao padrão de prestígio. (...) Aqui o padrão (ing) para as mulheres de classe média baixa mostram um menor uso da forma não-padrão que aquelas da classe média alta em geral (...). Exceto por uma pequena porcentagem de formas de [in] em discurso casual, as falantes da classe média usam exclusivamente a forma padrão [inj]. Aqui, como em outros lugares, fica claro que as mulheres são mais sensíveis que os homens para demonstrar valores sociolingüísticos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolingüística avançada em seus discursos casuais, elas corrigem mais claramente que os homens em contextos formais (LABOV, 1972, p. 243).⁴³

É importante ressaltar que a preocupação principal de Labov sempre foi compreender as causas da variação e da mudança lingüística. No entanto, esse autor compreende a comunidade de fala como a mais importante realidade social. Dessa forma, para ele, a noção de um “fato social” – de que a língua existe na comunidade, exterior ao indivíduo – é seu tema central. A forma pela qual esse “fato social” é apreendido pelo indivíduo falante e a maneira como ele muda através do tempo constituem o alvo central de sua abordagem (cf. LABOV, 2006, p. 350).⁴⁴ É a sociedade que muda a língua, porém, como se viu, homens e mulheres desempenham papéis diferentes nesse sentido.

Como observado anteriormente, o movimento pelos Direitos Civis provocou mudanças dramáticas no modo de vida da sociedade norte-americana nos anos 1960. As minorias se juntaram e se fizeram ser notadas. Entretanto, as substanciais conquistas que esses movimentos vinham tornando possíveis não diminuía a miséria que dominava os centros das grandes cidades. A grande explosão demográfica que teve início na década anterior elevou enormemente o número das populações das novas cidades e ocasionou a perda das populações de cidades antigas que atraíam, por outro lado, em suas áreas centrais, populações negras sulistas e imigrantes latinos.

Foi esse um dos contextos em que Labov realizou as mais importantes pesquisas. Entre os anos 1963 e 1966, o autor realizou pesquisas sobre os dialetos falados na cidade de

⁴³ In careful speech, women use fewer stigmatized forms than men, (Labov 1966a:288), and are more sensitive than men to the prestige pattern. (...) Here the (ing) pattern for lower-middle-class women show a smaller use of the nonstandard form than that of the upper middle-class as a whole (...). Except for a small percentage of [in] forms in casual speech, middle-class female speakers use the standard [inj] form exclusively. Here and as elsewhere, it's clear that women are more sensitive than men to overt sociolinguistic values. Even when women use the most extreme forms of an advancing sociolinguistic variable in their casual speech, they correct more sharply than men in formal contexts (LABOV, 1972, p. 243).

⁴⁴ Essa definição de língua como um fato social, tributária a Saussure sob a inspiração da Sociologia de Durkheim, adotada por Labov é reelaborada por este, ainda que de forma confusa e meio perdida, conservando a concepção de um indivíduo clivado. Essa re-elaboração feita por Labov será discutida no capítulo quatro, em que será discutida, também, a ação do indivíduo e da sociedade sobre a língua, de acordo com as concepções de Whitney, Saussure, Meillet e Labov.

Nova Iorque. Esse trabalho que constituiu sua tese de doutorado mostrou que o inglês falado naquela cidade obedecia ao padrão de estratificação social que caracterizava aquela sociedade, isto é, pessoas pertencentes a classes sociais distintas usavam a língua diferentemente.

Em 1967, o *Harlem*, região central de Nova Iorque, foi o espaço em que ele, através de um projeto apresentado ao Ministério da Educação, analisou as dificuldades de aprendizagem de leitura por crianças negras. Essa pesquisa mostrou as diferenças estruturais entre os dialetos afro-americano e branco, mas, o mais importante, mostrou que essa diferença era resultado de um racismo institucionalizado naquela sociedade, que impedia o progresso das crianças que usavam o dialeto negro.

De fato, parece ser fundamental analisar as idéias lingüísticas de William Labov correlacionando-as com o contexto em que suas pesquisas se desenvolveram, isto é, com os acontecimentos que se desenrolavam concomitantemente. Labov testemunhou grande parte dos acontecimentos importantes desse período. Vivendo em Nova Iorque desde sua adolescência e lecionando na Universidade de Colúmbia de 1964 a 1970, tinha completa consciência de todos os movimentos contra a segregação nas escolas, em favor do direito de igualdade entre as raças, os sexos, e pela amenização da estratificação social que perpassava a vida dos habitantes daquela cidade e do país de maneira geral.



Este esquema é meramente ilustrativo do contexto de emergência dos estudos de Labov. Não pretende, portanto, medir o grau de influência que esses elementos tiveram na constituição de suas teorizações. O item *interação acadêmico-intelectual*, presente no esquema, será discutido no segundo capítulo desta Dissertação, que tratará do surgimento da Sociolingüística, sua presença aqui se deve ao fato de estar relacionado ao contexto mencionado.

Em um texto de 1997, Labov reconhece a importância que os anos 1960 tiveram para o desenvolvimento de seus estudos e o papel desempenhado por alguns grupos. Ao relembrar esse período de grande proeminência para suas pesquisas, o autor sente pesar ao constatar que os informantes de suas pesquisas, em particular os jovens negros do *Harlem*, nunca tenham se beneficiado delas, mas sucumbiram diante da criminalidade que circundava aquelas áreas que apresentava clima de abandono urbano e privação social como nos casos mencionados.

Por mais que tenhamos ganhado terreno para esse posicionamento teórico, o fato triste é que os *Cobras* e os *Jets* dos anos 1960 nunca se beneficiaram com nosso trabalho; dez anos mais tarde soubemos que muitos deles estavam drogados, em prisões ou mortos. (...) e ainda não pagamos nossa dívida com os jovens que nos ajudaram na nossa caminhada (LABOV, 1997, s/p).⁴⁵

Essa declaração de Labov reforça os argumentos apresentados anteriormente e endossa a tese de que o contexto de emergência de suas pesquisas e teorizações iniciais influenciou grandemente suas escolhas por determinados temas (*e.g.* o estudo do vernáculo afro-americano e do vernáculo das classes baixa e trabalhadora).

Fatores como esses foram determinantes para o desenvolvimento do campo de estudo em que ele sempre foi seu principal representante. Koerner (2002, p. 269) ainda realça a questão do enorme financiamento que Labov e seus associados receberam durante esse período destinado ao estudo do que ficou conhecido como “*Black English*” e à busca de soluções para o problema de leitura de crianças negras, pesquisas em que Labov foi proeminente.

⁴⁵ But as much as we have gained ground for this theoretical position, the sad fact is that the *Cobras* and the *Jets* of the 1960s never benefited from our work; ten years later we learned that many of them were shot up, in prison or dead. (...) and we have not yet repaid our debt to the youth who helped us on our way (LABOV, 1997, s/p).

CAPÍTULO 2

WILLIAM LABOV E A ORIGEM DA SOCIOLINGÜÍSTICA NORTE-AMERICANA

Escrevendo em uma época de crescente consciência nacional, os autores tenderam a constatar que a língua é a expressão dos valores ou do espírito de um povo. Em conseqüência, demonstraram pouco interesse no estudo das variedades da língua falada por diferentes grupos sociais dentro da mesma nação.

Peter Burke⁴⁶

É um truismo dizer que a história da lingüística não pode ser estudada no vácuo, simplesmente como uma sucessão de teorias sobre a linguagem, divorciadas do clima geral de opinião no qual foram formuladas. Seu contexto deve também incluir o conhecimento de como as outras disciplinas, tanto as vizinhas quanto as distantes, estavam naquele determinado ponto do tempo.

Konrad Koerner⁴⁷

2.1. Os primeiros estudos sócio-lingüísticos na Europa e nos Estados Unidos

2.1.1. A contribuição da Lingüística

A sociolingüística como campo de estudo ou como disciplina acadêmica teve seu desenvolvimento a partir da década de 1960, nos Estados Unidos. Sem dúvida o interesse pelos aspectos sociais da linguagem, isto é, na interação entre língua, estrutura e funcionamento da sociedade, esteve presente nas discussões de outras épocas. Deve-se, contudo, dizer que seu estudo formal e organizado pode ser relacionado com o período mencionado anteriormente.

Konrad Koerner (1996, p. 57) diz que dos “*insights* advindos da História das Idéias (...) provêm apenas um reconhecimento generalizado de que as teorias lingüísticas não se desenvolvem em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica”. Dessa forma, um estudo sobre o surgimento e desenvolvimento da Sociolingüística, como subárea do conhecimento lingüístico, no campo da Lingüística, deve mostrar a interação dessa disciplina com outras áreas do conhecimento humano que compreendiam o estudo da língua e da sociedade como algo indissociável.

⁴⁶ BURKE, Peter & PORTER, Roy (Orgs.). *Linguagem, Indivíduo e Sociedade*. São Paulo: UNESP, 1993, p. 9. Trad. de Álvaro Luiz Hattnher.

⁴⁷ KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia Lingüística. In: *Revista da ANPOLL*, Nº 2, pp. 45-70, 1996.

Devem-se reconhecer, além disso, os esforços daqueles cuja compreensão da língua rompeu com a visão, geralmente associada com as idéias propostas por August Schleicher (1821-1868) e Max Müller (1823-1900), de que os estudos sobre a linguagem deveriam ser localizados dentro das ciências naturais e de que a língua deveria ser tratada como um organismo vivo. Konrad Koerner (2002, p. 259) cita os estudos de William Dwight Whitney (1827-1894) nos Estados Unidos, de Michel Bréal (1832-1915) na França, de Hermann Paul (1846-1921) na Alemanha, de Baudouin de Courtenay (1846-1929) na Rússia, entre outros, como sendo pioneiros nos estudos dessa natureza. Para esses estudiosos, o estudo da língua não deveria ser comparado aos das ciências da natureza, mas reivindicavam que seu estudo deveria ser realizado da mesma forma que os estudos dos objetos das ciências sociais.

Da mesma forma, Saussure (2006, pp. 11-12), reconhecendo os esforços dos fundadores da escola neogramática, como Karl Brugmann (1849-1919), Hermann Osthoff (1847-1909), Wilhelm Braune (1850-1926), Eduard Sievers (1850-1932), Hermann Paul (1846-1921) e August Leskien (1840-1916), declarou que graças a eles “não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos lingüísticos. (...) pois a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam”.

Saussure (2006, pp. 11-12; 17-18) cita ainda o trabalho pioneiro de Whitney, para quem a língua é uma “instituição social” da mesma forma que todas as outras. Por causa disso, Koerner (*op. cit.*, p. 260) argumenta que a influência de Whitney, Paul e Baudouin de Courtenay, em Saussure, sugere que esse não precisou de Durkheim para ser capaz de caracterizar a língua como um “fato social”.

Calvet (2006, p. 17) traça um percurso histórico que parte da conceituação de língua feita por Antoine Meillet (1866-1936), ex-aluno de Saussure, aos estudos de Alf Sommerfelt (1892-1965) e Marcel Cohen (1884-1974). Dessa forma, no mesmo período em que Meillet, enquanto trabalhava no jornal de Emile Durkheim *L'année de sociologique*, definia sua conceituação de língua como um fato social, Raoul de la Grasserie, em um artigo denominado “*De la sociologie linguistique*”, de 1909, lançou a idéia de “sociologia da linguagem”. Enquanto Meillet insistia no caráter social da língua, Grasserie sugeria o exame de “ações e reações recíprocas entre a sociedade e a língua”. Dessa forma, Calvet argumenta que boa parte do que se discute hoje sobre essas questões já estava posto naquela época, porém, esses trabalhos eram desenvolvidos independentes um do outro, sem relação aparente.

Calvet (*op. cit.*, p. 18) argumenta que, embora Meillet (que é geralmente visto como tendo elaborado conceitos básicos para os estudos sociolingüísticos) tenha desfrutado de

grande prestígio acadêmico, jamais elaborou uma teoria lingüística baseada no conceito de língua como um “fato social”. Jamais, ao menos, usou qualquer expressão parecida com “lingüística sociológica”, “sociologia lingüística”, “sociologia da linguagem” ou “sociolingüística”. Entretanto, como se observará a seguir, a conceituação de língua dada por Meillet e a forma como ele compreendia o processo da mudança lingüística foram fundamentais no desenvolvimento de pesquisas feitas por seus ex-alunos em estudos dessa natureza. A definição de língua e de mudança lingüística nas palavras de Meillet é a que se segue:

Mas, do fato de que a linguagem é uma instituição social, resulta que a lingüística seja uma ciência social, e o único elemento variável no qual se pode recorrer para compreender a mudança lingüística é a mudança social, cujas variações da linguagem são somente as conseqüências por vezes imediatas e diretas, e mais freqüentemente mediatas e indiretas. (...) nunca são os fatos históricos em si que determinam diretamente as mudanças lingüísticas, e são somente as mudanças de estrutura da sociedade que podem modificar as condições de existência da linguagem. Será necessário determinar a qual estrutura social corresponde uma dada estrutura lingüística e como, de maneira geral, as mudanças de estrutura social se traduzem por mudanças de estrutura lingüística (MEILLET, 1948[1906], pp. 17-18, *passim*).⁴⁸

Em 1938, o lingüista norueguês Alf Sommerfelt, ex-aluno de Meillet, apresentou as primeiras descrições sócio-lingüísticas de uma língua. Sommerfelt inicia seu livro “*La Langue et la Société: caractères sociaux d’une langue de type archaïque*” dizendo que seu trabalho era uma tentativa de se estabelecer uma “lingüística sociológica”.

Como a língua é um fato social comparável à religião, aos princípios ou regras da Lei, é óbvio que se deveria estudá-la da mesma forma que a esses, o que equivale a dizer que se deveria utilizar os mesmos métodos gerais da Sociologia os quais conciliariam com os métodos específicos da Lingüística (SOMMERFELT, 1938, p. 6 *apud* CALVET, 2006, p. 18).⁴⁹

⁴⁸ Mais du fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale, et le seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social dont les variations du langage ne sont que les conséquences parfois immédiates et directes, et le plus souvent médiates et indirectes. (...) ce ne sont jamais les faits historiques eux-mêmes qui déterminent directement les changements linguistiques, et ce sont les changements de structure de la société qui seuls peuvent modifier les conditions d’existence du langage. Il faudra déterminer à quelle structure sociale répond une structure linguistique donnée et comment, d’une manière générale, les changements de structure sociale se traduisent par des changements de structure linguistique (MEILLET, 1948[1906], pp. 17-18).

⁴⁹ As language is a social fact comparable to religion, morals or rules of Law, its obvious that one should study it in the same way as the latter, which is to say that one should use the same general methods of sociology which one combines with the specific methods of linguistics (SOMMERFELT, 1938, p. 6 *apud* CALVET, 2006, p. 18).

Nesse trabalho Sommerfelt cita Meillet, a cuja memória o trabalho é dedicado. Mais especificamente, ele se apóia em Durkheim (1858-1917), Mauss (1872-1950), Malinowski (1884-1942), Lévy-Bruhl (1857-1939) e Radcliffe-Brown (1881-1995), os maiores sociólogos e antropólogos da época.

Outro ex-aluno de Meillet, Marcel Cohen, também se dedicou a compreender as relações entre língua e sociedade. Segundo Calvet (*op. cit.*, p. 20), em seu livro “*Matériaux pour une sociologie du langage* (1956)”, Cohen dedicou-se à compreensão de temas variados como “língua e grupos sociais”, “língua da cidade”, “língua do campo”, “língua distinta”, “língua comum”, a disseminação da “língua dos conquistadores” e “contato lingüístico”. Todos esses temas se desenvolveriam mais tarde dentro da ampla subárea de estudos denominada de Sociolingüística.

Como se vê, embora Meillet não tenha se dedicado a estudar os aspectos sociais da língua, a forma como ele compreendia a natureza desse objeto foi transferida para seus alunos que buscaram desenvolver abordagens para o estudo da língua com relação à vida social. Não obstante, Konrad Koerner (2002, p. 263; 267) inclui Joseph Vendryes (1875-1960) e André Martinet (1908-1999) entre os ex-alunos de Meillet que desenvolveram importantes estudos sobre mudança lingüística.

Vendryes compartilhava profundamente das visões do mestre sobre a natureza social da linguagem e do desejo de estabelecer uma lingüística sociológica. Segundo Koerner, sua preocupação, assim como a de Meillet, era apontar as causas da mudança lingüística e não simplesmente descrever o mecanismo da evolução lingüística, prática comum entre os mais tradicionais lingüistas históricos indo-europeístas. A visão de Vendryes pode ser percebida através da seguinte citação: “a língua é, assim, o fato social por excelência, o resultado do contato social. Ela tem se tornado um dos mais fortes laços que une as sociedades e deve seu desenvolvimento à existência do grupo social” (VENDRYES, 1951, p. 11 *apud* LABOV, 1991[1972], p. 263).⁵⁰

Martinet desenvolveu estudos sobre seu dialeto nativo, publicado em 1946. Além disso, deve-se enfatizar o fato de que esse lingüista sempre esteve, particularmente, interessado em estudos sobre a mudança lingüística, interesse que sem dúvida, passou para Weinreich e deste para Labov. No entanto, é preciso que algumas questões sejam pontuadas sobre as argumentações de Koerner (2002), mencionadas acima. Na verdade, a importância de

⁵⁰ Language is thus the social fact par excellence, the result of social contact. It has become one of the strongest bonds uniting societies, and it owes its development to the existence of the social group (VENDRYES, 1951, p. 11 *apud* LABOV, 1991[1972], p. 263).

Martinet nos estudos sociolingüísticos atuais acontece de forma indireta. A preocupação desse autor foi com as causas internas da mudança e não com as causas externas. No entanto, como se sabe que os dois fatores existem e desempenham ações complementares no processo da mudança. Os estudos feitos por Martinet foram grandemente importantes para as pesquisas iniciais feitas por Labov sobre a mudança sonora no dialeto da ilha de *Martha's Vineyard* e Nova Iorque, além de estudos posteriores sobre esse tema.

Koerner (*op. cit.*, pp. 263-264), procurando estabelecer uma conexão entre o pensamento de Whitney e o desenvolvimento da Sociolingüística, desenvolve algo que ele chama de “genealogia”. Como se poderá perceber, a conceituação de fala feita por William Whitney certamente influenciou Ferdinand de Saussure e sua conceituação do objeto da Lingüística (cf. SAUSSURE, 2006[1916], pp. 21; 27). Koerner (*op. cit.*, p. 260), assim, reconstitui o pensamento sociolingüístico atual – através de Saussure que fez referências a Whitney – através da seguinte passagem, retomada por Labov (1991[1972], p. 261):

A fala não é uma posse particular, mas social: ela pertence não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade. Nenhum item de uma língua existente é fruto do esforço de um indivíduo; pois o que individualmente escolhemos dizer não é língua até que seja aceito e empregado por nossos compatriotas. Todo o desenvolvimento da fala, embora iniciado por atos de indivíduos, é forjado pela comunidade (WHITNEY, (1971[1867], p. 100).⁵¹

Como se observará no capítulo quatro desta Dissertação, essa conceituação elaborada por Whitney será adotada e reelaborada por Saussure, sob a inspiração do conceito de “fato social” de Durkheim.

Durante os anos em que Saussure lecionou em Paris, um de seus alunos mais distinto era Antoine Meillet (1866-1936). Dessa forma, dando seqüência a genealogia proposta por Koerner, o lingüista suíço será conectado ao lingüista francês. Meillet, que sempre se interessou pelo estudo da mudança lingüística, teve André Martinet (1908-1999) como aluno. Este lingüista escreveu sobre seu dialeto nativo e se interessou em explicar as causas da mudança lingüística.

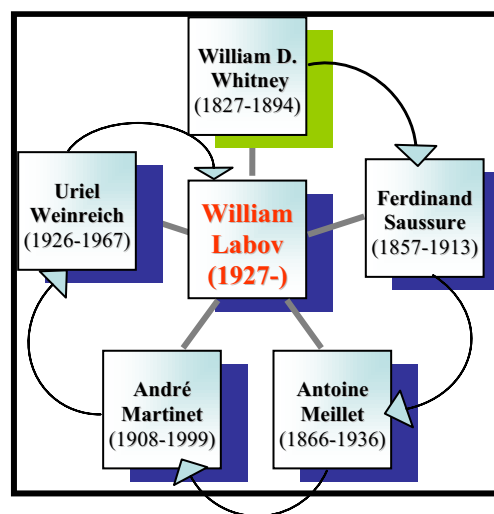
Martinet se mudou para os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial e, enquanto lecionava na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, orientou Uriel Weinreich (1926-1967) em suas pesquisas de Mestrado e Doutorado. Weinreich teve sua tese de doutorado (1951) transformada em livro em 1953, com o título de *Languages in Contact*, que

⁵¹ Speech is not a personal possession but a social: it belongs, not to the individual, but to the member of society. No item of existing language is the work of an individual; for what we may severally choose to say is not language until it be accepted and employed by our fellows. The whole development of speech, though initiated by the acts of individuals, is wrought out by the community (WHITNEY, (1971[1867], p. 100).

tratava de estudos sociogeográficos e de bilingüismo. Finalmente, William Labov, considerado a figura central na pesquisa sociolinguística a partir da década de 1960, concluiu seu mestrado (1963) e doutorado (1966) sob a orientação de Weinreich.

Essa “genealogia” proposta por Koerner se assemelha a uma “corrente de influências” que, devido às relações acadêmicas desses lingüistas e às conceituações e abordagens semelhantes que eles propuseram, vai de Whitney a Labov e aos estudos sociolinguísticos contemporâneos.

De Whitney a Labov (elaborado a partir das argumentações de Koerner 2002, p. 264)



A proposta de Koerner, embora reconhecida pelo autor como muito simplista, é, contudo, digna de consideração, uma vez que Labov, freqüentemente, faz referência aos trabalhos de Whitney, Saussure, Meillet, Martinet, entre outros, geralmente, com muito entusiasmo. Sobretudo, ao analisar sua trajetória como lingüista e suas teorias para o estudo da língua no século XX, Labov (1991[1972], pp. xiv-xv) diz não saber, ao certo, quais idéias trouxe para a Lingüística e quais adquiriu de Weinreich. Porém, as argumentações de Koerner não devem ser tomadas como conclusivas e com implicações necessárias das relações intelectuais que são passadas de um professor para seu aluno e, assim, sucessivamente. Além disso, é notório que alguns desses autores são mais admirados por Labov, mas não parece haver um meio de medir o quanto cada um tenha influenciado as teorizações do sociolinguista norte-americano.

No interior dessa discussão sobre a visão da Lingüística que compreende a língua como um “fato social”, Labov (*op. cit.*, p. 266) apresenta uma dicotomia que divide em dois grupos principais os maiores lingüistas dos séculos XIX e XX. No Grupo A, “o grupo social”, estão localizados os lingüistas que levariam em consideração fatores sociais ao explicar o

funcionamento da língua, e, no Grupo B, ou “associal”, os lingüistas que focalizam suas explicações em fatores puramente internos, estruturais ou psicológicos.

Para o primeiro grupo o autor elencou lingüistas como William D. Whitney (1827-1894), Hugo Schuchardt (1842-1927), Antoine Meillet (1866-1936), Joseph Vendryes (1875-1960), Otto Jespersen (1860-1943) e Edgar H. Sturtevant (1875-1952). No segundo grupo foram reunidos Hermann Paul (1846-1921), Henry Sweet (1845-1912),⁵² Nikolai Troubetzkoy (1890-1938), Leonard Bloomfield (1887-1949), Charles Hockett (1916-2000), André Martinet (1908-1999),⁵³ Jerzy Kurylowicz (1895-1978), Noan Chomsky (1928) e Morris Halle (1923).

A qual dos grupos pertenceria, pois, Saussure, o mais influente lingüista do século? – interroga Labov. O autor não hesita em dizer que a definição saussuriana de *langue* como *la partie sociale du langage, extérieure à l'individu ... elle n'existe qu'en vertu d'une sorte de contrat passe entre les membres de la communauté* (SAUSSURE, 1962, p. 31 *apud* LABOV, *op.cit.*, p. 266), o posiciona no Grupo A.

A questão fundamental levantada por Labov nessa discussão visava compreender o seguinte: sendo Saussure o lingüista mais influente do século XX, Meillet um dos mais proeminentes lingüistas históricos, e Jespersen cujas teorias vinham sendo estudadas e citadas com grande entusiasmo, por que o “Grupo A” não foi o elemento dominante na lingüística do século XX?.

Em 1905, Antoine Meillet previu que o século XX seria devotado ao estudo da mudança lingüística no contexto social em que a língua está inserida. Labov (*op. cit.*, p. 267) assinala que isso, definitivamente, não aconteceu. Na verdade, ele diz que “quase” não houve estudos empíricos sobre a mudança lingüística nos 50 anos que sucederam a declaração de Meillet. O “Grupo B” dominou a teoria e a prática lingüística nesse período, e o motivo, segundo Labov, se devia ao fato de que a maioria dos lingüistas desse período concordaria

⁵² Essa separação feita por Labov visa colocar de um lado os lingüistas que utilizaram uma abordagem social ao estudo da língua e do outro o grupo que utilizou uma abordagem associal. No entanto, alguns nomes que figuram entre os lingüistas do segundo grupo foram igualmente importantes no desenvolvimento de seus estudos. Labov se declara grande admirador de Henry Sweet (1845-1912) e foi, de certa forma, influenciado por ele, conforme argumentação apresentada no primeiro capítulo desta Dissertação. Algumas de suas próprias descobertas sobre os princípios gerais da mudança lingüística são uma versão moderna do que Sweet sugeriu em 1888.

⁵³ As idéias de Martinet (1952; 1955) sobre as motivações internas (estruturais) que condicionam e propagam a mudança lingüística foram, igualmente, de grande proveito na ocasião dos estudos iniciais de Labov. Na apresentação de seu texto sobre o dialeto falado na ilha *Martha's Vineyard* (1963), Labov afirma que muitas das idéias de Martinet (1955) que encontraram confirmação empírica através das investigações de Moulton (1962) sobre os dialetos suíço-alemão motivaram fortemente algumas das interpretações de seu estudo. Além disso, em seu estudo sobre os dialetos de Nova Iorque (1966), o autor afirma que o ponto de vista de Martinet (1955) foi apoiado por várias evidências em seu estudo e muitas referências foram feitas às análises de Martinet sobre as pressões estruturais que condicionam a mudança sonora (cf. LABOV, 1991[1972], p. 2; LABOV, 2006[1966], pp. 10-13, 32, 345, 359 e 377).

com Noan Chomsky, que havia tomado como objeto da descrição lingüística “um falante-ouvinte ideal numa comunidade de fala completamente homogênea” (CHOMSKY, 1965, p. 3 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 267).

Os anos 1960 presenciaram, no entanto, o surgimento da Sociolingüística, uma disciplina que se desenvolveu dentro da área da Lingüística. Essa nova subárea de estudos lingüísticos deve, contudo, parte da construção de seus componentes a áreas como a Antropologia, a Sociologia e à Dialeto-geografia, que subsidiaram grandemente o debate no estágio inicial dessa disciplina.

2.1.2. A contribuição da Antropologia

Roger W. Shuy (2003, pp. 5-6) afirma que há quem diga que a Sociolingüística é, na verdade, uma moderna versão do que se costumava chamar de “Lingüística Antropológica”. Argumenta também que a Antropologia americana sempre reconheceu a língua como uma área do seu domínio, provavelmente por causa de sua importância nos estudos indianistas americanos. Segundo o autor, as quatro definições de Antropologia – Cultural, Física, Arqueológica e Lingüística – focam-se numa ampla análise do comportamento humano, seus padrões e princípios, enquanto que a sociolingüística moderna examina em profundidade os aspectos da língua em seu contexto social.

Uma das primeiras indicações sobre o futuro desenvolvimento da Sociolingüística foi, segundo Shuy, elaborada no livro “*Horizons of Anthropology*”, editado por Sol Tax (1964). Nesse livro, Del Hymes observou que o fato das características lingüísticas se destacarem entre os estudos lingüísticos antropológicos, na primeira metade do século XX, tratava-se de uma busca por autonomia. No entanto, ele previu que na segunda metade do século os estudos lingüísticos buscariam a integração “e as realizações observadas tratarão do envolvimento das estruturas lingüísticas no contexto social” (HYMES, 1964b, p. 92 *apud* SHUY, 2003, p. 6).⁵⁴

Shuy argumenta que desde a década de 1950, Del Hymes (1927-) já oferecia cursos denominados “Língua e Cultura” no Departamento de Relações Sociais em Harvard. Hymes apontava para a necessidade de os cientistas sociais saberem como controlar as formas lingüísticas, além de controlar as avaliações sociais sobre as variedades lingüísticas.

Nos anos 1960, Del Hymes propôs uma disciplina chamada “Antropologia Lingüística”, definindo-a amplamente como o estudo da língua em um contexto

⁵⁴ (...) and the noted accomplishments will concern the engaging of linguistic structures in social contexts (HYMES, 1964b, p. 92 *apud* SHUY, 2003, p. 6).

antropológico. Em seus estudos, Hymes observou que campos como a Antropologia e a Lingüística dividem algumas características, mas não coincidem. De um lado, a Antropologia usa a Lingüística para lançar luz sobre sua atividade, coordenando o conhecimento sobre a língua do ponto de vista da humanidade. A atividade da Lingüística, por outro lado, é coordenar o conhecimento sobre a língua do ponto de vista da cultura (cf. SHUY, 2003, p. 6).

De fato, os sociolingüistas estendem a descrição e a análise lingüística para incluir aspectos da cultura na qual ela é usada, mas fazem isso de forma a obterem uma análise em profundidade de uma língua inserida num contexto sócio-cultural.

2.1.3. A contribuição dos estudos Dialeto-geográficos

Outra área de conhecimento de quem a Sociolingüística toma algumas características é, segundo Shuy (*op. cit.*, p.9), a Geografia Lingüística, cujos primeiros estudos remontam a Georg Wenker (1852-1911), final do século XIX, na Alemanha. O foco dos esforços de Wenker estava na rica variação que caracterizava a língua alemã. Dessa forma, ele enviou quarenta frases que continham palavras que variavam dependendo da pronúncia local, para centenas de professores de vilas alemãs que as responderam, criando assim um banco de dados que ainda hoje existe em *Marburg*.

No ano de 1896, o suíço Jules Gilliéron (1854-1956) organizou e dirigiu o projeto que resultou na publicação do *Atlas Linguistique de la France*, entre os anos 1902 e 1910. Gilliéron acreditava que seria possível alcançar as mais precisas e consistentes representações das falas dos informantes da época se um único pesquisador de campo com bom treinamento fonético entrevistasse os sujeitos e transcrevesse suas falas foneticamente. Dessa forma, enviou Edmond Edmont em sua bicicleta por várias cidades francesas. No final de um período de quatro anos, Edmont completou o questionário de 200 questões, com 700 informantes, e o *Atlas* foi publicado.

Koerner (2002, p. 261) argumenta que os ex-alunos desses eminentes estudiosos, como Jacob Jud (1882-1952), Karl Jaberg (1877-1958) e Paul Scheuermeier (1888-1973), entre outros, foram os responsáveis pelo volumoso *Atlas linguistique et ethnographique de l'Italie et de la Suisse méridionale* (JABERG & JUD, 1928-1940). Além disso, buscando relacionar os estudos dialeto-geográficos com o empreendimento sociolingüístico, Koerner menciona o fato de Max Weinreich (1894-1969), pai de Uriel Weinreich (1926-1967), ter defendido sua tese de doutorado sobre o iídiche sob a orientação de Ferdinand Wrede (1863-1934), sucessor de Wenker na Universidade de Marburg, Alemanha.

No entanto, o fato mais importante talvez seja o de que, no ano de 1931, os dialetólogos suíços Jacob Jud e Paul Scheuermeier tenham ido aos Estados Unidos para treinar estudantes americanos em estudos dialetológicos de campo. Esse projeto foi uma iniciativa do austríaco radicado nos Estados Unidos, Hans Kurath (1891-1992) e foi subsidiado pelo *American Council of Learned Societies*. Um dos jovens estudantes que participaram do curso foi Raven I. McDavid (1911-1984), que mais tarde colaborou com o projeto do *Linguistic Atlas of New England*, editado por Kurath (1943).

É importante ainda mencionar que na ocasião da pesquisa sobre o inglês de *Martha's Vineyard*, Labov declarou ter sido afortunado por ter “os registros do Atlas Lingüístico de *New England* como referência para a investigação” (LABOV, 1991[1972], p. 4).⁵⁵ O foco dos estudos de Labov era a mudança em progresso dos ditongos (ay) e (aw). Dessa forma, o *Atlas* serviu como uma fonte de comparação entre as formas registradas pela equipe liderada por Kurath e as encontradas por Labov trinta anos depois.

A idéia original com relação ao Atlas Lingüístico Americano era produzir um dicionário de dialetos. Os estudiosos envolvidos se reuniram em Cambridge, Massachusetts, em 1889, onde formaram o *American Dialect Society*. Trinta anos depois, embora não tivessem chegado a publicar o dicionário, haviam coletado um número acima de 26.000 palavras. As pesquisas do Atlas lingüístico americano, que tiveram início com Kurath em 1931, culminaram com a publicação em 2006, do *Atlas of North American English* liderado por William Labov.

Segundo Shuy (2003, pp. 9-10), o *Atlas* americano, tradicionalmente, buscou obter informantes de classes sociais variadas em comunidades mais urbanas, mas foi Raven I. McDavid quem fez a mais clara conexão entre fatores sociais e variáveis fonológicas. Em seu artigo “*Postvocalic /r/ in South Carolina: A Social Analysis*” de 1948, ele observou que em comunidades onde o /r/ pós-vocálico ocorria com constrição, três variáveis ocasionavam sua redução: os falantes mais urbanos, mais jovens e mais educados usavam menor constrição. Esse tipo de pesquisa sensível às influências sociais não era comum até os anos de 1960, quando estudos em variação lingüística entraram em amplo desenvolvimento.

Como se tem visto, os argumentos aqui apresentados apontam para uma relação contínua entre os primeiros estudos geográfico-lingüísticos europeus e o desenvolvimento da Sociolingüística na América do Norte. No entanto, afastados desses desenvolvimentos que ocorreram de forma aparentemente relacionados, estão os trabalhos de Philipp Wegener

⁵⁵ the records of the Linguistic Atlas of New England as a background for the investigation (LABOV, 1991[1972], p. 4).

(1848-1916) e Richard Löwe (1863-1942). Koerner (2002, p. 262) aponta os trabalhos desses dialetólogos como ocorrências de estudos que reconheceram componentes sociais em estudos de variação lingüística. Os argumentos de Koerner são reforçados com a seguinte referência a Wegener:

Na região de *Magdeburg* os trabalhadores rurais vão para as cidades em grande número para trabalharem na área de edificações e em fábricas. O trabalho em conjunto os coloca em contato regular com trabalhadores urbanos; o trabalhador rural alemão, geralmente, não se importa em ser influenciado pela fala comum dos habitantes da cidade e, quanto maior for a diferença de seu dialeto rural, maior o seu apreço pelas vantagens da vida urbana (WEGENER, 1891, p. 937 *apud* KOERNER, 2003, p. 262).⁵⁶

Percebe-se na avaliação apresentada pelo dialetólogo alemão algo que ficou bastante difundido através dos estudos sociolingüísticos. Trata-se do “prestígio lingüístico” ou “variante de prestígio”. Sem pretender estabelecer qualquer relação desse estudo com os estudos sociolingüísticos e, principalmente, com os estudos de William Labov (pelo menos não há citação desse autor em seus trabalhos principais), pode-se, ao menos, fazer uma analogia entre esse trabalho de Wegener e o de Labov sobre a estratificação social do /r/ em lojas de departamentos em Nova Iorque.

Labov selecionou, para esse estudo, três grandes lojas de departamentos, de preços *alto, médio e baixo*, esperando que seus clientes fossem socialmente estratificados, isto é, que seus clientes apresentassem estratificação semelhante. Labov cita o trabalho do sociólogo americano C. Wright Mills (1956, p. 173), segundo o qual as vendedoras de grandes lojas de departamentos tendem a tomar prestígio de seus clientes através de empréstimo, ou ao menos se esforçam nessa direção. A argumentação de Labov é que a ocupação de uma pessoa está mais estreitamente correlacionada com seu comportamento lingüístico que qualquer outra característica social.

Sua hipótese previa o seguinte resultado: os (as) vendedores (as) da loja de classificação superior teriam os maiores valores de (r); aqueles (as) da loja de classificação média teriam valores intermediários de (r); e aqueles (as) da loja de classificação inferior teriam os menores valores. A hipótese foi confirmada como se pode perceber em Labov (1991[1972], p. 68; LABOV, 2006 [1966], pp. 55-56). Deve-se, no entanto, atentar para o fato

⁵⁶ In the Magdeburg region the rural workers go into the cities in large numbers to work there as masons, handy-men or in the factories. The joint work brings them into regular contact with the urban workers; the Low German rural worker usually does not mind being influenced by the common speech of the city dwellers, and this the more so, the larger the distance from his rural dialect and the higher his esteem for the advantages of urban life (WEGENER, 1891, p. 937 *apud* KOERNER, 2003, p. 262).

de que o próprio Labov foi bastante restrito em suas conclusões e não buscou testar a hipótese de Mills, mas sim o nível de estratificação das formas lingüísticas usadas pelas informantes, por meio de uma abordagem extremamente empirista e descritivista.

Konrad Koerner (*op. cit.*, p. 274) argumenta em favor da influência de Jean Gabriel de Tarde (1848-1904) e seu *Les lois d'imitation* (1890) no conceito de *prestígio* utilizado por Labov: “é agradável ver algumas de suas idéias sendo reabilitadas no trabalho de Labov”.⁵⁷ No entanto, como se pode perceber em Labov (1991[1972], pp. 286, 308; LABOV, 2001, pp. 23-24, 361), esse autor argumenta contra a idéia de prestígio apresentada por Tarde, segundo a qual o empréstimo sempre acontece das classes sociais superiores para as inferiores.

Em relação ao estudo de Löwe, Einar Haugen (1998b, p. 408 *apud* KOERNER, *op. cit.*, *loc. cit.*) o declarou como “o único (...) trabalho pioneiro conhecido sobre variação dialeto-social em cidades”.⁵⁸ Esses estudos, juntamente com outros relatados anteriormente, reforçam argumentos para a tese de que os estudos sociolingüísticos modernos são resultados naturais de estudos que os antecederam.

2.1.4. A contribuição da Sociologia

Finalmente, deve-se destacar o papel fundamental que a Sociologia desempenhou no processo de desenvolvimento e maturação da Sociolingüística. Shuy (*op. cit.*, pp. 6-8) aponta um período para o estabelecimento da Sociolingüística que vai de maio a agosto de 1964 e apresenta dois fatores, numerados a seguir, que foram determinantes para seu estabelecimento. O primeiro: em maio de 1964, o *Center for Research in Language and Linguistics* da Universidade da Califórnia ofereceu uma conferência sobre Sociolingüística em *Lake Arrowhead*, Califórnia. Os artigos dessa conferência foram publicados em um volume com o título de *Sociolinguistics* (Bright, 1966).

Na época desse evento, um bom número de pesquisadores estava investigando a relação entre língua e sociedade. Entre eles estavam personalidades que foram fundamentais na consolidação dessa disciplina: Henry M. Hoenigswald (1915-2003), John Gumpers (1922), Einar Haugen (1906-1994), Raven I. McDavid (1911-1984), Dell Hymes (1927) William Bright (1928-2006), Paul Friedrich (1927) e Charles Ferguson (1921-1998). Além desses, encontrava-se presente um jovem pesquisador, aluno de Uriel Weinreich, chamado William

⁵⁷ It's refreshing to see some of his ideas being rehabilitated in Labov's work (KOERNER, *op. cit.*, p. 274)

⁵⁸ The only [...] known early study on social dialect variation in cities (HAUGEN, 1998b, p. 408 *apud* KOERNER, *op. cit.*, *loc. cit.*).

Labov, que foi convidado para apresentar os resultados parciais da pesquisa que vinha sendo realizada sobre os dialetos de Nova York. Esses participantes representavam áreas diversas como a geografia lingüística, contato lingüístico, mudanças históricas, etnografia, e planejamento lingüístico.

O segundo fator, segundo Shuy, foi a criação de dois cursos a serem oferecidos no *LSA Summer Institute* de 1964, cerca de um mês depois da conferência de *Lake Arrowhead*. Esses cursos, denominados “*Language and Society*” e “*Sociolinguistics*”, foram ministrados, respectivamente, por John Gumpers e Charles Ferguson.

Além desses cursos ministrados, Shuy (*op. cit.*, p.11) afirma que o *LSA Summer Institute* deu outro ímpeto para o desenvolvimento do estudo da variação lingüística. As publicações dos trabalhos apresentados nesse evento do ano seguinte, organizados por Shuy (1965), focalizavam a igualdade dos dialetos, a necessidade de pesquisa em língua urbana, a adequação de abordagens passadas à pesquisa em dialetologia, a utilidade de informação pedagógica mais intensa sobre a variação lingüística, e se variedades não-padrão deveriam ser eliminadas ou adicionadas ao ensino do inglês padrão. Esse tipo de discussão, muito comum na atualidade, era considerado inovador em 1964. Shuy argumenta que muitos educadores presentes nesses eventos argumentaram veementemente contra o uso do inglês não-padrão no ensino.

Por causa da emergência das discussões evidenciadas a partir desses eventos, em abril de 1966, sociólogos organizaram um seminário de Sociolingüística como parte do encontro anual da *Ohio Valley Sociological Society*. Hymes (1966 *apud* Shuy, 2003, p. 7) salienta que uma das perguntas mais proeminentes feitas naquele encontro foi: – “onde um sociólogo deve ir para estudar sociolingüística?”.

Para tratar dessa questão mais profundamente, um encontro seguinte foi realizado três meses depois em *Los Angeles*, casa do lingüista e antropólogo William Bright (1928-2006). Shuy (2003, p. 7) assinala também que, dentre os pesquisadores que se tornariam os líderes desse campo emergente, estiveram presentes nesse evento: Charles A. Ferguson (1921-1998), Joshua A. Fishman (1926), Harold Garfinkel (1917), Erving Goffman (1922-1982), John Gumperz (1922), Dell Hymes (1927), William Labov (1927), Harvey Sacks (1935-1975), Edgar Palomé, Leonard Savitz e Emanuel Schegloff (1937).

Os pontos de vista desses pesquisadores pareceram, no entanto, não se harmonizarem. Leonard Savitz apontava para a necessidade de treinamento em Lingüística para os sociólogos. Fishman, apesar de concordar com essa sugestão de Savitz, argumentou que os sociólogos estavam interessados nas variáveis lingüísticas, mas não necessariamente na

Lingüística, uma vez que os lingüistas pareciam interessados em ampla contextualização, mas não necessariamente na Sociologia. Por causa disso, a maioria dos primeiros cursos em Sociolingüística, ensinados por sociólogos, foi chamado de *Sociologia da Linguagem*.

Ao ressaltar a importância da interação desses campos disciplinares por uma ampla compreensão da linguagem humana em seu contexto social, Shuy faz referência ao trabalho de Joyce O. Hertzler (1895-1975), “*The Sociology of Language*” (1965). Hertzler, uma socióloga, declarou:

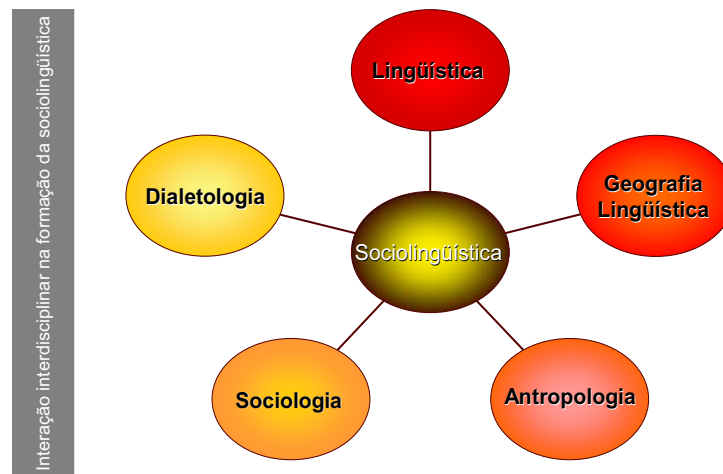
Entre as ciências sociais, os maiores colaboradores para estudo da língua têm sido os antropólogos e os psicólogos. Os antropólogos têm se ocupado da língua como um aspecto fundamental da cultura, origem e desenvolvimento da língua, as análises das línguas primitivas e as relações recíprocas dessas línguas com a vida social e mental primitiva. (...) os psicólogos, sócio-educacionais e abnormais gerais, têm se ocupado com os estágios do desenvolvimento da fala dos seres humanos, especialmente o desenvolvimento de fala das crianças, dos relacionamentos da fala e dos estados psicológicos abnormais, a importância estratégica da língua no desenvolvimento da personalidade e na socialização do indivíduo, e sua relação com o processo do pensamento (HERTZLER, 1965, pp. 4-5 *apud* SHUY 2003, p. 7).⁵⁹

Essa observação evidencia as preocupações com relação ao estudo da língua e do contexto social em que ela se insere. Obviamente essas questões não se limitavam ao campo de investigação da Lingüística. Ao contrário dessa área de conhecimento, no entanto, as outras áreas mencionadas não buscavam uma ampla compreensão da língua, mas buscavam compreender a cultura e os indivíduos através da língua que eles empregavam em suas relações comunicativas.

Porém, a maioria dos sociólogos linguisticamente orientados estavam em dissonância com as grandes exigências departamentais. Shuy observou que se um estudante de Sociologia tivesse que investir tempo e esforços para se tornar bom o bastante em Lingüística, para reproduzir um trabalho do calibre daqueles realizados por pesquisadores como Erving Goffman, Harold Garfinkel ou Harvey Sacks, correria um sério risco de sacrificar outros aspectos do conhecimento sociológico exigido por esse campo. Naturalmente, a mesma coisa poderia ser dita sobre antropólogos e, no sentido inverso, sobre lingüistas.

⁵⁹ Among the social sciences, the chief contributors to language study have been anthropologists and psychologists. The anthropologists have been concerned with language as a cardinal aspect of culture, language origins and development, the analyses of primitive languages and the reciprocal relationships of these languages with primitive mental and social life. [...] The general, social educational and abnormal psychologists have been concerned with the stages of the speech development in human beings, specially the speech development of children, the relationships of speech and abnormal psychological states, the strategic significance of language in personality development and in the socialization of the individual, and its relationship to the processes of thought (HERTZLER, 1965, pp. 4-5 *apud* SHUY 2003, p. 7).

A Sociolinguística, porém, que buscava no seio da sociedade explicações para fenômenos linguísticos diversos, focalizava seu objeto de estudo, a língua, localizando-a dentro de uma visão ampla que abrangia conceitos e métodos de diversas áreas de conhecimento. Daí poder-se afirmar que o nascimento dessa disciplina, como subárea de estudo, ocorreu dentro do campo da Linguística em interação com outras áreas que compreendiam o estudo da língua, do indivíduo e da sociedade como entidades inseparáveis, decorrendo disso, seu caráter interdisciplinar.



Este esquema é meramente ilustrativo das relações das disciplinas que participaram do processo constitutivo da Sociolinguística. Não possui, portanto, a intenção de medir o grau de importância que cada das áreas tenha exercido no processo de constituição e desenvolvimento da Sociolinguística.

Após os eventos que marcaram o surgimento da Sociolinguística, essa disciplina pareceu andar em harmonia com as disciplinas que a informaram de alguns conceitos, como a Antropologia e a Sociologia. Shuy (*op. cit.*, p. 8) ressalta, entretanto, que os linguístas começaram a mostrar pouco interesse que seus alunos buscassem conhecimento dentro do escopo dessas outras disciplinas.

Labov, por exemplo, argumentava que a quantidade de conhecimento linguístico necessário para produzir mudança no caráter básico da pesquisa em Linguística era tão enorme que ele preferia ensinar apenas aqueles que estavam envolvidos com essa área. Da mesma forma, os estudantes de Antropologia e Sociologia pareciam se afeiçoar aos estudos linguísticos, mas não o suficiente para fazer o tipo de trabalho visualizado por Dell Hymes, Joshua Fishman, Erving Goffman, entre outros.

A sociedade americana, nessa década, atravessava um período de crescentes problemas relacionados com a segregação racial, educação e estrutura social. Esses problemas

eram claros o suficiente e essas três disciplinas possuíam algumas das ferramentas necessárias para lidar com eles, mas não independente uma das outras.

Esses campos, no entanto, enfrentaram os problemas tradicionais que os acadêmicos freqüentemente enfrentam. Shuy (*op. cit.*, pp. 8-9) assinalou que os cientistas sociais não queriam desistir de nada em favor de conhecimentos lingüísticos. Tampouco os lingüistas queriam desistir de algo em favor do conhecimento das ciências sociais. Cada grupo queria manter seu próprio campo, objetivos e construção teórica, enquanto se aproveitava o quanto podia dos construtos do outro.

Juntamente com o crescimento do tipo de trabalho desenvolvido por William Labov em Nova Iorque, e por outros pesquisadores em Detroit e Washington DC, nos anos de 1960, estava o desenvolvimento de uma pesquisa mais etnográfica sobre a variação lingüística. Dell Hymes, John Gumperz e seus alunos focalizavam a língua como um fato social e estudavam a interação entre a comunicação e a cultura.

Conforme analisou Shuy (*op. cit.*, p. 12), talvez por insatisfação com a limitação gerativa de “competência” ao conhecimento gramatical, Hymes (1964a) estendeu essa noção à “competência comunicativa”, um termo mais geral para as capacidades de falar e ouvir de uma pessoa. Embora Frederick Newmeyer (1983[1944-]) tenha afirmado que Hymes criara o termo “competência comunicativa” para excluir a noção de “competência gramatical” de Chomsky, não foi essa a intenção de Hymes, que não rejeitava a competência gramatical, mas acreditava que esta era parte de uma competência mais ampla, digna de estudo.

No final da década de 1960, várias linhas de abordagens estavam em amplo desenvolvimento. A Dialectologia Regional que já existia há cerca de um século, o Contato Lingüístico evidenciado pelos trabalhos de Charles Ferguson, Einar Haugen, Uriel Weinreich, Joshua Fishman, e outros, fazia-se fortemente notável, e a Etnografia da Comunicação causou grande impacto em um curto espaço de tempo. Todas essas áreas de pesquisa ocupavam-se da língua em seu contexto social e todas eram compostas por pesquisadores que se consideravam como fazendo Lingüística.

Assim, Shuy (*op. cit.*, p.12) diz que em meio ao desenvolvimento dessas disciplinas o termo “Sociolingüística” começou a surgir em catálogos de cursos universitários, em artigos de jornais e títulos de livros.

2.1.5. O surgimento do termo “Sociolingüística”

A história da criação do termo *Sociolingüística* e de seu provável criador já fora bastante discutida nos estudos que buscam apresentar uma visão histórica sobre o desenvolvimento da disciplina, porém, sem muita harmonia entre as explicações. J. K. Chambers, em seu *Sociolinguistic Theory* (1995, p.15), aponta o ano de 1952 como sendo a data em que esse termo foi usado pela primeira vez, atribuindo, da mesma forma, sua autoria ao filósofo norte-americano Haver Cecil Currie (1908-1993). Shuy (2003, p.11) também faz referência ao uso desse termo por Currie em 1952 e, enfatizando o fato desse termo ter sido cunhado nessa época, diz que na terceira edição do *Webster's New International Dictionary* (1961) não havia nenhuma referência a essa terminologia.

Currie, que também reivindica ter cunhado esse termo, em um artigo intitulado “*A Projection of Socio-Linguistics: The relationship of speech to social status* (1952)”, observou que embora as definições dos lingüistas sobre a língua, convencionalmente, incluíssem uma cláusula sobre sua função social, nas pesquisas desenvolvidas na época, qualquer consideração sobre essa função era ignorada. Nesse artigo, Currie exalta o livro de Henry Louis Mencken (1880-1956), *The American Language: An Inquiry into the Development of English in the United States* (1919),⁶⁰ dizendo que esse autor “agrada os americanos, em geral, ao apontar que eles têm uma língua nacional própria com respeitáveis variantes regionais” (CURRIE, 1952, p. 46 *apud* CHAMBERS, 1995, p. 15).⁶¹ Além disso, apontando os rumos que os estudos lingüísticos deveriam tomar, declarou:

O presente objetivo é sugerir, através de citações de importantes estudos selecionados, que as funções sociais e os significados dos fatores de fala oferecem um prolífico campo para a pesquisa. (...) esse campo é aqui designado “sócio-lingüística”. Atenções serão chamadas para certas pesquisas relevantes, feitas ou a caminho. Possibilidades de pesquisas sócio-lingüísticas mais avançadas estão, de fato, além de estimativas (CURRIE, 1952 *apud* CHAMBERS, 1995, p. xviii).⁶²

Paulston e Tucker, na introdução de seu “*Sociolinguistics: The Essential Readings* (2003)”, argumentam que esse termo foi aparentemente criado ainda em 1939 por Thomas

⁶⁰ Esse livro de Mencken pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: www.bartleby.com/185/

⁶¹ (...) pleases Americans in general by pointing out that they have a national language of their own with respectable regional variants (CURRIE, 1952, p. 46 *apud* CHAMBERS, 1995, p. 15).

⁶² The present purpose is to suggest, by the citing of selected and salient studies, that social functions and significations of speech factors offer a prolific field for research. (...) this field is here designated “socio-linguistics”. Attention will be called to certain relevant research done or under way. Possibilities for further socio-linguistic research are, in fact, beyond estimation (CURRIE, 1952 *apud* CHAMBERS, 1995, p. xviii).

Callan Hodson (1871-1953) como título de um artigo, “*Socio-linguistics in Índia: Man in India*”, publicado em um jornal de Antropologia. Paulston e Tucker ainda argumentam que esse termo foi usado pela primeira vez na Lingüística por Eugene Albert Nida (1914-), em 1949, na segunda edição de seu “*Morphology*”.

De fato, no “Capítulo VI” de seu livro, que trata do significado dos morfemas, Nida argumenta que “não há nada intrínseco a respeito dos valores semânticos; eles são ditados simplesmente pelas reações dos usuários da língua ao ambiente *sociolingüístico*” (NIDA, 1949, p. 152, *ênfase acrescentada*).⁶³ Nesse capítulo, Nida introduz três princípios básicos que governam a análise e classificação semântica dos morfemas. No item que trata do segundo princípio, *Meaning is definable by environment*, o autor menciona o seguinte:

A importância deste princípio é mais intensamente valorizada por aqueles que aprenderam uma língua estrangeira numa situação puramente monolíngüe. Tendo, em seguida, sido de forma repentina introduzidos em uma comunidade de língua estrangeira e forçados a aprenderem uma língua de forma que se observassem atentamente o ambiente em que certas formas são usadas, o significado de toda palavra e frase teve que ser aprendido em seu contexto *sociolingüístico* (*op. cit., loc. cit., ênfase acrescentada*).⁶⁴

Observa-se, dessa forma, que Nida, ao contrário de Currie, já utiliza o termo sem o hífen e dá uma denotação bastante pragmática a ele. Essa terminologia foi empregada pelo menos três vezes nesse capítulo, todas se referindo à significação do morfema ou palavra em seu contexto de uso pelos falantes: “diferenças morfêmicas que são principalmente definíveis pelo ambiente lingüístico, *e.g.* a diferença entre *I* e *me*, adquire um significado conotativo no ambiente *sociolingüístico* que fornece *It's I* vs. *It's me*” (*op. cit., p.154, ênfase acrescentada*).⁶⁵

Konrad Koerner (2002, pp. 272-273) cita ainda outra ocasião em que o termo *sociolinguistics* precedeu ao texto de Currie. Trata-se do discurso de posse de Heinar Haugen (1906-1994), como presidente da *Linguistic Society of America*, em dezembro de 1950 (impresso em 1951). Koerner ainda faz referência ao termo hifenizado utilizado por Hodson em 1939, e se pergunta se não houve nenhuma conexão entre ele e o lingüista inglês John

⁶³ There is nothing intrinsic about the semantics values; they are dictated simply by the reactions of language users to the *sociolinguistic* environment (NIDA, 1949, p. 152, *ênfase acrescentada*).

⁶⁴ The significance of this principle is most vividly appreciated by those who have learned a foreign language in a purely monolingual situation. Having been suddenly thrust into a foreign-language community, then have been forced to learn a language by closely observing the environment in which certain forms are used. The meaning of every word and phrase had to be learned from its **sociolinguistic** setting (*op. cit., loc. cit., ênfase acrescentada*).

⁶⁵ Morphemic differences which are primarily definable by linguistic environment, *e.g.* the difference between *I* and *me*, do take on connotative significance in the *sociolinguistic* environment which provides *It's I* vs. *It's me* (*op. cit., p. 154, ênfase acrescentada*).

Rupert Firth (1890-1960) durante os anos 1930, dados os vários anos que este viveu na Índia, na década de 1920, e devido à sua própria visão sociolingüística. Hodson aposentou-se como funcionário do governo britânico na Índia, antes de ser o primeiro a ocupar a cadeira de antropologia em Cambridge, em 1932.

Deve-se, no entanto, atentar para o fato de que essa terminologia não foi adotada imediatamente. Houve até quem, por exemplo, se recusasse a usar esse termo pra se referir à disciplina Lingüística que tratava da língua em seu contexto social. O caso mais conhecido é o do próprio Labov (1991[1972], p. viii) que declarou ter resistido a essa terminologia por muitos anos, uma vez que ela implicava “a existência de uma teoria ou prática lingüística de sucesso que não seja social.”⁶⁶

Labov (1971, pp. 495-496) salientava que a Sociolingüística representava uma intersecção de todos os problemas da Sociologia e todos os problemas da Lingüística, o que a tornava um campo sem esperança. Por causa disso, tentava evitar essa terminologia e preferia aos termos de Wittgenstein: *a língua em contexto* ou *língua em uso*, pois, para Labov, o vernáculo, isto é, as formas que as pessoas usam quando não estão pensando sobre a língua, é algo mais sistemático e regular em sua relação com a variação e a mudança lingüística e com a história da língua do que certas formas literárias.

Com relutância, no entanto, ele adotou ao termo Sociolingüística por considerar que uma Lingüística socialmente realista era um prospecto remoto nos anos de 1960, uma vez que a grande maioria dos lingüistas da época tinha se voltado para a contemplação de seus próprios idioletos.

2.1.6. A contribuição dos estudos desenvolvidos por Labov

Como observado, a história do surgimento da Sociolingüística encontra-se cercada de um sentimento de crescente preocupação que ocupou os espaços dos debates sobre a língua e sociedade a partir da segunda metade do século XX. Esses debates ganharam uma dimensão grandiosa com a colaboração dos trabalhos iniciais de William Labov.

Seu primeiro estudo tratou da mudança sonora que afetava os ditongos (ay) e (aw) na ilha de *Martha's Vineyard* – Massachusetts. Essa pesquisa constituiu sua dissertação de Mestrado, com o título de “*The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard, Massachusetts (1963)*”. Sua segunda pesquisa, também a mais importante,

⁶⁶ I have resisted the term sociolinguistics form many years, since it implies that there can be a successful linguistics theory or practice which is not social (LABOV, 1991[1972], p. viii).

constituiu-se de uma pesquisa sobre os efeitos das diferenças de classes nos dialetos da cidade de Nova Iorque. Esse trabalho compõe sua tese de doutorado com o título de “*The Social Stratification of English in New York City* (1966).

Apesar dos esforços iniciais de William Bright (1966) e Joshua Fishman (1972) em conceituar e delimitar o campo de atuação da Sociolingüística, suas teorias tiveram menor impacto que as pesquisas desenvolvidas por Labov. Segundo Monteiro (2000, p. 15), William Bright “insistindo no caráter inovador, (...) formula uma série de vagas idéias sobre a relação entre língua e sociedade e termina afirmando que o objeto de estudo da Sociolingüística é a diversidade lingüística”.

Chambers (1995, pp. 16-17) faz referência às pesquisas realizadas por Fisher (1958), em que prefiguravam a maior parte dos componentes sociolingüísticos essenciais, e ao estudo de Louis Gauchat (1905) sobre o patoá francês falado na cidade de Charney – Suíça, que quebrou as convenções tradicionais da dialetologia ao correlacionar as mudanças apresentadas com as variáveis *sexo* e *idade* dos informantes.

Não obstante, Chambers afirma que as pesquisas feitas por Labov sobre o inglês falado na ilha de *Martha’s Vineyard* e sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque foram tão, enormemente, importantes que são, inquestionavelmente, o marco inicial das pesquisas em Sociolingüística. Foi, principalmente, sua exemplar pesquisa sobre o inglês de Nova Iorque que inspirou vários jovens lingüistas a ir para as ruas com papel nas mãos e gravadores nos ombros, nos anos que sucederam sua pesquisa.

Esses argumentos se tornam ainda mais interessantes ao se pensar que Labov só iniciou seus estudos em Lingüística em 1961. No entanto, ele teve a oportunidade de apresentar o resultado de suas pesquisas nos principais eventos, mencionados anteriormente, como os encontros da *Linguistic Society of America* de (1962, 1963 e 1964), além do encontro da *Ohio Valley Sociological Society* (1966) e de Los Angeles (1966).

Segundo Koerner (2002, p. 258), os convites iniciais para esses eventos haviam sido direcionados a Uriel Weinreich, orientador de Labov, o que só torna esses acontecimentos mais interessantes. Como mostrado no primeiro capítulo desta Dissertação, Labov apresentou os resultados da pesquisa de *Martha’s Vineyard* diante da *Linguistic Society of America*, em 1962, e suas idéias foram muito bem recebidas.

Koerner argumenta que, por uma curiosa coincidência, Zellig S. Harris (1909-1992), orientador de Chomsky (1951, mestrado, 1955, doutorado) na Universidade da Pensilvânia, havia cedido ao seu aluno uma oportunidade, talvez ainda mais importante, de apresentar suas idéias no 9º Congresso Internacional de Lingüística que aconteceu em Cambridge,

Massachusetts, em 1962, mesmo ano em que Labov apresentou sua impactante pesquisa de mestrado.

Ao comentar a meteórica ascendência das idéias de Labov, Koerner, apoiado nos argumentos de Calvet (1999, p. 47) e Murray (1994, p. 377), salienta que o fato de Weinreich ter oferecido a Labov sua vaga nesses eventos não foi meramente por causa de sua saúde fragilizada.⁶⁷ O que provavelmente estava acontecendo, de fato, era que Weinreich parecia ser a única pessoa que tinha, na época, uma estratégia para o desenvolvimento da Sociolinguística e, em particular, para a carreira de Labov.

⁶⁷ Weinreich morreu de leucemia em 1967, aos 41 anos.

CAPÍTULO 3

A IMANÊNCIA DOS FATOS DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Em lingüística histórica, buscamos os fatos da mudança lingüística: o objetivo principal é determinar o que aconteceu na história de uma língua (...). O fato da mudança lingüística é um dado (...). Porém, esse fato sozinho – existência da mudança lingüística – está entre os mais difíceis de se assimilar, quando buscamos desvendar a natureza da língua em geral, conforme refletida na história de uma língua.

William Labov⁶⁸

3.1. Breve panorama sobre os estudos históricos da mudança

Os estudos históricos sobre a mudança lingüística percorreram séculos e continuaram, no século XX, como uma das principais atividades dentro dos estudos lingüísticos. Estudos dessa natureza procuram mostrar a forma como a língua muda através do tempo e quais fatores motivam tais mudanças. Ferdinand de Saussure (2006, p. 117[1916]), enquanto planejava o recorte epistemológico que criaria a ciência sincrônica da linguagem, ressaltou que estudar dados históricos é muito mais fácil do que dados sincrônicos: “os fatos sobre a evolução são mais concretos; (...) é cômodo e, com freqüência, até divertido acompanhar uma série de transformações”.

A visão neogramática de Saussure (*op. cit.*, p. 167) também asseverava a regularidade perfeita das transformações sofridas pela língua, além de assegurar que a mudança fonética não afeta as palavras, mas os sons: “o que se transforma é um fonema; (...) mas que tem por conseqüência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares”.

Saussure, assim como todos os neogramáticos, fora grandemente influenciado pelo norte-americano William Dwight Whitney (1827-1894). As concepções deste autor, sobre como se deveria proceder ao estudo da língua foram fundamentais para o fortalecimento do posicionamento da escola neogramática, conforme argumentou Karl Brugmann (1849-1919) numa conferência em Leipzig, em 25 de novembro de 1894, lembrando os anos iniciais do empreendimento emergente:

⁶⁸ In historical linguistics, we pursue the facts of language change: the primary goal is to determine what happened in the history of a language (...). The fact of language change is a given (...). Yet this fact alone – the existence of a language change – is among the most stubborn and difficult to assimilate when we try to come to grips with the nature of language in general as it is reflected in the history of a language (LABOV, 1994, p. 9).

Whitney foi para mim, como para outros jovens estudiosos, um guia na disputa de idéias, cuja credibilidade era sem restrição e cujas dicas podiam ser sempre seguidas com muito proveito. E, no curso do tempo, a forte opinião que adquiri de Whitney nos meus dias de estudante tem apenas se tornado mais firmemente estabelecida (BRUGMANN, s/d *apud* JAKOBSON, 1971, p. xxvi).⁶⁹

De acordo com o lingüista norte-americano, todos os itens lexicais dos quais a língua é composta são, em suas presentes formas, produtos de uma série de mudanças promovidas pela vontade e consentimento dos indivíduos, sob condições históricas, condições de natureza humana e por motivos que são claramente reconstituíveis, que formam o objeto legítimo de investigação científica (cf. WHITNEY, 1971, p. 21).

Essas considerações sobre a língua, para Whitney, determinariam o caráter de seu estudo, como uma ciência histórica ou moral, que constituiria um braço da história da raça humana e das instituições humanas. O trabalho do lingüista seria, assim, reconstruir o percurso de uma mudança, retornando ao seu estado primitivo, através de processos históricos, e com o auxílio de todas as evidências históricas. Esse seria o caminho pelo qual se chegaria a uma verdadeira compreensão da língua, sua natureza e sua relação com a mente humana e com a história humana.

Esse lingüista compreendia a mudança fonética como inerente à natureza de uma palavra e de sua relação com a idéia que ela representa. Pois uma palavra, para o autor, não representa um reflexo natural de uma idéia, nem sua descrição ou definição; ela é apenas sua designação, um signo arbitrário e convencional com o qual se aprende associá-la. Daí a palavra não ter força interna que conserve sua identidade e, dessa forma, é exposta a toda sorte de mudanças.

Essas explicações de caráter histórico sobre a natureza da língua e da mudança lingüística certamente influenciaram os argumentos oferecidos pelos neogramáticos. Segundo Good (2006, p. 10), Hermann Paul (1886[1846-1921]), por exemplo, explicitamente rejeitava qualquer abordagem ao estudo da língua que não fosse histórica. Good, por sua vez, assinala que os neogramáticos são geralmente associados às mudanças no nível da palavra (*e.g.*, mudança sonora e analogia), o que significa que seus trabalhos tenham exercido maior influência na Fonologia e na Morfologia do que em outras áreas da Lingüística.

⁶⁹ Whitney was for me, as for other younger scholars, a guide in the contest of ideas, whose reliability was beyond cavil and whose hints could always be followed with much profit. And in the course of time the high opinion that I got of Whitney in my student days has only become more firmly established (BRUGMANN, s/d *apud* JAKOBSON, 1971, p. xxvi).

O trabalho de Baudouin de Courtenay (1845-1929) e Mikolaj Kruszewski (1851-1887) da Escola de Kazan também mostrou uma tendência para explicações de caráter diacrônico. No entanto, Good diz que se deve reconhecer que, como importantes figuras no desenvolvimento de abordagens estruturais a análises sincrônicas, seus trabalhos são apropriadamente categorizados como, simultaneamente, abraçando abordagens de caráter diacrônico e sincrônico.

As posições desses lingüistas podem ser adequadamente sumarizadas com a seguinte citação: “o mecanismo de uma língua (sua estrutura e composição), em qualquer dado momento, é o resultado de toda a sua história e desenvolvimento anterior e, cada estado sincrônico determina, em troca, seus futuros desenvolvimentos” (BAUDOUIN DE COURTENAY, 1972[1871], p. 63 *apud* GOOD, 2006, p. 10).⁷⁰

Apesar de suas vantagens históricas, as abordagens de caráter diacrônico ao estudo da língua tornaram-se, significativamente, menos proeminente no século XX, uma vez que o estudo sincrônico da gramática desenvolveu-se para se tornar o foco principal da teoria lingüística, primeiro sobre a influência de Saussure e, depois, sob a influência dos gerativistas (cf. LABOV, 1973; GOOD, 2006).

No entanto, conforme assinala Good (*op. cit.*, pp. 10-11), mesmo para os lingüistas da tradição gerativa, explicações diacronicamente orientadas foram, às vezes, tomadas como a melhor forma de explicar certos tipos de fenômenos gramaticais generalizados, os quais, por uma razão ou outra, resistiram a explicações diretas, via modelos sincrônicos de gramática.

Apesar da maior parte dos lingüistas do século XX ter se envolvido num movimento distante de explicações de caráter diacrônico aos fenômenos lingüísticos, um significativo grupo de lingüistas manteve tais abordagens. Joseph Greenberg (1915-2001), em um bom número de trabalhos que incluem Greenberg (1966, 1978, 1995), argumenta que certos mecanismos básicos da mudança são universais à língua e que muitos universais sincrônicos evidentes são resultados de caminhos comuns da mudança que estão sendo instanciados através de muitas línguas.

Theodora Bynon, na introdução de seu *Historical Linguistics* (1996, p. i [1977]), diz que a Lingüística Histórica busca investigar e descrever as formas pelas quais as línguas mudam através do tempo, sendo seu domínio, portanto, de caráter diacrônico. Por outro lado, a Lingüística Descritiva desconsidera totalmente o tempo como um fator relevante em suas

⁷⁰ The mechanism of a language (its structure and composition) at any given time is the result of all its preceding history and development, and each synchronic state determines in turn its further development (BAUDOUIN DE COURTENAY, 1972[1871], p. 63 *apud* GOOD, 2006, p. 10).”

investigações, ocupando-se, dessa forma, da língua em seu aspecto sincrônico. No entanto, a autora argumenta que não é a extensão ou a diminuição do tempo que constitui a diferença fundamental entre análises sincrônicas e diacrônicas, mas a atitude do lingüista com relação à dimensão do tempo.

Creditam-se a Saussure as distinções feitas entre sincronia e diacronia. O lingüista suíço compreendia a história da língua como uma sucessão de estados sincrônicos. No entanto, dada a complexidade desse objeto, Saussure (*op. cit.*, p.116) argumentou que “cada língua constitui uma unidade de estudo e nos obriga, pela força das coisas, a considerá-la ora estática ora historicamente”.

Na segunda metade do século XX, o estudo da mudança lingüística adquiriu novo fôlego e novas abordagens. Devem-se destacar, em especial, as abordagens que procuravam analisar mudanças lingüísticas em progresso, como aquelas praticadas por William Labov e seus associados. Dentre os estudiosos da variação e da mudança lingüística na atualidade, esse autor se apresenta como um de seus principais representantes.

Suas teorias sobre como a língua é apreendida pelo indivíduo, como ele a utiliza em suas relações cotidianas e a maneira como ela muda através do tempo, alvo central de sua abordagem, como assinalado no primeiro capítulo, mudaram os rumos da investigação lingüística, a partir da segunda metade do século XX. Percebe-se, dessa forma, e se perceberá a seguir, que suas pesquisas abraçam ambas as abordagens sincrônica e diacrônica, além de outros modelos externos de explicação da mudança.

Assim, este capítulo, após uma breve análise sobre a natureza da língua e da mudança lingüística na visão de Labov, tratará de um dos temas mais controversos dentro dos estudos sobre a mudança. Trata-se de um confronto que já dura mais de um século entre teorias lingüísticas que analisam sob óticas diferentes a mudança lingüística: a hipótese sobre a “regularidade/excepcionalidade da mudança sonora” levantada pelos neogramáticos e a reivindicação de que “cada palavra tem sua história” mantida por dialetólogos.

Em meados da segunda metade do século XX, uma nova polêmica que favorecia o posicionamento do segundo grupo se instalou no debate. Trata-se da teoria da “Difusão Lexical” iniciada por William Wang (1969). Desde o início da década de 1980, William Labov tem utilizado seus conhecimentos sobre a natureza da mudança lingüística e desenvolvido análises empíricas em busca de evidências que solucionem essas controvérsias. Além disso, Paul Kiparsky, à luz da Fonologia Lexical, travou um duelo intelectual com Labov, provocando uma série de respostas ao trabalho um do outro e, dessa forma, tornando mais esclarecidas essas questões.

3.2. Língua e Mudança Lingüística: a natureza desses elementos na visão de Labov

Como foi observado no primeiro capítulo, Labov compreende a língua como uma característica do mundo real, exterior ao indivíduo, pertencendo, portanto, à sociedade. Além disso, esse autor considera a comunidade de fala como a mais importante realidade social. Essa concepção se incompatibiliza com a idéia de homogeneidade lingüística e apóia as reivindicações de que as variações e as mudanças sofridas por uma língua são processos naturais, podendo ser explicados através da observação da forma como os falantes utilizam a língua, nas condições histórico-sociais em que estiverem inseridos.

Para esse autor, o objetivo principal das análises históricas é determinar o que aconteceu na história de uma determinada língua ou numa determinada família de línguas. O *fato* da mudança lingüística é um dado. Porém, esse fato sozinho, isto é, a existência da mudança lingüística, não é de fácil compreensão quando se busca desvendar a natureza da língua em geral ou quando se tenta compreender os reflexos da mudança estampados na história de uma língua particular (cf. LABOV, 1994, p. 9).

A língua, como concebida por ele, é um instrumento de comunicação usado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados. Para o autor, todas as outras concepções existentes de língua possuem seu valor, porém, todas envolvem a associação de um signo e seu significado que, por sua vez, depende do conceito saussuriano de oposição e diferenças distintivas.

A mudança lingüística envolve a relação de uma forma e um significado, de maneira que as pessoas afetadas pela mudança não significam da mesma forma que as outras não afetadas, sejam pessoas mais velhas na mesma comunidade, ou pessoas da mesma idade em comunidades vizinhas.

Compreender a língua como um mecanismo cuja função principal é a comunicação entre as pessoas implica analisar as mudanças nela ocorridas como um obstáculo ao bom desenvolvimento da comunicação. Dessa forma, Labov argumenta que se a língua tem se desenvolvido no curso da história humana como um instrumento de comunicação, se tem sido bem adaptada para essa necessidade, uma de suas propriedades mais importantes deveria ser sua estabilidade.

Isso facilitaria tanto o aprendizado de outra língua quanto a comunicação entre as comunidades vizinhas. Por causa disso, Labov salienta que é difícil conciliar o fato da mudança lingüística com a noção de um sistema adaptado à comunicação, a menos que sejam identificadas outras características patológicas inerentes à língua que limitem essa adaptação.

Sobre a separação geográfica, Labov ressalta que esse fator, naturalmente e inevitavelmente, leva à separação lingüística. Entretanto, estudos sobre mudança lingüística indicam que a separação geográfica não é uma condição necessária para a sua divergência. Seus estudos têm mostrado que pessoas que vivem nas mesmas cidades e freqüentam as mesmas escolas, expostas às mesmas mídias de massa podem ser afetadas diferentemente pela mudança lingüística, de forma que no decorrer do tempo suas formas lingüísticas tornam-se cada vez mais diferenciadas.

Para o autor, a mudança lingüística não é, de forma alguma, constante. A mudança é esporádica e se move rapidamente em algumas regiões da estrutura, deformando-as e impedindo seu reconhecimento em um século ou dois. Esse processo de mudança, em um determinado momento, cessa repentinamente, de forma que certas regras, outrora normais, tornam-se inconcebíveis e não-naturais em uma década, desaparecendo por milênios para fornecer a ilusão de estabilidade.

Um exemplo disso são as mudanças sofridas pelas vogais longas do inglês que, segundo o autor, têm sofrido séries repetidas de “mudanças em cadeia”⁷¹ desde os primeiros registros da língua. Por outro lado, as vogais curtas quase não foram afetadas. No entanto, seus estudos têm mostrado que uma repentina rotatividade de vogais curtas do inglês tem irrompido em cidades do norte dos Estados Unidos, uma enorme mutação em cadeia sem registros precedentes na história da língua. Conforme argumenta Labov, esse fenômeno é irracional, violento e imprevisível, o que faz parecer quixotesco o desenvolvimento de princípios para a mudança da língua (cf. *op. cit.*, p. 10).

Em seus estudos sobre a mudança lingüística, Labov não fez somente uma revisão dos vários princípios postulados pelos grandes estudiosos da mudança, mas também discutiu problemas de interpretação, paradoxos existentes e introduziu novos princípios. Dessa forma, Labov (*op. cit.*, pp. 12-13) propôs uma explicação para a diferenciação de *fatos*, *generalizações* e *princípios* sobre a mudança lingüística.

Assim, o primeiro possui a especificidade de designar uma predicação sintética sobre um objeto particular. Esse objeto, no entanto, pode representar uma entidade concreta (um manuscrito, seu tamanho, data, etc.), abstrata (seu autor, sua rima, sua organização) ou um dialeto (sua predominância em um dado território, sua associação a uma determinada língua).

⁷¹ O termo utilizado por Labov em inglês é *chain shifts*. Trata-se de um processo de mudanças encadeadas, em que uma vogal se altera e provoca alteração em outra, e assim por diante. Um exemplo desse processo é a grande mudança ocorrida nas vogais do inglês durante os séculos XV e XVI. Por exemplo: o fonema [a:] = /na:m/ do inglês médio transformou em [ɛ:] = /n ɛ:m/ no início do inglês moderno e, mais tarde, em [eɪ] = /neim/ no inglês moderno.

Além disso, há o próprio fato da língua em si, ou seja, sua existência e seu uso pelas pessoas. Um fato pode ser difícil de se determinar, de forma que se possam ter apenas teorias sobre o que ele seja (por exemplo, a origem da linguagem), contudo, continua sendo um fato mesmo quando não se sabe ao certo o que ele seja, isto é, um fato desconhecido.

Segundo o autor, quando se faz predicções sobre a pluralidade dos objetos chega-se às generalizações. Labov argumenta que, diferentemente de um fato, uma generalização pode ser refutada. Por exemplo, quando se trata de uma declaração sobre todos os membros de uma classe, como “nenhum texto do *Old English* data-se do século VIII”, ela poderá ser refutada através de um único fato que seja inconsistente com essa declaração. Ao se tratar de uma declaração sobre a existência de algo, como “nos manuscritos do *Old English* as letras estão, às vezes, danificadas”, ela será refutada apenas quando todo fato for inconsistente com tal declaração.

Dessa forma, Labov diz que antes que o termo *The English Great Vowel Shift*⁷² fosse criado, puderam-se fazer generalizações sobre a mudança das vogais do inglês no início do inglês moderno. Na verdade, esse termo é baseado em várias generalizações, tais como: as mudanças envolvem vogais longas acentuadas, são simétricas em relação às anteriores e às posteriores, etc. Uma vez que o termo *A Grande Mudança Vocálica* foi aceito como uma entidade singular pôde-se estabelecer os fatos sobre ele, como as datas de seu início e fim.

Finalmente, o termo “princípio” é utilizado por Labov como “projeções máximas de generalizações”. Segundo o autor, um princípio é uma generalização que é irrestrita em sua aplicação, seja no tempo ou no espaço. Por isso, sua preocupação está em apresentar “princípios para a mudança das vogais” e “princípios para a mudança nos sons” e não “princípios para a mudança das vogais do inglês” ou “princípios para a mudança nos sons do indo-europeu”.

No entanto, como argumenta Labov, existem vários fatos bem aceitos na Lingüística Histórica que violam princípios reconhecidamente legítimos. Quando isso acontece, argumenta o autor, esses princípios podem ser rejeitados. Como exemplo, Labov cita o caso

⁷² Esse termo foi desenvolvido pelo lingüista dinamarquês Otto Jespersen (1860-1943), em 1909, na primeira edição de seu livro *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Jespersen aponta a escrita como tendo sido responsável pela discrepância entre os sons e a escrita do inglês. As mudanças mais acentuadas ocorreram entre os séculos XV e XVI. O advento da imprensa em 1475 e a criação de um sistema postal em 1516 possibilitaram a reprodução e disseminação de uma ortografia padronizada. Entretanto, esse período coincidiu com as grandes mudanças que ocorriam nas vogais do idioma. As mudanças que ocorreram, a partir de então, não foram acompanhadas de reformas ortográficas. Além disso, Jespersen propõe reconstruir o mecanismo da Grande Mutação Vocálica do inglês para identificar as mudanças iniciais e mostrar a seqüência dos passos como uma seqüência causal, isto é, uma mudança ocasionando outra mudança. Os estudos de Jespersen sobre as mudanças das vogais do inglês são bastante aproveitados por Labov (1994) em seu “*Principles of Linguistic Change: Internal Factors*”.

de algumas investigações sobre alguns “pares mínimos” do inglês. Na maioria das vezes, os falantes não fizeram distinção na fala entre duas palavras de significados diferentes, que na pronúncia são distintas por apenas um traço distintivo. Esse fato, como afirma Labov, viola o princípio estabelecido por Bloomfield, de que “algo como ‘uma pequena diferença no som’ não existe na língua (BLOOMFIELD, 1926 *apud* LABOV, 1994, p. 16).⁷³

Outro exemplo de fatos que violam princípios diz respeito à fusão de certos fonemas, como o caso dos ditongos /ay/ e /oy/ do inglês. Segundo o autor, há relatos de que no século XVIII, palavras como *line/lain*, *vice/voice*, *pint/point* eram pronunciadas da mesma forma. No entanto, nos séculos XIX e XX, essas palavras passaram a ser pronunciadas diferentemente. Dessa forma, Labov diz que esse fato viola claramente o *Princípio de Garde*, de que “fusões são irreversíveis por meios lingüísticos (GARDE, 1961 *apud* LABOV, *op. cit.*, *loc. cit.*).⁷⁴ A única explicação para esse fenômeno é, segundo Labov, a de Otto Jespersen (1949, p. 330[1860-1943]), de que a escrita foi responsável pela reversão.

Esses exemplos mostram a complexidade inerente à natureza da língua e do processo da mudança lingüística e com a qual o lingüista, inevitavelmente, se deparará ao aceitar o desafio de compreender tais processos. Como anunciado anteriormente, a seguir, este texto tratará da controversa “hipótese da regularidade/excepcionalidade da mudança sonora” levantada pelos neogramáticos. No debate, há mais de um século de confrontos entre dialetólogos e, posteriormente, difusionistas lexicais.

Antes que se apresentem essas discussões será, porém, necessário pontuar algumas considerações metodológicas. Diante de um tema que já gerou tanta polêmica, e que divide sobremaneira os debates em torno dos estudos históricos da mudança lingüística, é preciso que alguns cuidados metodológicos sejam tomados, de forma que a imanência desses fatos não seja afetada por uma possível interpretação partidária.

O que se busca é uma compreensão plena do assunto sob investigação. Deve-se, portanto, promover espaços para incluir diferentes concepções acerca do tema em debate. Dessa forma, as discussões iniciais entre defensores e opositores da hipótese neogramática, assim como os debates que sucederam a substanciais argumentos em favor/desfavor da teoria da Difusão Lexical, poderão iluminar a compreensão dos fatos apresentados. De qualquer forma, o que se busca é a “imanência dos fatos da mudança lingüística” posta em discussão ao longo desses debates.

⁷³ (...) such a thing as a ‘small difference in sound’ does not exist in language (BLOOMFIELD, 1926 *apud* LABOV, *op. cit.* p. 16).

⁷⁴ (...) mergers are irreversible by linguistics means (GARDE, 1961 *apud* LABOV, *op. cit.*, *loc. cit.*).

3.3. A unidade básica da mudança lingüística

Os neogramáticos foram pioneiros em defender o estudo de línguas vivas em detrimento do tipo de estudo praticado pelos comparatistas que se dedicavam aos estudos hipotéticos do indo-europeu. Segundo Hermann Osthoff e Karl Brugmann (1876), apenas aqueles que se dedicassem ao estudo de línguas vivas poderiam chegar a uma compreensão mais ampla da estrutura da língua e de como ela muda.

(...) apenas aquele [o lingüista] que renunciar para sempre ao antigo, difundido, mas ainda usado método de investigação, de acordo com o qual as pessoas observam a língua apenas no papel e resolvem tudo através de terminologias, sistemas de regras (...) – apenas ele poderá chegar a uma correta idéia da maneira pela qual as formas lingüísticas vivem e mudam (...) (OSTHOFF & BRUGMANN, 1876 *apud* LABOV, 1994, p. 18, *grifos nosso*).⁷⁵

Segundo Labov (*op. cit.*, p. 16), quando as questões sobre a mudança sonora, levantadas pelos neogramáticos, foram adaptadas dentro da perspectiva estruturalista norte-americana surgiu uma importante questão: qual é a unidade fundamental da mudança? Para Leonard Bloomfield, tratava-se do *fonema*:

Teoricamente, podemos entender a mudança regular dos *fonemas* se supusermos que a língua consiste de duas camadas de hábitos. Uma camada é fonêmica: os falantes possuem certos hábitos de sonorizar, movimentos com a língua, e assim, por diante. Esses hábitos constituem o sistema fonêmico da língua. A outra camada consiste de hábitos semântico-formais: os falantes, habitualmente, enunciam certas combinações de fonemas em resposta a certos tipos de estímulos e respondem apropriadamente quando eles ouvem essas mesmas combinações (BLOONFIELD, 1933, pp. 364-365, *ênfase acrescentada*).⁷⁶

Mudança sonora é meramente uma mudança na maneira em que o falante produz fonemas e, conseqüentemente, afeta um fonema a cada incidência, independentemente da natureza de qualquer forma lingüística em particular, na qual o fonema ocorre. (...) Numa terminologia atual, toda essa suposição pode ser brevemente posta nas palavras: *fonemas mudam*, uma vez que o

⁷⁵ (...) only he [the linguist] who renounces forever that formerly widespread but still used method of investigation according to which people observe language only on paper and resolve everything into terminology, systems of rules (...) – only he can arrive at a correct idea of the way in which linguistics forms live and change, (...) (OSTHOFF & BRUGMANN, 1876 *apud* LABOV, 1994, p.18, *grifos nosso*)”.

⁷⁶ Theoretically, we can understand the regular change of *phonemes*, if we suppose that language consists of two layers of habit. One layer is phonemic: the speakers have certain habits of voicing, tongue-movement, and so on. These habits make up the phonemic system of the language. The other layer consists of formal-semantic habits: the speakers habitually utter certain combinations of phonemes in response to certain types of stimuli, and respond appropriately when they hear these same combinations (BLOONFIELD, 1933, pp. 364-365, *ênfase acrescentada*).

termo *fonema* designa a unidade mínima sem significado do signo (*op. cit.*, pp. 453-454, *passim*, *ênfase acrescentada*).⁷⁷

No entanto, uma teoria denominada de *Difusão Lexical*, iniciada por William Wang (1969), apresenta a *palavra* como a unidade básica da mudança. Labov (*op. cit.*, p. 16) observa, entretanto, que as investigações contemporâneas têm demonstrado boas evidências que sustentam ambos os argumentos: “estamos diante de um paradoxo de princípio: a língua se comporta como se a unidade significativa, afetada pela mudança sonora, fosse o fonema, e também como se a unidade da mudança fosse a palavra”.⁷⁸ A seguir, este texto buscará sintetizar os esforços de Labov em resolver esse paradoxo e desfazer a antiga controvérsia sobre o princípio neogramático da regularidade da mudança sonora.

3.3.1. Neogramáticos e Dialeto-geógrafos: a excepcionalidade da mudança *versus* a história individual das palavras

Em 1878, Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), dois dos principais expoentes de um grupo de estudiosos que ficaram conhecidos na história como “os neogramáticos”, lançaram a seguinte declaração: “toda mudança sonora, na medida em que ocorre mecanicamente, realiza-se de acordo com leis que não admitem exceções” (OSTHOFF & BRUGMANN, 1878 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 422).⁷⁹

Como aponta Labov (*op. cit.*, *loc. cit.*), essa questão de “excepcionalidade” implica regularidade lexical, isto é, quando um som muda, ele afeta todas as palavras em que ocorre, no mesmo ambiente fonético. Labov argumentou que essa declaração de Osthoff e Brugmann cobre duas exceções. A primeira: trata-se da *mudança analógica*, que envolve relações conceituais que não são de caráter fonético ou mecânico; a segunda: diz respeito ao *empréstimo lingüístico*, que envolve relações sociais de prestígio e que não são mecânicas.

A regularidade da mudança sonora, até pouco tempo, parecia irrefutável. No entanto, dialetólogos e filólogos continuaram, ao longo do século XX, argumentando que “toda palavra tem sua própria história”. Dessa forma, os principais opositores da hipótese

⁷⁷ Sound-change is merely a change in the speakers' manner of producing phonemes and accordingly affects a phoneme at every occurrence, regardless of the nature of any particular linguistic form in which the phoneme happens to occur. (...) In present-day terminology the whole assumption can be briefly put into the words: *phonemes change*, since the term *phoneme* designates a meaningless minimum unit of signaling (*op. cit.*, pp. 453-454, *passim*, *ênfase acrescentada*).

⁷⁸ We are faced with a paradox of principle: language behaves as if the significant unit affected by sound change is the phoneme, and also as if the unit of change is the word (LABOV, *op. cit.*, *loc. cit.*).

⁷⁹ Every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception (OSTHOFF & BRUGMANN, 1878 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 422)

neogramática foram pesquisadores ligados aos estudos lingüístico-geográficos e dialetológicos, entre eles, Hugo Schuchardt (1980[1842-1927]) e Louis Gauchat (1905[1866-1942]).

Segundo Labov (*op. cit.*, p. 19), Gauchat foi quem primeiro realizou pesquisas sobre a mudança em progresso em línguas vivas⁸⁰. Seus estudos sobre o patoá francês falado na vila de Charney – Suíça, realizados entre os anos 1899-1904, mostraram variáveis que oscilavam de acordo com a idade: as gerações mais velhas usavam um /l'/ palatalizado, enquanto que as gerações mais novas usavam /y/, e as gerações médias alternavam entre /l'/ e /y/. A partir desse resultado, Gauchat acreditava poder refutar o princípio neogramático sobre a regularidade da mudança sonora, uma vez que a “unidade” da comunidade foi considerada “nula”:

As leis fonéticas não afetam todos os itens ao mesmo tempo: alguns são destinados a se desenvolverem rapidamente, outros permanecem atrás, alguns oferecem forte resistência e adquirem êxito em reverter qualquer esforço de transformação (GAUCHAT, 1905 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 425).⁸¹

Em reação a essas declarações, o neogramático italiano Pietro Goidanich (1926) argumentou que Gauchat não poderia ter encontrado mudanças sonoras reais que tenham causado a lenição de um [l'] em um glide [j]⁸². A posição neogramática de Goidanich, de que a mudança sonora se define como uma mudança gradual de um som que vai de um alvo a

⁸⁰ O estudo de Gauchat (1905) sobre o patoá francês falado em Charney, Suíça, é também considerado a primeira tentativa em correlacionar as causas da mudança com as variáveis: idade e sexo dos informantes (cf. CHAMBERS, 1995, p. 16). Esse estudo de Gauchat também é citado como um protótipo entre os estudos realizados sobre mudança em progresso em comunidades de fala (LABOV, 1991[1972], pp. 22-23; LABOV, 2006 [1966], pp. 12-13), tendo sobremaneira influenciado os estudos posteriores relacionados com esse tema. Conforme argumenta Labov, desde então, quase todos os estudos iniciam com referência a esse trabalho. Konrad Koerner (2002, p. 265) faz referência ao estudo de Gauchat como uma espécie de “apadrinhamento” do estudo de Labov sobre o inglês falado em *Martha's Vineyard*, já que ele lidou com situações bastante similares.

⁸¹ The phonetics law does not affect all items at the same time: some are destined to develop quickly, others remain behind, some offer strong resistance and succeed in turning back any effort at transformation (GAUCHAT, 1905 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 425).

⁸² O Dicionário de Lingüística (DUBOIS, *et. al.*) explica esse fenômeno sob a terminologia de *abrandamento* (pp.11-12) e *lenição* (pp.359-360): “Chama-se *abrandamento*, *enfraquecimento* ou *lenição* o fenômeno de evolução histórica ou de alternância sincrônica pelo qual, em certas línguas e numa dada posição – geralmente na intervocálica – as consoantes são realizadas com um grau menor de fechamento sob a influência das vogais: as fricativas surdas são realizadas como sonoras, as oclusivas surdas como oclusivas ou fricativas sonoras. As oclusivas sonoras como [b], [d], [g] podem passar a [β], [δ], [γ] e continuando o abrandamento, chegar ao desaparecimento. A vocalização de uma consoante é também uma espécie de abrandamento”. São exemplos: latim: *legale* > francês: *loyal* > português: *leal*; latim: *amica* > francês: *amie* > português: *amiga*. “Segundo A. Martinet, a evolução do sistema das oclusivas britônicas, em posição intervocálica, pode ser descrita da seguinte forma: as geminadas surdas [pp], [tt], [kk] devem ter-se simplificado em [p], [t], [k] (antes de aspirarem-se e resultarem nas aspiradas surdas do galês moderno); as oclusivas surdas [p], [t], [k] foram sonorizadas em [b], [d], [g], as oclusivas sonoras se enfraqueceram nas aspiradas [β], [δ], [γ]”. Um exemplo do que, possivelmente, tenha sido observado por Gauchat em suas investigações seja algo como o que se observa em palavras do francês moderno como: *fille* > [fij], *ville* > [vij], etc.

outro, fez com que ele argumentasse que as oscilações observadas por Gauchat deveriam ser resultados de mistura dialetal.

Para Goidanich, a primeira e a terceira gerações de fato falavam dialetos diferentes, isto é, pelo menos no que diz respeito ao uso dos fonemas [l'] e [j]. Mas sendo Charney uma vila que abarcava uma população isolada, a mistura dialetal proveniente de fatores externos era menos provável. Dessa forma, Goidanich argumentou que o empréstimo dialetal ocorrera, por certo, dentro da própria comunidade. Assim, ele trata as oscilações da geração média como o resultado do empréstimo de formas feito por esta geração com as outras. Tratava-se, pois, para Goidanich, de empréstimo lingüístico, não de mudança sonora (cf. LABOV, *op. cit.*, p. 442).

Segundo Labov (*op. cit.*, p. 423), o princípio neogramático da regularidade da mudança sonora atravessou o século XX e, apesar das reivindicações e evidências apresentadas pelos dialetólogos, permaneceu a tendência dominante na teoria lingüística. No entanto, uma teoria proposta em 1969 por William Wang asseverava que a mudança sonora se origina em uma única palavra ou em um pequeno grupo de palavras e, em seguida, se estendem para outras formas com composição fonológica similar.

Segundo essa teoria, a mudança é lenta e gradual e pode, no entanto, não atingir todas as palavras que seriam potencialmente afetadas. Essa teoria, chamada de Difusão Lexical, se opõe à hipótese neogramática de que a mudança sonora se aplica simultaneamente em um mesmo contexto de palavras que possuem as características fonéticas da mudança.

3.3.2. A teoria da Difusão Lexical

A teoria do lingüista chinês sobre a difusão lexical mereceu uma exposição cuidadosa de Labov, que dedicou quatro capítulos⁸³ à discussão dos argumentos e à análise dos dados de Wang e seus associados. Evidentemente, buscou se certificar da validade dessa teoria através da análise de dados sobre mudança em progresso e mudanças históricas do inglês.

Os dados iniciais de Wang se constituíram a partir de resultados de um projeto de pesquisa realizado nos anos 1950, publicado pela Universidade de Pequim, China, em 1962, denominado *Hanyu Fangyin Zihui*. Esse projeto era formado de transcrições fonéticas de 2.444 morfemas em dezessete dialetos chineses.

Juntamente com seus alunos Hsieg, Cheng, Chen, entre outros, Wang fez uso desses dados para estabelecer o percurso seguido pelas mudanças sonoras do chinês. Além disso,

⁸³ Caps. 15-18 de *Principles of Linguistic Change. Volume 1: Internal Factors*.

destacando a particularidade da língua chinesa e a particularidade da pesquisa (testar a hipótese neogramática), Wang argumentou que esses dados eram particularmente úteis, já que analogias morfológicas, que podem interferir na regularidade da mudança sonora, em paradigmas não-flexionais são praticamente inexistentes.

Conforme argumentou Labov (1994, p. 424), “logo se tornou evidente que o caráter excepcional da mudança sonora recebia pouco apoio dos dados chineses”.⁸⁴ Em seguida, o autor destacou também outro aspecto que julgava como uma das mais importantes declarações sobre o posicionamento desse grupo:

Eles [Wang e Cheng (1977)] analisam a posição neogramática, resumida no dito bloomfieldiano de que os “fonemas mudam”, sob dois aspectos: a mudança sonora é *foneticamente gradual*, procedendo através de desenvolvimentos discretos e imperceptíveis, mas *lexicalmente abrupta*, afetando todas as palavras relevantes simultaneamente (*op. cit., loc. cit., grifos nossos*).⁸⁵

Para esses pesquisadores, essa hipótese é inadequada à compreensão de mudanças fonéticas discretas, como: metáteses, epênteses, quedas (apócope/síncope), e mudanças no ponto de articulação. Dadas essas limitações e a artificialidade de muitas explicações sobre empréstimo dialetal, os autores apresentaram uma nova hipótese que indica simplesmente o contrário da hipótese neogramática: “nós argumentamos que as **palavras** mudam suas pronúncias através de desenvolvimentos discretos e perceptíveis (isto é, *foneticamente abrupto*), mas a rigor uma de cada vez (isto é, *lexicalmente gradual*” (WANG & CHENG, 1977, p. 150 *apud* LABOV, *op. cit., loc. cit., ênfase acrescentada*).⁸⁶

Pouco menos de uma década antes, Wang (1969), em seu texto considerado o marco inicial dessa abordagem, mostrou por que se posicionava contra a hipótese neogramática da regularidade da mudança sonora e explicou sua abordagem:

Esta hipótese da Difusão Lexical sugere que, em um dado momento, em qualquer língua viva, deveríamos esperar que encontrássemos vários conjuntos de morfemas com pronúncias duais. (...) Assim, nos dialetos do chinês existem grandes quantidades de morfemas que possuem duas pronúncias, uma ‘literária’, a outra ‘coloquial’ (cf. PEKING UNIVERSITY,

⁸⁴ It quickly became evident that the exceptionless character of sound change received very little support from Chinese data (*op. cit.*, p. 424).

⁸⁵ They [Wang & Cheng (1977)] analyze the Neogrammarian position, summarized in the Bloomfieldian dictum that “Phonemes change”, into two components: sound change is *phonetically gradual*, proceeding by imperceptible increments, but *lexically abrupt*, affecting all relevant words simultaneously (*op. cit., loc. cit., grifos nosso*).

⁸⁶ We hold that words change their pronunciations by discrete, perceptible increments (*i.e. phonetically abrupt*), but severally at a time (*i.e. lexically gradual*) (WANG & CHENG, 1977, p. 150 *apud* LABOV, *op. cit., loc. cit., ênfase acrescentada*).

1962). Para o inglês, as páginas de qualquer dicionário bom (e.g. KENYON & KNOTT, 1944) mostram que muitos morfemas têm duas pronúncias, como aquelas que envolvem o acento padrão [æbdəmən / æbdówmən], r-pós-vocálico [səpráiz / səpráiz], labialização vocálica [kætəlɔg / kætəlag], alongamento vocálico [ruf / ruf], silabismo [táwl / táwəl], glide-j [nu / nju], sonorização de aglomerados obstruintes intervocálicos [éksit / égzit], e assim, por diante. Na verdade, é claro, muitas das pronúncias duais são usadas pelo mesmo falante (WANG, 1969, p 8).⁸⁷

Como se vê, para Wang, a existência de variação na pronúncia de uma mesma palavra e, muitas vezes, em um mesmo falante é inconsistente com a hipótese da regularidade da mudança sonora, como proposta pelos neogramáticos. Wang toma o léxico como a unidade básica da mudança e argumenta que o processo de difusão que ocorre dentro do vocabulário do falante pode ser, igualmente, pensado como sendo abrupto: todos os “morfemas” relevantes mudam “simultaneamente”, ou gradual: a mudança afeta os morfemas relevantes, a rigor, sucessivamente. No entanto, “dado que a *implementação fonética é abrupta*, e que o vocabulário do indivíduo não muda tão repentinamente, a conclusão óbvia é que, na verdade, o que acontece é um tipo de *difusão de morfema para morfema* em seu vocabulário (WANG, *op. cit.*, pp. 7-8, *ênfase acrescentada*)”.⁸⁸

Dizer que a mudança sonora pode ser compreendida de maneira que seja ‘foneticamente abrupta’, mas ‘lexicalmente gradual’, implica compreender que a mudança que se difunde pelo léxico pode não atingir todos os morfemas com características semelhantes. A explicação de Wang para essa irregularidade está no que ele denomina de “resíduos”, isto é, se duas mudanças sonoras competem, entre si, por parte do léxico, esse cruzamento no tempo pode resultar em resíduo, provocando as exceções. Dessa forma, Wang argumenta que “a partir dos fatos examinados, parece que a ‘regularidade da hipótese’ deve ser modificada de forma que se considerem os resíduos causados por mudanças sonoras que competem, as quais se intersectam no tempo” (*op. cit.*, pp. 15-16).⁸⁹

⁸⁷ This hypothesis of lexical diffusion suggests that, at any given time in any living language, we should expect to find several set of morphemes with dual pronunciations. (...) Thus in Chinese dialects there are large sectors of morphemes which have two pronunciations, one ‘literary’, the other ‘colloquial’ (cf. Peking University 1962). For English, the pages of any good dictionary (e.g. Kenyon & Knott 1944) show that many morphemes have two pronunciations, such as those involving accent pattern [æbdəmən / æbdówmən], postvocalic r [səpráiz / səpráiz], vowel labialization [kætəlɔg / kætəlag], vowel length [ruf / ruf], syllabicity [táwl / táwəl], j-glides [nu / nju], voicing of intervocalic obstruent clusters [éksit / égzit], and so on. In actual fact, of course, many of the dual pronunciations are used by the same speaker (WANG, 1969, p.8).

⁸⁸ Given that the *phonetic implementation is abrupt*, and that an individual’s vocabulary does not change all that suddenly, the obvious conclusion is that what actually takes place is a kind of *diffusion from morpheme to morpheme* in his vocabulary (WANG, *op. cit.*, pp.7-8, *ênfase acrescentada*)”

⁸⁹ From the factors examined here it seems that the ‘regularity hypothesis’ must be modified to allow for residue caused by competing sound changes which intersect in time (*op. cit.*, pp. 15-16).

Como se pôde perceber, o processo da mudança opera sobre as palavras e não sobre os sons, por isso, denomina-se *Difusão Lexical*. No entanto, conforme argumenta Labov, Wang não nega a possibilidade de ser a mudança sonora regular e, nesse sentido, a difusão lexical pode prever não menos regularidade que o princípio neogramático (cf. LABOV, *op. cit.*, p. 425).

De fato, Wang e Lien (1993, pp. 347-348, *passim*) retomam o esquema lógico de Wang (1969, p. 7), em que ele aponta quatro possibilidades lógicas para o mecanismo da mudança sonora. De acordo com esse esquema a mudança poderia ocorrer da seguinte forma:

1. Foneticamente abrupta e lexicalmente abrupta;
2. Foneticamente abrupta e lexicalmente gradual;
3. Foneticamente gradual e lexicalmente abrupta;
4. Foneticamente gradual e lexicalmente gradual;

Como argumentado por Wang, a primeira possibilidade é excluída, uma vez que a mudança precisa de tempo para percorrer seu curso completo. A terceira possibilidade, como se viu, representa a convicção dos defensores da hipótese neogramática posta em relevo a partir da declaração de Bloomfield (1933, p. 354), de que os ‘fonemas mudam’. No entanto, as categorias fonológicas mudam sem referência ao léxico.

Por outro lado, a teoria da Difusão Lexical vê a mudança sonora como sendo gradual, difundindo-se através dos morfemas, segunda possibilidade. Wang argumentou que sua teoria estabelece a segunda e a quarta possibilidades, mas diz que a segunda é mais persuasiva (cf. WANG, 1969, p. 7; WANG & LIEN, 1993, pp. 347-348). Como se vê, Wang focaliza sua atenção em argumentar que a mudança é foneticamente abrupta, mas não ignora a possibilidade de que seja foneticamente gradual.

Cheng e Wang (1977) buscaram sustentar essa teoria através de uma impressionante demonstração de cisões lexicais ocorridas no tom III do chinês médio, no dialeto *Chaozhou*. Esses lingüistas localizaram 12 pares que foram homônimos no chinês médio, mas que estão agora separados nos tons modernos 2b e 3b.

Labov escreveu que nem as consoantes iniciais do chinês médio ou vogais finais, nem as iniciais modernas ou finais explicam a enorme separação das classes de palavras. Dessa forma, Labov (*op. cit.*, p. 425) argumenta que “os dados do *Chaozhou* representam um

exemplo dramático de uma contínua cisão sem motivação fonética – e sem motivação gramatical ou analógica”.⁹⁰

No entanto, como se observará, a teoria da Difusão Lexical não encontra muitos simpatizantes entre os lingüistas históricos. Em resposta a esse estudo sobre a mudança tonal do chinês médio no dialeto *Chaozhou*, vários lingüistas históricos sino-tibetanos e fonologistas tradicionais (EGEROD, 1976, 1982; PULLEYBLANK, 1978, 1982; CHAN, 1983; TING, 1978), defensores da hipótese neogramática argumentaram contra a relevância desses dados como possível ameaça ao princípio da regularidade da mudança sonora.

Eles alegavam, para tanto, que estava claro que se tratava de empréstimo dialetal. Egerod e Ting apenas contestaram o fato de ser a mudança tonal do *Chaozhou* um caso de difusão lexical, evitando questionar que essa fosse uma teoria da mudança lingüística. Por outro lado, Pulleyblank e Chan foram tão convictos da hipótese neogramática quanto foram relutantes em admitir que a teoria de Wang fosse uma legítima teoria da mudança sonora (cf. LABOV, *op. cit., loc. cit.*; WANG & LIEN, 1993, p. 381).

Mais recentemente, foi a vez de Paul Kiparsky colocar sob análise a teoria de Wang. Durante a elaboração do primeiro volume de *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Labov afirmou ter reescrito seu capítulo 18 após a revisão de Kiparsky (cf. LABOV, 1994, p. xviii). Nas explicações dadas por Labov, a partir da visão de Kiparsky, ou mesmo na citação de parte da argumentação desse autor, não se encontra nenhuma declaração explícita contra a teoria da Difusão Lexical. Labov, como se observará, afirma, nesse capítulo, que essa teoria e a hipótese neogramática não são teorias rivais, mas apresentam distribuição complementar no processo da mudança. As discussões de Kiparsky (1988), que motivaram parte das discussões de Labov (1994) sobre a questão da difusão lexical, e sua análise posterior (KIPARSKY, 1995), serão apresentadas posteriormente.

3.3.3. Difusão Lexical na língua inglesa

O empenho de Labov em mostrar que a difusão lexical é um tipo especial de mudança lingüística remonta ao seu discurso de posse como presidente da *Linguistic Society of America*, em 1979. Conforme argumenta Wang (1993, p. 345), Labov tomou o caso da mudança tonal do *Chaozhou* como um exemplo clássico, entre os dialetos chineses, que apóia a teoria da Difusão Lexical. Desde então, em outros trabalhos, Labov (1981, 1989a, 1994) tem

⁹⁰ The Chaozhou data provide a dramatic example of an even split without phonetic motivation – and with no analogical or grammatical motivation (LABOV, *op. cit., loc. cit.*).

buscado identificar como o processo da difusão lexical se desenvolveria dentro da língua inglesa e onde, de forma geral, poderia ser encontrada.

Seus estudos vinham mostrando que em determinados fenômenos, ambas, a mudança sonora regular e a difusão lexical, representavam processos ativos e produtivos. O desafio principal era descobrir quando um tipo de mudança ou outro ocorria. Para resolver esse impasse, Labov propôs uma solução estrutural, isto é, “diferenciar as áreas da estrutura lingüística em que a mudança sonora regular, ou a difusão lexical, seja mais provável de ser encontrada” (LABOV, 1994, p. 502).⁹¹

Dentre os vários estudos sobre a mudança vocálica na cidade de Filadélfia, a cisão do “a breve” em duas formas fônicas, /æh/⁹² tenso e /æ/ frouxo, aparentou-se ser um caso clássico de difusão lexical. Trata-se de dois processos distintos: primeiramente, acontece a cisão do “a breve” nas formas /æh/ tenso e /æ/ frouxo; em seguida, a categoria *tensa* alça-se. As condições, tanto para a cisão da vogal a breve quanto para o alçamento da categoria tensa, são bem similares. Conforme aponta Labov (*op. cit.*, p. 506), dois dos três elementos que favorecem o alçamento do /æh/ tenso também formam partes das condições favoráveis para a cisão.

Assim, se o a estiver posicionado antes de uma consoante nasal ou de uma oclusiva (/d/ [especificamente, três palavras: *mad, bad, glad*]), tem-se um ambiente propício para que o /æh/ tenso seja instalado no léxico. Entretanto, segundo Labov, consoantes nasais seguintes favorecem a seleção de palavras para a categoria do /æh/ mais do que uma oclusiva seguinte, uma vez que a maioria das palavras selecionadas para a categoria /æh/ se incluem dentro da primeira regra.

Quando se compara esse condicionamento fonológico, isto é, o efeito das nasais com o de fricativas surdas, tem-se o seguinte resultado:

Quando o a breve, de início de palavras, ocorre antes de uma nasal, todas as palavras são selecionadas: **tensas:** *aunt, answer, ancestors, anchovies, ambush, ambition, ambulance, anticipate, anti-*. Mas quando ele ocorre antes de fricativas surdas, apenas as palavras monossílabas mais comuns são

⁹¹ (...) to differentiate the areas of linguistic structure where regular sound change or lexical diffusion is most like to be found (LABOV, 1994, p. 502)."

⁹² Segundo Labov (*op. cit.*, p. 505), na busca por combinações fonéticas que distingam uma forma que sofreu mudança de uma que está em processo, os termos “tenso” e “frouxo” são os mais apropriados para distinguir /æh/ e /æ/. A glide /h/ indica que a vogal tensa está num processo de se tornar uma glide. O processo de *ingliding*, conforme definição de Labov (2006, p.406), trata-se de um fonema “*terminating in a mid-central glide, as ingliding vowels [e⁹] and [u⁹]*”. Além disso, Labov diz que embora a forma /æh/ pareça requerer maior esforço muscular, o termo *tensa* não pode ser usado para se referir a essa propriedade até que se tenham dados eletromiográficos que apoiem essa impressão. O desenvolvimento da variável (æh) é reconstruído seguindo uma série de aumentos no processo de anteriorização e alçamento dessas características que se classificam como *tensas* por causa desses critérios (cf. LABOV, 1994, p.505).

transformadas em tensas: **tensas:** *ass* and *ask*; **frouxas:** *ascot*, *aspirin*, *astronauts*, *aspect*, *athletic*, *after*, *African*, *Afghan* (*op. cit.*, *loc. cit.*, ênfase acrescentada).⁹³

Pesquisas sobre esse mesmo fenômeno na cidade de Nova Iorque apresentaram uma regra que amplia a lista de consoantes condicionadoras do /æh/ tenso. Assim, em Nova Iorque, o padrão básico é que o **a** breve se torne tenso antes de todas as fricativas surdas, oclusivas sonoras e das nasais m, n. Dessa forma, tem-se o seguinte mapa das consoantes condicionadoras.

Consoantes que vêm depois do “a” breve, condicionando sua tensão em /æh/, na Filadélfia (tabela cinza) e Nova Iorque (tabelas cinza e roxa) (adaptado de LABOV, 1994, p. 520).

P		t	č	k
B		d	j	g
M		n	š	ŋ
F	θ	s	ž	
V	ð	z	r	
		l		

← Filadélfia

← Nova Iorque

Após a identificação dos ambientes fonológicos condicionadores da cisão do **a** breve, Labov emprega seus esforços à busca de possíveis condicionadores gramatical e social. Segundo o autor (*op. cit.*, p.507), o condicionamento gramatical é bastante abrangente no processo de seleção. Assim, sufixos flexionais favorecem a tensão como em *planning* e *passes* e das formas comparativas *-er* e superlativas *-est* do inglês.

Labov argumenta que embora esse processo possa ser atribuído à analogia, dentro da perspectiva neogramática, é, no entanto, um efeito gramatical. Labov (1989a) argumentou que sufixos derivacionais também desempenham algum papel no processo de tensão, embora apresentem muitas variações.

Por exemplo, os sufixos diminutivos *Frannie*, *Danny* e *Sammy* são regularmente tensos, enquanto que *Cassie* e *Cathy* são frouxos. Da mesma forma, as formas dos verbos irregulares no passado: *ran*, *swam*, *began* são regularmente frouxos. No entanto, nenhum traço de condicionamento gramatical foi encontrado no processo de alçamento do (æh) tenso.

Com relação à cisão do **a** breve, em discursos espontâneos na cidade de Filadélfia, nenhuma diferenciação social foi encontrada. Segundo Labov (*op. cit.*, pp. 507-509), “o

⁹³ When word-initial short **a** occurs before a nasal, all words are selected: **tense** *aunt*, *answer*, *ancestors*, *anchovies*, *ambush*, *ambition*, *ambulance*, *anticipate*, *anti*-. But when it occurs before a voiceless fricative, only the more common, monosyllabic words are tensed: **tense** *ass* and *ask*; **lax** *ascot*, *aspirin*, *astronauts*, *aspect*, *athletic*, *after*, *African*, *Afghan* (*op. cit.*, *loc. cit.*, ênfase acrescentada).

falante mais idoso de classe alta, nascido em 1915, possuía, essencialmente, o mesmo sistema que o falante mais idoso de classe operária, nascido em 1892”.⁹⁴

No entanto, com relação ao processo de tensão do (æ) frouxo, a variável classe social pareceu exercer alguma influência. Os falantes da classe operária tenderam a utilizar a característica tensa antes de /l/, enquanto que falantes de classe média marcaram essa característica antes de nasais. Porém, o processo relacionado com o alçamento do (æh) tenso apresentou uma relação muito próxima com as variáveis, idade, classe social e sexo.

Uma análise conclusiva (*op. cit.*, pp. 526-527) mostrou diferentes características na implementação do alçamento do (æh) tenso e tensão do (æ) frouxo. Dessa forma, diz-se que o primeiro fenômeno é marcado pela ausência de difusão lexical; envolve uma única característica fonética e um condicionamento fonético preciso; além de envolver condicionamento social. O segundo fenômeno apresenta difusão lexical; envolve várias características fonéticas e um condicionamento fonético aproximado; envolve condicionamento gramatical e; não apresenta condicionamento social.

Para Labov (*op. cit.*, *loc. cit.*), as características apresentadas pelo processo de alçamento do (æh) tenso também se aplicam a outras mudanças sonoras em progresso na Filadélfia, como os casos de (aw), (ow), (uw), (ay0), (oy). Esses processos, conforme argumentou Labov, eram casos clássicos de mudança sonora, se encaixando dentro do que previa a hipótese neogramática. “Já o processo de cisão do *a* breve e subsequente tensão do (æ) frouxo representou um caso clássico de difusão lexical”.

Uma vez que os casos analisados envolviam mudanças vocálicas em progresso, Labov (*op. cit.*, p. 527) argumentou que seria necessária uma análise de mudanças vocálicas concluídas, isto é, que já tivessem completado seus cursos, se fosse desejada uma compreensão mais apurada, sobre “onde, de maneira geral, se poderia encontrar difusão lexical e onde poderia se esperar a regularidade neogramática”.⁹⁵

Suas análises sobre a transformação do *i* breve do inglês arcaico no *ī* longo do inglês médio apontou uma série de processos que incluíam: a queda da palatal surda *ç* (gh) e o subsequente alongamento do *ī* em palavras terminadas em /t/, como em: *night* [ni:t], *light* [li:t], *sight* [si:t], *right* [ri:t]. Além disso, o *i* foi alongado antes das consoantes *g* e *h* finais, como em: *thigh* e *nine* (<*nigon*> do inglês arcaico). Segundo Labov, esses processos apresentaram difusão lexical. No entanto, a subsequente ditongação do *ī* longo foi um

⁹⁴ (...) *the oldest upper-class speaker, born in 1915, had essentially the same system as the oldest working-class speaker, born in 1892* (LABOV, *op. cit.*, pp. 507-509)

⁹⁵ (...) where in general can we expect to find lexical diffusion, and where can we expect Neogrammarian regularity Labov (*op. cit.*, p. 527).

componente perfeitamente regular da Grande Mudança Vocálica do inglês, não apresentando, portanto, difusão lexical (cf. *op. cit.*, pp. 527-528).

Outro exemplo na história da língua inglesa mostrou a irregular distribuição do *ē* longo do inglês médio. Dessa forma, esse fonema foi encurtado em palavras como: *head, dead, breath, sweat*, etc., enquanto a maioria das palavras dessa classe permaneceu longa e, subseqüentemente, alçou-se para [i:]: *bead, read, mead*, etc. Na posição posterior do trato bucal, encontraram-se resultados de outros dois encurtamentos irregulares com um condicionamento fonético acidentado [ʌ]: *flood, blood, glove*, etc., em seguida, [ʊ]: *good, stood*, em oposição à [u]: *food, mood, fool*, etc.

Segundo Labov (*op. cit.*, p. 529-530), o atual processo de tensão/alongamento e alçamento do *a* breve, tratado anteriormente, representa a quinta de uma série de tais processos na língua inglesa. Abaixo, expõe-se um sumário dessas transformações:

1. O *ā* do inglês arcaico sofreu alongamento, alçamento no ponto de articulação e posteriorização incondicionados e regulares para *ɔ* em sílabas abertas. Em seguida, alçou-se para [o:] e ditongou-se em [ou]. Assim, as formas *ta, stán* e *bát*, do inglês arcaico, transformaram-se, no inglês moderno, em: */tow, stown, bowt/*.
2. No final do inglês arcaico e início do inglês médio, o *a* breve sofreu alongamento em sílabas abertas, com subseqüente anteriorização, alçamento do ponto de articulação e ditongação. Assim, as formas *name* e *grave*, do inglês médio, transformaram-se, no inglês moderno, em */neym, greyv/*.
3. No moderno inglês britânico do sul, o *a* breve, em sílabas fechadas por fricativas surdas anteriores e nasais frontais de origem francesa, foi alongado para formar o “[ɑ]”, pronúncia britânica para palavras como: *class, mass* (missa), *cast, pass, half, bath, aunt, dance*, etc., mas não para: *mass* (massa), *ant, fancy*, etc.
4. No inglês americano, o *o* breve aberto foi alongado antes de fricativas surdas e nasais posteriores para se juntar ao *o* longo aberto, com subseqüente alçamento no ponto de articulação, posteriorização e desenvolvimento de uma *inglide*, de forma que, na Filadélfia, em palavras como: *lost, cloth, cough, strong, long*, esse fonema se transformou numa variedade de formas, como: [ɔ; Ω; oə; və], em oposição a: *costume, Gothic, Goffman, ping pong*, com [ɑ].
5. No inglês americano, o *a* breve tenso alça-se às posições média e alta.

Conforme argumentou Labov, todas essas mudanças, de forma geral, apresentaram as mesmas características encontradas no processo de tensão do (æ) frouxo e alçamento do (æh) tenso elaboradas anteriormente. Dessa forma, uma definição sobre esses processos pareceu emergir: “podemos concluir que os processos de alongamento e encurtamento vocálicos do inglês são implementados por difusão lexical, enquanto que os processos de alçamento do

ponto de articulação, abaixamento, posteriorização e anteriorização procedem através de mudança sonora regular” (LABOV, *op. cit.*, p. 530).⁹⁶

Para Labov, a questão da irregularidade desses processos de encurtamento ou alongamento repousa sobre a natureza fonética de seus traços distintivos. Dessa forma, argumenta que não se trata de mudança em sentido literal, mas de mudanças em algumas das características que compõem as vogais longas ou breves: “**longo/breve**, assim como, **tenso/frouxo**, não se referem a nenhuma dimensão física (...), mas, ao invés disso, referem-se a um conjunto de características que podem incluir comprimento/duração, altura, anterioridade, as direções e contornos dos glides, etc.” (*op. cit.*, p. 531, *ênfase acrescentada*).⁹⁷ Assim, nos processos que tornam uma vogal breve ou longa, todo o conjunto de traços fonéticos muda ao mesmo tempo, isto é, foneticamente abruptos, porém, sua disseminação pelo léxico ocorrerá de forma gradual, podendo não atingir todos ambientes possíveis.

Embora o foco de suas análises estivesse sobre o processo de mudança sonoro-vocálica, Labov recorreu a alguns estudos feitos sobre mudança consonantal, em especial às descobertas de Ivan Fónagy (1956) sobre a variedade e complexidade dos fatores que influenciam a mudança sonora. Após a análise de alguns dados de Fónagy, entre outros, Labov concluiu que a mudança sonora regular operava na maioria dos casos. Encontrou-se por outro lado, difusão lexical, com mais frequência, em processos de alongamentos e encurtamentos vocálicos, assim como no ponto de articulação das consoantes (cf. LABOV, *op. cit.*, pp. 539-541). Emergiu-se, dessa forma, uma conceituação para os dois tipos de mudança:

Mudança sonora regular é o resultado de uma transformação gradual de uma única característica fonética de um fonema em um espaço fonético contínuo. É característica dos estágios iniciais de uma mudança que se desenvolve dentro de um sistema lingüístico sem condicionamento gramatical, ou lexical, ou qualquer grau de consciência social (“mudança que vem de baixo”). **Difusão lexical** é o resultado de uma substituição abrupta de um fonema por outro em palavras que contêm esse fonema. As antigas e novas formas da palavra geralmente diferirão em várias características. Esse processo é mais característico dos últimos estágios de uma mudança interna que se diferencia por condicionamento gramatical e lexical, ou tem desenvolvido um alto grau de consciência social ou de

⁹⁶ We can conclude that vowel lengthening and shortening in English are implemented by lexical diffusion, while raising, lowering, backing, and fronting proceed by regular sound change (LABOV, *op. cit.*, p. 530).

⁹⁷ **Long/short**, like **tense/lax**, does not refer to any physical dimension (...), but instead refers to a set of features that may include length, height, fronting, the directions and contours of glides, and the temporal distribution of the overall energy of the vowel (*op. cit.*, p. 531, *ênfase acrescentada*).

empréstimos de outros sistemas (“mudança que vem de cima”) (LABOV, *op. cit.*, p. 542).⁹⁸

Labov (*op. cit.*, p. 543) concluiu, finalmente, que mudança sonora regular e difusão lexical não são processos rivais, mas apresentam distribuição complementar, conforme sumarizado na tabela:

Mudança Sonora Regular	Difusão Lexical
As vogais mudam no ponto de articulação Ditongação das vogais altas Consoantes mudam no modo de articulação Vocalização das líquidas Apagamento dos glides e chuás	Encurtamento e alongamento dos segmentos Ditongação das vogais médias e baixas Consoantes mudam no ponto de articulação Metáteses das líquidas e oclusivas Apagamento das obstruintes

Com base nesses diferentes elementos apresentados acima, Labov (*op. cit.*, p. 541) acreditou ter resolvido o que ele chamou de *paradoxo neogramático*: “se Wang e seus associados estão certos sobre a difusão lexical, e os neogramáticos estivessem mais certos do que eles sabiam sobre mudança sonora, seria possível que ambos estivessem certos?” Como observado anteriormente, Wang e seus associados argumentaram em favor da hipótese de que são “as palavras que mudam”, contra a orientação neogramática de que são “os fonemas”.

Assim, para Labov, nenhuma das formulações, sobre serem as palavras ou os fonemas que mudam, é tão adequada e são, senão, “*slogans* que perderam suas conexões com a realidade”. Como visto, a mudança sonora regular e a difusão lexical são, para Labov, tipos legítimos de mudança lingüística, cada qual desempenhando diferentes papéis determinados pelo sistema lingüístico.

3.3.4. As respostas de Paul Kiparsky às conclusões de Labov

Antes que se apresentem as discussões de Kiparsky sobre a reivindicação de Labov em favor da difusão lexical como um tipo legítimo de mudança lingüística é conveniente pontuar algumas considerações metodológicas. Diante de um tema ainda não muito explorado e longe

⁹⁸ **Regular sound change** is the result of a gradual transformation of a single phonetic feature of a phoneme in a continuous phonetic space. It is characteristic of the initial states of a change that develops within a linguistic system, without lexical or grammatical conditioning or any degree of social awareness (“change from below”). **Lexical diffusion** is the result of the abrupt substitution of one phoneme for another in words that contain that phoneme. The older and newer forms of the word will usually differ by several phonetic features. This process is most characteristic of the late stages of an internal change that has been differentiated by lexical and grammatical conditioning, or has developed a high degree of social awareness or of borrowing from other systems (“change from above”) (LABOV, *op. cit.*, p. 542).

de ser uma unanimidade é preciso que algumas precauções sejam tomadas. Conforme assinala Kiparsky (1989, p. 404), “essas e outras questões de lingüística histórica estão, no momento, sendo respondidas de formas radicalmente diferentes”.⁹⁹ Se o que se busca é uma compreensão plena do assunto que está sob investigação, deve-se promover espaços para incluir diferentes concepções acerca do tema posto em debate.

Dessa forma, as discussões que sucederam argumentos substanciais como os apresentados em favor da Difusão Lexical poderão iluminar a compreensão do investigador com novas evidências ou refutar argumentos anteriores. De qualquer forma, o que se busca é a imanência do assunto posto em discussão. A opção por incluir as discussões de Paul Kiparsky (1989; 1995) é, particularmente, adequada já que o debate entre os dois eminentes estudiosos rendeu várias respostas de ambas as partes que foram tornando mais esclarecedor esse tema.

O texto de Kiparsky, *Phonological changes* (1989, pp. 363-415) é, segundo Labov, uma resposta ao seu artigo, *Resolving the neogrammarian controversy* (1981), conforme citação:

Kiparsky (1989) apresenta a mais abrangente declaração sobre essas questões surgida nos últimos anos. Inicia-se com a “hipótese da excepcionalidade” dos neogramáticos e argumenta (1) que se trata de uma reivindicação empírica, (2) que não é incompatível com o fato de que toda palavra tem sua própria história, e (3) que ela é contradita por várias evidências de condicionamento gramatical e difusão lexical. As visões de Kiparsky foram formuladas depois que a posição desenvolvida neste capítulo foi primeiramente apresentada em 1981 e são, em parte, uma resposta a ela. Este e os próximos capítulos tentarão levar em conta e responder às posições de Kiparsky sobre empréstimo dialetal, difusão lexical e condicionamento gramatical (LABOV, 1994, p. 423).¹⁰⁰

Kiparsky (1995)¹⁰¹, que é uma extensão do texto de Kiparsky (1989) e uma nova resposta ao texto de Labov (1994), dá continuidade à análise da regra que, graças ao trabalho de Labov, tornou-se o caso mais famoso de difusão lexical: o processo de “tensão do æ” nos

⁹⁹ (...) these and other basic questions of historical linguistics are at the moment being answered in radically different ways (KIPARSKY, 1989, p. 404).

¹⁰⁰ Kiparsky (1989) presents the most comprehensive statement of these issues to appear in recent years. It begins with the “exceptionless hypothesis” of the neogrammarians, and argues (1) that it is an empirical claim, (2) that it is not incompatible with the fact that each word has its own history, and (3) that it is contradicted by much evidence of grammatical conditioning and lexical diffusion. Kiparsky’s views were formulated after the position developed in this chapter was first presented in 1981, and are in part a response to them. This and the following chapters will attempt to take into account, and respond to, Kiparsky’s positions on dialect borrowing, lexical diffusion, and grammatical conditioning (LABOV, 1994, p. 423).

¹⁰¹ Kiparsky, na primeira nota de rodapé de seu texto de (1995), diz que seu artigo é, em parte, resultado da leitura de partes do rascunho do texto de Labov (1993[1994]), embora afirme que não necessariamente um concorde com o outro.

dialetos da Filadélfia e em vários outros no leste dos EUA. Como visto, essa regra se aplica, no ambiente principal, antes dos fonemas /-f, -s, -θ, -n, -m/ e das extensões /-d, -l/.

Labov (1994, pp. 429-437) mostrou que as vogais [+tensas] têm substituído (ou estão em processo de substituição) vogais [-tensas] numa classe de palavras na Filadélfia, especialmente na fala de crianças e adolescentes. Segundo Kiparsky (1995, p. 650), essa classe de palavras inovadora inclui: (1) palavras em que o (æ)¹⁰² se encontra no ambiente da regra de tensão adequado (isto é, antes dos fonemas /-f, -s, -θ, -n, -m/), mas está numa posição contrária ao que a regra principal requer, isto é, numa sílaba aberta, como em (*planet, damage, manage*, etc.); (2) palavras em que o (æ) está antes de (*l* e *d*). Essas são consoantes sonoras não incluídas entre as regras originais desencadeadoras de tensão.

Kiparsky argumenta que o reconhecimento de que a distribuição do (æh) tenso e (æ) frouxo da Filadélfia é uma “extensão analógica” da regra mencionada no parágrafo anterior, proporciona uma posição para explicar esses fatos. Dessa forma, as condições fonológicas sob as quais o (æh) tenso se dissemina através do léxico formam uma extensão do contexto original da regra em dois aspectos: primeiro, a condição que requer que as consoantes condicionantes sejam apenas os fonemas [-f, -s, -θ, -n, -m] é abandonada; segundo, as consoantes [l] e [d] são incluídas entre as consoantes condicionantes (cf. KIPARSKY, *op. cit.*, p. 651).

Dessa forma, Kiparsky argumenta que a antiga regra que era aplicada apenas antes de uma classe de consoantes (chamadas, por ele, de *tautosilábicas* [-f, -s, -θ, -n, -m]) é generalizada por alguns falantes para aplicá-la antes de certas consoantes adicionais e a condição *tautosilábica* é abandonada. Dessa forma, os falantes que internalizaram a regra nessa maneira generalizada podem pronunciar o (æh) tenso em palavras do tipo: (*planet, damage, mad, bad, personality, alley*, etc). No entanto, os falantes com a regra generalizada ainda podem utilizar o (æ) frouxo nesses novos contextos. E, nessa variação resultante na comunidade de fala, a regra generalizada aproveitará uma vantagem seletiva que a levará a, gradualmente, ganhar terreno.

Segundo Kiparsky, os ambientes originais da regra que desencadeia a tensão do (æ) frouxo eram antes dos fonemas tautosilábicos: [-f, -s, -θ, -nt, -ns], como em *pass, path, laugh, aunt, dance*, etc., isto é, o (æ) frouxo tornava-se (æh) tenso antes dessas consoantes.

¹⁰² Labov utilizou as terminologias (æ) e (æh) entre parênteses para se referir à vogal frouxa que está em processo de tensão e à tensa que está em processo de alçamento, respectivamente. Kiparsky utiliza a terminologia [æ] quando quer se referir à vogal que está em processo de tensão, ou [A] para se referir à vogal tensa. No entanto, para que se evitem confusões entre essas terminologias, este texto continuará adotando as terminologias utilizadas por Labov.

Tornou-se generalizado, no entanto, aplicá-los antes das nasais *n*, *m*, em todos os dialetos do Meio-Atlântico e, mais tarde, também antes de sonoras oclusivas. Assim, tem-se a regra lexical de tensão do [æ] na Filadélfia: [æ] = [æh] antes dos tautossilábicos: *f*, *s*, *θ*, *n*, *m*, [*d*, *l*]; e a regra lexical de tensão do [æ] em Nova Iorque: [æ] = [æh] antes dos tautossilábicos: *f*, *s*, *θ*, *š*, *n*, *m*, *b*, *d*, *j*, *g* (cf. KIPARSKY, *op. cit.*, *loc. cit.*).

A conclusão de Kiparsky é, portanto, que difusão lexical não se trata de *empréstimo*, pois ela segue uma direção sistêmica estabelecida pelo próprio sistema fonológico da língua, e envolve mudança na pronúncia de palavras existentes, ao invés de introduzir novas, papel desempenhado pela *analogia*.

Pareceria, portanto, que se tratava – juntamente com a mudança sonora neogramática, a analogia e o empréstimo dialetal – de um quarto tipo de mudança lingüística. No entanto, Kiparsky apresenta um esquema em que a difusão lexical se comporta igualmente à *analogia* lexical, em todo aspecto, conforme sumarizado na tabela abaixo.

Tabela 1.0. O comportamento da mudança: comparação entre o processo da Difusão Lexical com o da Analogia Lexical (traduzido de Kiparsky [1995, p. 643]).

	Mudança sonora	Empréstimo	Analogia lexical	Difusão lexical
Generalidade	Geral	Item por item	Contexto por contexto, item por item	Contexto por contexto, item por item
Gradiente	Gradiente	<i>Quantal</i>	<i>Quantal</i>	<i>Quantal</i>
Origem	Endógena	Contato	Endógena	Endógena
Ritmo	Rápido	Rápido	Lento	Lento
Efeito sobre: sistema de regra	Novas regras	Não há mudança	Regras generalizadas	Regras generalizadas
Efeito sobre: som/fonema/inventário	Novo inventário	Periférico	Não há mudança	Não há mudança
Efeito sobre: vocabulário	Não há mudança	Novas palavras	Não há mudança	Não há mudança

Kiparsky diz que o processo de “tensão do æ”, analisado por Labov, apóia a reivindicação de que a difusão lexical é a “extensão analógica de certas regras lexicais”, isto é, uma regra que se estende para incluir outra regra. Afirma, portanto, que essa hipótese se “encaixa aconchegantemente dentro da tríade neogramática, com todas as suas propriedades passíveis de explicação” (cf. KIPARSKY, p. 643).

A análise desse autor sobre a sugestão de Labov de que difusão lexical é uma característica intrínseca de alguns tipos de características fonológicas e a mudança sonora neogramática é característica de outros, além de polêmica, é pouca esclarecedora.

Para Labov (*op. cit.*, p. 531), a difusão lexical afeta “classes de ordem superiores”, características fonológicas como *tenso* e *longo* que são definidas em termos de várias

propriedades fonéticas não-relacionadas. Características como anterior/posterior e alto/baixo, por outro lado, não sofrerá difusão lexical porque suas realizações físicas são mais diretas.

Kiparsky (*op. cit.*, p. 652) argumenta que se a difusão lexical realmente depende do fato de que uma característica seja realizada em uma única dimensão física ou em várias, sua descrição de difusão lexical como “a extensão analógica de regras lexicais” teria que ser abandonada. Segundo esse autor, um problema com a idéia de Labov é que o alongamento do æ, embora envolva a mesma característica em todos os dialetos, sofre difusão lexical nos dialetos do meio-atlântico e não nas cidades do norte.

A resposta de Labov (*op. cit.*, pp. 538-539) a essa objeção é que a regra opera em um “alto nível de abstração” nos dialetos do meio-atlântico e em um “baixo nível de abstração” nas cidades do norte. Dessa forma, Kiparsky finaliza sua discussão dizendo que a interpretação da difusão lexical que ele defendeu implicaria uma necessária noção estrutural de abstração e que o caráter fonético da característica deveria ser imaterial. Assim, argumentou contra a reivindicação de que essa hipótese seja um novo tipo de mudança lingüística:

(...) difusão lexical não é um tipo excepcional de mudança sonora, nem um novo, quarto tipo de mudança lingüística, mas um tipo bem comportado de mudança analógica. Especificamente, difusão lexical é a generalização analógica de regras fonológicas lexicais. (...) o que eu sustento é que todos os casos genuínos de ‘difusão lexical’ (aqueles que não são devidos a outros mecanismos como mistura dialetal) são ‘todos’ resultados de mudanças analógicas (KIPARSKY, 1995, p. 641, *passim*).¹⁰³

Essa conclusão de Kiparsky parece surpreendente, já que em seu texto anterior nenhuma argumentação se assemelhava a essa. Embora tratasse a difusão lexical como uma “propriedade das regras lexicais”, não a relacionou com a analogia ou buscou introduzi-la dentro da tríade neogramática. Pelo contrário, em referência ao seu texto de (1989), Labov (*op. cit.*, p. xvii) diz que a opinião de Kiparsky é que os neogramáticos estão simplesmente e empiricamente errados. Um exame desse texto de Kiparsky evidencia sua antiga posição em relação ao processo da difusão lexical:

Nossa hipótese ainda prevê que a mesma característica, na verdade, a mesma regra, deveria ser sujeita à difusão lexical em uma língua ou dialeto e não em outro, dependendo se a característica seja lexicalmente distintiva ou não.

¹⁰³ (...) lexical diffusion is not an exceptional type of sound change, nor a new, fourth type of linguistic change, but a well-behaved type of analogical change. Specifically, ‘lexical diffusion is the analogical generalization of lexical phonological rules’. (...) What I contend is that genuine instances of ‘lexical diffusion’ (those which are not due to other mechanisms such as dialect mixture) are ‘all’ the result of analogical change (KIPARSKY, 1995, p. 641, *passim*)

Mostraremos que isto é confirmado em um exemplo bem conhecido do inglês, o processo de tensão do /æ/ breve. (...) Como temos visto, tendo adquirido status lexical, o processo de tensão depois se espalha para novos itens lexicais, isto é, sofre difusão lexical (KIPARSKY, 1989, pp. 399, 403-404, *passim*).¹⁰⁴

3.3.5. Divergência e coexistência das teorias sobre a mudança

Uma provável explicação para as questões evidenciadas nos parágrafos anteriores poderá ser inferida do próprio texto de Kiparsky (1989, p. 404), de que “questões como essas, em lingüística histórica, no momento, estão sendo respondidas de formas radicalmente diferentes”, algumas das quais ele tentou resolver durante suas discussões. Outra questão importante foi levantada por Labov e apresentada no início deste capítulo. Para o autor, o fenômeno da mudança lingüística é, muitas vezes, “irracional, violento e imprevisível, o que faz parecer quixotesco o desenvolvimento de princípios para a mudança da língua” (cf. LABOV, 1994, p. 10).

O importante, neste momento, é ressaltar os esforços que se tem feito para tornar mais conhecido o funcionamento da mudança sonora. Dessa forma, mesmo Wang (1969), que parecia bastante seguro de seus argumentos, viu-se, diante de evidências posteriores, compelido a reconhecer que a mudança sonora também opera da forma prevista pelos neogramáticos: “o conceito neogramático de mudança lingüística, provavelmente, continuará sendo parte da verdade” (WANG, 1979 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 438).¹⁰⁵ Labov ressaltou que, em resposta à apresentação de seu texto de (1981), várias declarações, reconhecendo a existência de ambas, mudança sonora regular e difusão lexical, começaram a surgir.

Ao comentar a relação entre ciência e arte, Thomas Kuhn (1969[1922-1996], p. 407-408 *apud* KOERNER 2002, p. 297) observou que “a ciência destrói seu passado”. Kuhn cita como exemplos as descobertas de Albert Einstein (1879-1955) e Erwin Schrödinger (1887-1961), que tornaram bastante irrelevantes os trabalhos desenvolvidos por Galileu Galilei (1564-1642) e Isaac Newton (1643-1727). Por outro lado, observou que a arte de Pablo Picasso (1881-1973) não tornou as pinturas de Rembrandt van Rijn (1606-1669)] obsoletas.

¹⁰⁴ Our hypothesis further predicts that the very same feature, indeed the same rule, should be subject to lexical diffusion in one language or dialect and not in another depending on whether the feature is lexically distinctive or not. We will show that this is borne out in a well-known English example, the tensing of short /æ/. (...) As we have seen, having acquired lexical status, tensing then spreads to new lexical items, that is, it undergoes lexical diffusion (KIPARSKY, 1989, pp. 399, 403-404, *passim*).

¹⁰⁵ (...) the neogrammarian conception of language change will probably continue to be parte of the truth (WANG, 1979 *apud* LABOV, *op. cit.*, p. 438).

Konrad Koerner (*op. cit.*, p. 298) analisa se esses argumentos de Kuhn seriam válidos para o campo da ciência da língua. Para esse autor, a Lingüística pode ser considerada uma ciência exata com respeito a certas questões metodológicas e procedimentos de análises; no entanto, não se pode argumentar que uma teoria particular torna outras teorias rivais obsoletas, ou que uma mudança de paradigma demande uma adesão rigorosa de todo membro da comunidade científica que queira permanecer e trabalhar nesse campo. Como prova disso, Koerner aponta a grande diversidade de concepções sobre teorias lingüísticas gerais e tratamentos de aspectos específicos da análise lingüística que surgiram nas últimas décadas do século XX.

Esses argumentos parecem bastante reveladores do caráter da ciência “Lingüística”, de forma geral, e dos estudos sobre a mudança lingüística, nos casos particulares apresentados neste capítulo. Como se viu durante este texto, teorias lingüísticas rivais reclamavam possuir evidências conclusivas em favor de suas hipóteses e em desfavor de hipóteses alheias, de forma que ambas pareciam possuir a “verdade” dos fatos da mudança. Entretanto, a “verdade” dos fatos, apresentada por uma teoria, chegava a divergir em absoluto da “verdade” reivindicada pela outra. Apesar disso, ao invés de se invalidarem, ambas as teorias coexistem e se desenvolvem dentro do campo da Lingüística.

Como observado, o tema da mudança lingüística ainda divide bastante as opiniões dentro dos estudos históricos dessa natureza e, dessa forma, uma análise conclusiva mostrará muitos avanços nos estudos desse tipo, mas também muita falta de harmonia entre os resultados apresentados por cada grupo teórico.

CAPÍTULO 4

OS LÍDERES DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

As gramáticas em que a mudança lingüística ocorre são gramáticas da comunidade de fala [...]. Os idioletos não fornecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.

Uriel Weinreich, *et. al.*¹⁰⁶

Se os fatores sociais estão de fato relacionados com o início e a continuidade desse processo [a mudança lingüística], seria essencial saber algo sobre a classe social, o sexo, a etnia, ou a ocupação dos inovadores.

William Labov¹⁰⁷

4.1. O Paradoxo Saussuriano: língua e fala x sociedade e indivíduo

Este capítulo se inicia com algumas observações sobre a forma como Ferdinand de Saussure (1957-1915) compreendia a natureza da língua e da fala, e da sociedade e do indivíduo que são os respectivos detentores desses elementos. Em seguida mostrará como Labov (1927-) adota e reelabora a concepção de língua como um fato social, tributária ao lingüista suíço, ainda que de forma confusa e meio perdida, conservando a concepção de um indivíduo clivado. Sobretudo, este texto buscará apresentar o perfil daqueles que Labov denominou de os líderes da mudança lingüística.

Tornou-se lugar comum na área dos estudos lingüísticos, diante dos avanços no tratamento da língua falada, criticar as distinções que Saussure (1957-1913) fez entre língua e fala e, conseqüentemente, entre sociedade e indivíduo. A definição de língua em Saussure (2006[1916], p. 21, 22) é, pois, “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; (...) trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”. A fala, por outro lado, é “um ato individual de vontade e de inteligência”, cuja “execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor”.

William Labov (1991[1972], p. 186), nas interpretações feitas das dicotomias *langue/parole*, percebeu que um paradoxo se instalava nessa distinção:

Se todos possuem o conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (SAUSSURE,

¹⁰⁶ The grammars in which linguistic change occurs are grammars of the speech community ... idiolects do not provide the basis for self-contained or internally consistent grammar (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p. 188 *apud* LABOV, 2001, p. xi)

¹⁰⁷ If social factors are in fact connected with the onset and continuation of this process, it would be essential to know something about the social class, sex, ethnicity, or occupations of the innovators (LABOV, 2001, p. 29).

1962, p. 30), seria possível se obter os dados através do testemunho de qualquer pessoa – mesmo uma única pessoa. Por outro lado, dados da *parole*, ou fala, poderão apenas ser obtidos através do exame do comportamento dos indivíduos ao fazerem uso da língua. Assim, temos o “Paradoxo Saussuriano”: o aspecto social da língua é estudado através da observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente através da observação da língua em seu contexto social (*op. cit.*, p. 186).¹⁰⁸

Na seqüência de sua discussão, Labov sinaliza que o próprio lingüista suíço era um pouco hesitante sobre essa questão, pois, logo após apresentar sua definição de *langue*, isto é, “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro”, Saussure acrescenta: “ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 21). O fato é que Saussure jamais se envolveu em qualquer estudo sincrônico detalhado, mas os lingüistas que o fizeram (BLOOMFIELD, 1933; WHORF, 1943; MARTINET, 1964b) ignoraram completamente as reservas do autor sobre esse assunto.

4.2. Saussure, Meillet e Labov: o enfraquecimento da função do indivíduo na Lingüística

Émile Durkheim (1858-1917) concebeu como objeto de estudo da Sociologia “os fatos sociais”. Para o sociólogo francês, o social somente se explica pelo social e, a sociedade é um fenômeno independente das manifestações individuais de seus membros. Durkheim define “fato social” da seguinte maneira:

É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (DURKHEIM, 1987, p. 11).

Em seu texto, “Por uma sociologia do sujeito”, Bernard Charlot (2000) diz que a Sociologia de inspiração durkheimiana quis dispensar o sujeito. Porém, apesar de ter se construído contra o sujeito da Filosofia e da Psicologia, a Sociologia não pôde abrir mão de qualquer referência ao “psiquismo”. Charlot (*op. cit.*, p. 34) aponta que Durkheim enfatizava que era “preciso considerar os fatos sociais como coisas” e que um fato social apenas poderia

¹⁰⁸ If everyone possesses a knowledge of language structure, if *langue* is “*un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau*” (SAUSSURE, 1962, p. 30), one should be able to obtain the data from the testimony of any one person – even oneself. On the other hand, data on *parole*, or speech, can only be obtained by examining the behavior of individuals as they use the language. Thus we have the *Saussurian Paradox*: the social aspect of language is studied by observing any one individual, but the individual aspect only by observing language in its social context (*op. cit.*, p. 186).

ser explicado por outros “fatos sociais”. Sendo, dessa forma, considerada falsa qualquer explicação que recorresse diretamente a fenômenos psíquicos para explicar fenômenos sociais.

Um paradoxo parece se instalar nessa discussão, pois, como assinalado por Charlot, Durkheim considerava os fatos sociais como “modos de agir, de pensar e sentir, exteriores ao indivíduo, e dotados de um poder de coerção em virtude do qual se impõem a ele”. Charlot (*op. cit., loc. cit.*) observa ainda que, disso se depreende que, não se pode analisar o social sem apreender modos de agir, pensar e sentir. Entretanto, “deve-se, porém, estudá-los como exteriores ao indivíduo”. Toda dificuldade, diz Charlot, está em se pensar um psiquismo sem sujeito, ou, mais exatamente, um psiquismo analisado em referência à sociedade e não ao sujeito.

A questão paradoxal, evidenciada nessa discussão, emerge a partir da argumentação de Charlot (*op. cit., loc. cit.*), para quem “uma sociedade, com efeito, são estruturas, instituições, mas também representações, valores e ações”. Assim, embora se pense que “a sociedade inculca nos indivíduos suas representações e seus valores e rege de maneira mais ou menos secreta suas ações, nem por isso deixa de ser necessário admitir-se a existência de um psiquismo, suporte das representações, dos valores e dos móveis da ação”. Contudo, para o autor, a noção de ‘*representações coletivas*’ permitia que Durkheim pensasse fenômenos psíquicos sem referência a um sujeito:

Parece-nos inteiramente evidente que a matéria da vida social não é possível de se explicar por fatores puramente psicológicos, isto é, por estados individuais de consciência. Com efeito, o que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam (DURKHEIM, 1987, p. xxvi).

Parece adequado, neste momento, ressaltar que Saussure concebeu o objeto da Lingüística, a língua, como um “fato social”,¹⁰⁹ cuja natureza “é social em sua essência e

¹⁰⁹ Konrad Koerner (1996, p. 62-63) diz que a caracterização da língua como um *fait social* feita por Saussure tem sido tomada como um indicador de que ele desenvolveu seu conceito de *langue* sob a influência dos princípios sociológicos de Émile Durkheim (1958-1917), embora, segundo ele, até o presente momento, ninguém tenha realmente fornecido evidência convincente dessa relação. Em outro trabalho Koerner (1991, p. 59) diz que a influência de William D. Whitney, Hermann Paul e Baudouin de Courtenay em Saussure sugere que esse autor não tenha precisado de Durkheim para ser capaz de caracterizar a língua como um *fait social*. No entanto, Paveau e Sarfati (2003, p. 63), ao argumentar sobre a influência da sociologia de Durkheim sobre a teoria do fato lingüístico de Saussure, citam o seguinte trecho de Durkheim (1992, p. 11): “um fato social se reconhece pelo poder de restrição externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos, e a presença desse poder se reconhece, por sua vez, seja pela existência de algumas sanções determinadas, seja pela resistência que o fato opõe a todo empreendimento individual que tende a violentá-lo”. Da mesma forma, Milani (2008, p. 9) apresenta argumentos que favorecem a relação dos conceitos saussurianos com as teorias de Durkheim, argumentando que “Saussure fez inúmeras referências no *Curso à Sociologia*. Inegável é o fato de

independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 27). Ora, se a língua é um “fato social” nos termos durkheimianos seu estudo não poderá ser psíquico, pois, como visto, para Durkheim um fenômeno social não poderia ser explicado diretamente por um fenômeno psíquico, pois tal explicação seria falsa.

A resposta para esse impasse pode estar diretamente relacionada com o conceito de “representações coletivas” de Durkheim. Logo, o estudo psíquico da língua não estaria relacionado ao indivíduo, mas em relação ao grupo, isto é, a partir das representações coletivas de um grupo de indivíduos que sofreu a “coerção social”:

Pois tudo o que está imbricado nesta noção [coerção social] é que as maneiras coletivas de agir ou de pensar apresentam uma realidade exterior aos indivíduos, os quais a cada momento do tempo, com elas se conformam. (...) o indivíduo encontra-as inteiramente formadas e não consegue impedi-las de existir, (...) vê-se, pois, inteiramente obrigado a levá-las em consideração (DURKHEIM, 1987, p. xxxi, *passim*).

Logo, o indivíduo que emerge dessa discussão não é um indivíduo livre e racional, uma vez que ele sofreu a “coerção social” e age senão em razão disso. Da mesma forma, a língua enquanto um fato social é que exerce coerção sobre o indivíduo. Nesse ponto, parece emergir uma definição para o indivíduo na concepção saussuriana: um sujeito não-uno, não-livre e não-racional, pois se fosse o contrário, seria o sujeito da filosofia clássica e não um sujeito social, nos moldes durkheimianos.¹¹⁰

Assim, da mesma forma que “a sociedade inculca nos indivíduos suas representações e seus valores e rege de maneira mais ou menos secreta suas ações” (CHARLOT, *op. cit.* p. 34), “a língua não constitui, pois, função do falante: é um produto que o indivíduo registra passivamente” (SAUSSURE, 1995, p. 22), isto é, a língua é um produto do acordo comunicativo entre os membros da ordem social, nascida da necessidade de interação entre esses indivíduos, e a ela um único indivíduo não pode se opor, mas se adequar às suas convenções.

que Saussure tenha lido Durkheim, inegável também que a Neogramática tinha na obra de Durkheim um de seus esteios e inegável que a Sociologia fosse no final do século XIX e início do século XX, quando Saussure desenvolveu seus temas, uma ciência muito desenvolvida. Logo, direta ou indiretamente, Saussure foi influenciado pela Sociologia”.

¹¹⁰ Bernard Charlot (*op. cit.*, p. 35) diz que na linha de Durkheim, Bourdieu se nega a explicar o social a partir do sujeito da filosofia clássica, livre e racional -; e nesse caso ele acompanha o pensamento desses sociólogos, pois esse seria um sujeito não-social. Esse autor salienta ainda que, para Bourdieu, “o ‘agente social’ não é um indivíduo autônomo, plenamente consciente de suas motivações, cuja consciência intencional visaria a fins específicos”. Entretanto, ele age “em função de disposições psíquicas que foram socialmente estruturadas: seu *habitus*”, isto é, “princípios de percepção e ordenamento do mundo”. Charlot diz que Bourdieu introduz em sua teoria um lugar para o psíquico, “porém esse lugar é ocupado por algo social, o que permite dispensar o conceito de sujeito”. Em outras palavras, diz o autor, o social torna-se psíquico quando passa do exterior para o interior; e, por isso, o interior tem seu princípio de inteligibilidade no exterior, isto é, no espaço das posições sociais.

O conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1930-2002), segundo Charlot, cumpre a mesma função de “representações coletivas” de Durkheim. Assim, para Bourdieu (1994 *apud* CHARLOT, *op. cit., loc. cit.*), “o agente social” é eminentemente ativo e atuante. É o indivíduo quem age e não a estrutura através dele, porém ele age “em função de disposições psíquicas que foram socialmente estruturadas: seu *habitus*”, isto é, “princípios de percepção e ordenamento do mundo”.

Dessa forma, mesmo que se considere o lado executivo da língua, cuja “execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 21), há que se pensar que esse mesmo indivíduo, devido ao seu caráter social, isto é, “cujas disposições psíquicas foram estruturadas socialmente”, não age senão em função do que está previamente determinado pela coletividade ao seu espaço de atuação. Novamente, o sujeito que emerge dessa observação é um indivíduo pouco livre, e, como se observará na argumentação a seguir, distante do sujeito da reflexão filosófica e das ciências humanas que emergiram no final do século XIX.

Saussure contribuiu para tirar a reflexão sobre a linguagem das evidências empíricas; ao estudar a língua como um objeto abstrato, um sistema cujas forças são exteriores ao indivíduo e à realidade física, a teoria saussuriana produziu um efeito de desconstrução do sujeito psicológico livre e consciente (GADET, 1996 *apud* PAVEAU & SARFATI, 2003, p. 63).

Semelhantemente, para Labov (2001, p. 33; 2006, p. 341), o indivíduo não existe como uma unidade dentro da abordagem por ele defendida. O autor argumenta que estuda os indivíduos porque eles fornecessem os dados para descrever a comunidade, mas o indivíduo não é, de fato, uma unidade lingüística, isto é, um objeto onde se possam encontrar respostas significativas para fenômenos lingüísticos. Labov se diz consciente de que, mesmo dentro dos estudos sociolingüísticos, há quem discorde de sua posição sobre esse assunto (L. MILROY, 1980; DOUGLAS-COWIE, 1978; FILMORE, KEMPLER & WANG, 1979), pois se pensa que a realidade lingüística reside no indivíduo falante, e ele toma a posição que é simplesmente o contrário, isto é, a realidade lingüística está na comunidade de fala.

Como mostrado no primeiro capítulo, a definição de língua utilizada por Labov é bastante similar àquela elaborada por Saussure. O fato é que o sociolingüista norte-americano adota o conceito do lingüista suíço e o reelabora, de modo que a dicotomia língua/fala de Saussure é reduzida a uma única concepção. Como visto no início deste capítulo, Labov argumenta que a divisão entre língua e fala promoveu um paradoxo inconsistente com o estudo da língua no contexto social.

Assim, Labov ressalta que a noção de um “fato social”, de que a língua existe na comunidade, exterior ao indivíduo, é seu tema central, e a forma como esse “fato social” é apreendido pelo indivíduo e a maneira que ele muda, constituem o foco de sua abordagem. Depreende-se, assim, que a língua pode variar de indivíduos para indivíduos, dependendo das situações histórico-sociais em eles a registram, mas a explicação para a variação não deve ser encontrada neles, mas na comunidade a que pertencem.

Esses apontamentos são reforçados com a observação de Labov (1966, p. ii) em sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque, que sublinhou o fato de que a fala de um indivíduo nova-iorquino, estudada em si, apresentava tanta variação que havia sido caracterizada como um tipo de grande “variação livre”. Mas quando essa fala foi estudada no contexto mais amplo da comunidade, foi vista como sendo altamente sistemática, que participava de uma estrutura compreensiva de variação estilística e social.

Compreende-se, dessa forma, que a explicação para os fenômenos lingüísticos, que emergem da análise de dados lingüísticos individuais, não pode sair dos dados em si, mas da observação e análise do contexto mais amplo da comunidade em que esses indivíduos estão inseridos, isto é, a partir do comportamento do grupo, não do indivíduo. O indivíduo que emerge da argumentação desse autor é um sujeito social, isto é, um indivíduo estruturado socialmente, cuja língua foi adquirida através da interação com os membros da comunidade e que por si só, esse indivíduo “não pode nem criá-la nem modificá-la”, senão em razão de um acordo com os membros da ordem social.

Nos anos 1970, através do projeto “Variação e Mudança Lingüística na Filadélfia”, Labov iniciou sua busca pelos líderes da mudança lingüística, com o estudo de vários componentes da estrutura social e foi estreitando suas análises até que os líderes fossem localizados como indivíduos específicos. Seus dados principais se constituíram de 112 falantes de bairros da Filadélfia.

Os líderes da mudança foram identificados como habitantes das regiões afastadas do centro da cidade, pertencentes a uma classe social particular, a um gênero particular e em posições específicas dentro de redes sociais locais. Labov argumenta que os líderes da mudança não são indivíduos inventores de formas especiais, mas são pessoas que, por causa de suas histórias sociais e padrões de comportamentos, desempenham funções especiais no processo de avanço de mudanças que estão em progresso.

Em sua busca pelas forças subjacentes ao processo da mudança lingüística, Labov (*op. cit.*, p. 34) declarou que “seguiria Meillet que rejeitava reduzir os fatores sociais à psicologia

social dos indivíduos – a ‘inter-psicologia’ inventada por Tarde”.¹¹¹ Uma questão interessante sobressai-se com essa declaração de Labov. No início deste capítulo, foram feitas referências ao trabalho do sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) e à sua definição de fato social como que possuindo “existência própria, independente das manifestações individuais”. Labov, em momento algum, faz referência às teorias de Durkheim para sustentar argumentos seus, mas, como visto, diz seguir o posicionamento do lingüista francês Antoine Meillet (1866-1936), que recusava a redução dos fatos sociais à “psicologia social dos indivíduos”, teoria iniciada pelo sociólogo francês Jean Gabriel de Tarde (1843-1904).

Tarde e Durkheim são compatriotas, contemporâneos e defensores de teorias completamente opostas. O primeiro desenvolveu uma teoria sobre a sociedade que restitui um lugar fundamental às iniciativas individuais e a suas trajetórias (cf. TARDE, 2004[1895], p. 9). Como se vê, concepção oposta à teoria de Durkheim. Enquanto Meillet contribuía com o jornal de Durkheim, *L'année sociologique* (1905-1906), elaborou sua conceituação de língua como um “fato social” e, diferentemente de Saussure, que não faz referência alguma a sua possível fonte, declarou o seguinte:

A linguagem é, pois, eminentemente um fato social. Com efeito, ela se encaixa exatamente na definição que Durkheim propôs; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam, e apesar dela não ter nenhuma realidade, exceto pela soma de seus indivíduos, ela é, no entanto, de acordo com sua generalidade, exterior a cada um deles; (...). As características que são exteriores ao indivíduo e de coerção, pelos quais Durkheim definiu o fato social, aparecem, então, na linguagem como a evidência final (MEILLET, 1948[1905-1906], p. 230).¹¹²

Dessa forma, se Labov tem em Meillet respaldo teórico que reforça seus argumentos em favor do estudo da língua como um instrumento de comunicação, exterior ao indivíduo, cuja posse é da comunidade/sociedade, logo, indiretamente, Labov compartilha das teses durkheimianas, como mencionadas anteriormente. Esse fato se torna ainda mais interessante, se for comparado com os argumentos elaborados por Konrad Koerner (2002):

Tendo em vista que o trabalho do sociólogo francês Jean Gabriel de Tarde (1843-1904) quase foi esquecido (...) e, em grande parte, posto de lado pelos trabalhos de Durkheim e seu sobrinho e sucessor Marcel Mauss (1872-

¹¹¹(...) I would follow Meillet in rejecting the reduction of social factors to the social psychology of individuals – the “inter-psychology” invented by Tarde (LABOV, *op. cit.*, p. 34).

¹¹² Le langage est donc éminemment un fait social. En effet, il entre exactement dans la définition qu’a proposée Durkheim; une langue existe indépendamment de chacun des individus qui la parlent, et bien qu’elle n’ait aucune réalité en dehors de la somme de ces individus, elle est cependant, de par sa généralité, extérieure à chacun d’eux; (...). Les caractères d’extériorité à l’individu et de coercition par lesquels Durkheim définit le fait social apparaissent donc dans le langage avec la dernière évidence (MEILLET, 1948[1905-1906], p. 230).

1950), é agradável ver algumas de suas idéias sendo reabilitadas no trabalho de Labov (no qual o trabalho de Durkheim recebe pouca menção). Em vários lugares em seus escritos, Labov se refere ao que ele chama de Lei de Tarde, embora sem explicá-la (KOERNER, 2002, p. 274).¹¹³

Koerner está certo ao afirmar que as idéias de Gabriel de Tarde receberam a atenção de Labov, como se pode perceber em Labov (1991[1972], pp. 286, 308; LABOV, 2001, pp. 23-24, 361). Entretanto, a retomada que Labov faz do pensamento de G. de Tarde foi para, simplesmente, refutá-lo. Labov se opõe à idéia de prestígio apresentada por Tarde, segundo a qual o empréstimo sempre acontece das classes sociais superiores para as inferiores. O sociolinguísta norte-americano ainda analisa as teorias desse sociólogo, que desenvolveu uma teoria geral da língua baseada em sua “inter-psicologia” dos indivíduos, completamente oposta aos conceitos elaborados por Saussure ou Meillet:

Parece-me, quase certo, que a língua é um fenômeno de imitação: sua propagação de cima para baixo, do superior para o inferior, seja fora ou dentro da nação, a aquisição de palavras estrangeiras através da moda e sua assimilação através do costume, o contágio do sotaque, a tirania do uso em si, é suficiente para mostrar de uma vez seu caráter imitativo (TARDE, 1873, ch. 5 [sic] *apud* LABOV, 2001, p. 23).¹¹⁴

Por outro lado, Koerner assinala que as teses de Durkheim recebem pouca menção no trabalho de Labov. De fato, nos textos estudados, Labov faz uma única referência direta a Durkheim, e a faz para exaltar a influência deste sobre Meillet (cf. LABOV, 1991[1972], p. 268). No entanto, como se tem visto, este texto tem apresentado indícios de que Labov compartilha das teses durkheimianas por meio do pensamento de Meillet e rejeita as teorias de G. de Tarde sobre a língua e a mudança lingüística. O fato é que Labov, mesmo refutando as idéias de G. de Tarde, retoma-as, dando visibilidade ao autor. Por outro lado, Durkheim é invisibilizado pelo autor, embora haja indícios do pensamento desse em suas teorias.

Outra questão fundamental que este texto fez menção em algumas ocasiões, e que parece adequado retomar, diz respeito à abordagem chomskiana ao estudo da língua. Chomsky, em *Propriedades Formais da Gramática* (1963), redefine a concepção de *langue* feita por Saussure e a re-estabelece como “uma gramática que gera sentenças com descrições

¹¹³ In view of the fact that the work of the French sociologist Jean Gabriel de Tarde (1848-1904) has almost been forgotten (...) and largely pushed aside by Durkheim and the work of his nephew and successor Marcel Mauss (1872-1950), it is refreshing to see some of his ideas being rehabilitated in Labov’s work (in which Durkheim’s work receives short shrift). In several places of his writings Labov refers to what he calls Tarde’s Law, though without explaining it (KOERNER, 2002, p. 274).

¹¹⁴ It appears to me almost beyond dispute that language is a phenomenon of imitation: its propagation from high to low, from superior to inferior, whether it be without or within the nation, the acquisition of foreign words by fashion and their assimilation by custom, the contagion of accent, the tyranny of usage in itself, suffices to show at one glance its imitative character (TARDE, 1873, ch. 5 [sic] *apud* LABOV, 2001, p. 23).

estruturais, isto é, (...) a intuição lingüística do falante, seu conhecimento da língua (CHOMSKY, 1963, p. 329, *apud* KOERNER, 2002, p.139)”. Como se percebe, concepção bastante distanciada daquela elaborada pelo lingüista suíço: “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo”.

Em sua obra *Aspectos da Teoria Sintática* (1965), Chomsky redefine as distinções *langue/parole* de Saussure, respectivamente, como a *competência* do falante nativo e sua *performance* real como falante. Além disso, como visto no primeiro capítulo desta Dissertação, o lingüista americano enfatizava sobre a prioridade que se deveria dar “à evidência introspectiva e às intuições lingüísticas dos falantes nativos” (CHOMSKY, 1965, p. 20 *apud* LABOV, 1971, p 437.).

Labov (*op. cit.*, p. 497), em referência indireta aos gerativistas, assinalou que alguns lingüistas da época esperariam reduzir a variabilidade dos dados, treinando os informantes em teoria pelo menos até o ponto que eles pudessem entender o conceito de gramaticalidade numa língua. Como se vê, nessa abordagem, a realidade lingüística reside num indivíduo plenamente consciente.

Por outro lado, o sociolingüista norte-americano apontava para o fato de que os informantes não-conscientes, não-treinados em teoria lingüística, forneciam as mais objetivas e confiáveis evidências sobre a natureza da língua. De acordo com Koerner (2002, p. 274), o tipo de trabalho desenvolvido por Labov tem sido visto como um antídoto às teorias lingüisticamente não-empíricas e associadas de Chomsky.

4.3. A localização dos líderes da mudança lingüística

Em sua busca pelos líderes da mudança lingüística, Labov dá continuidade à tese levantada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) de que é a comunidade de fala, e não o idioleto, o objeto primeiro da investigação lingüística. Labov reconhece que um exame minucioso de uma comunidade de fala, inevitavelmente, apresentará padrões lingüísticos individuais diferindo-se, em alguns aspectos, do padrão apresentado pelo grupo em geral. De qualquer forma, segundo o autor, esse objeto,

o indivíduo falante, só pode ser entendido como um produto de uma história social única e do cruzamento dos padrões lingüísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem esse indivíduo (...). Nesse sentido, o indivíduo não existe como um objeto lingüístico. No entanto, cada indivíduo

apresenta um perfil pessoal do uso comparativo dos recursos disponibilizados pela comunidade de fala (LABOV, 2001, p. 34).¹¹⁵

Assim, nos subtítulos a seguir, serão apresentados, detalhadamente, os perfis dos líderes da mudança, isto é, suas localizações dentro da hierarquia socioeconômica, os gêneros, as etnias e os papéis que desempenham dentro das redes sociais.

4.3.1. O papel desempenhado pelas classes sociais

Os estudos da comunidade de fala da Filadélfia tinham como objetivo principal testar o que Labov chamou de “Hipótese Curvilínea”. Segundo essa hipótese, as mudanças lingüísticas não têm suas origens nas classes sociais mais altas ou mais baixas, mas em grupos centralmente localizados na hierarquia socioeconômica. Apresentadas as evidências necessárias, essa hipótese se transformou no “Princípio Curvilíneo”: “a mudança lingüística que vem de baixo tem sua origem num grupo social central, localizado no interior de uma hierarquia socioeconômica” (LABOV, *op. cit.*, p.188).¹¹⁶

Para Labov, não há nada relacionado às ocupações *operária* e *colarinho branco* que distinga os líderes da “mudança lingüística que vem de baixo”. Ao invés disso, são suas posições centrais na comunidade, central, não em termos de hierarquia socioeconômica, mas em termos de atividade, interação e prestígio local. Labov argumenta que são as classes sociais *alta* e *baixa* que seguem os grupos inovadores centrais, ao invés de abrigarem os líderes da mudança:

Para nosso espanto, membros da classe alta que enviam seus filhos para escolas privadas e os mantêm distante do resto da comunidade acabam se tornando bons *Philadelphians*. Eles falam uma variante conservadora, porém, com características do inglês da Filadélfia e, igualmente aos membros da classe média alta ou da classe baixa, seguem as tendências que são estabelecidas pela classe operária alta e pela classe média baixa (*op. cit.*, p. 190).¹¹⁷

¹¹⁵ (...) the individual speaker, can only be understood as the product of a unique social history, and the intersection of the linguistic patterns of all the social groups and categories that define that individual (...). In this sense, the individual does not exist as a linguistic object. However, each individual shows a personal profile of the comparative use of resources made available by the speech community (LABOV, 2001, p. 34).

¹¹⁶ (...) linguistic change from below originates in a central social group, located in the interior of the socioeconomic hierarchy (LABOV, *op. cit.*, p.188).

¹¹⁷ To our astonishment, members of the upper class, who send their children to private schools and keep their distance from the rest of the community, turn out to be good Philadelphians. They speak a conservative but distinctively Philadelphian variety of English, and like members of the upper middle class or lower class, follow trends that are set by the upper working class and lower middle class (*op. cit.*, p. 190).

Evidências como essas permitiram que Labov questionasse a tese de que o isolamento relativo seja necessariamente uma possível causa para mudança.

4.3.2. O estudo dos bairros e das redes sociais

Labov define os estudos direcionados à compreensão de como os falantes se relacionam com seus pares e grupos no dia-a-dia, como o estudo de bairros/grupos ou estudo no local. O autor propõe, além disso, diferenciar entre (1) uma metodologia baseada em amostragens aleatórias, características dos estudos de comunidades urbanas maiores, em que o investigador enumera sua população e dá a cada indivíduo a oportunidade de fazer parte da amostra, e (2) uma metodologia voltada para estudos *in loco*, em que o investigador abre mão de representar uma ampla comunidade em favor de adquirir um conhecimento mais profundo sobre a forma como os falantes utilizam a língua. Nesse segundo tipo de pesquisa, o autor argumenta que o investigador pode comparar os comportamentos de pais e filhos, amigos e inimigos, líderes e seguidores, além de observar os processos sociais que criam a mudança lingüística (cf. LABOV, *op. cit.*, pp. 224-225).

Um estudo dessa natureza se inicia com a seleção de um bairro¹¹⁸ residencial como um local e a pesquisa gira em torno de um quarteirão, definido segundo critérios. De acordo com Labov, embora um estudo de bairro possa não representar uma cidade inteira, como numa amostra aleatória, ele pode apresentar uma visão bem precisa de uma parte. Contudo, o objetivo desse estudo, para Labov, era observar, *in loco*, as relações sociais mantidas entre os falantes. Buscava compreender se o fato de residir em um bairro particular, um dado falante afetaria o avanço relativo de uma mudança sonora.

Dentre os cinco grupos/bairros estudados na Filadélfia, um apresentou uma posição de liderança mais avançada: o grupo da *Wicket Street* de *Kensington*. *Kensington* compreende uma região da Filadélfia que abriga sua mais antiga classe operária. Para Labov, o fato de esse bairro revelar sua liderança no processo das mudanças em progresso na Filadélfia (*Kensington* apresentou os mais avançados níveis de mudanças em todos os elementos estudados) vai de encontro a um princípio geral dos estudos dialeto-geográficos, de que as mudanças em progresso alcançam seus mais avançados níveis nas áreas em que elas originam.

¹¹⁸ O termo utilizado por Labov em inglês é *neighborhood*, que pode significar tanto bairro quanto vizinhança. Essa dupla significação torna-se ainda mais complexa já que o autor ora utiliza o termo para se referir a um bairro inteiro ora para se referir ao estudo de um quarteirão e arredores ou de uma rua. Dessa forma, pode se dizer que essa terminologia é utilizada para se referir ao estudo de um grupo específico dentro de um determinado bairro.

Após inúmeras análises, foi constatado que as principais mudanças sonoras que avançavam por toda a cidade da Filadélfia tinham suas origens nas áreas habitadas por descendentes de irlandeses, pertencentes à classe operária média, em *Kensington*. Na citação a seguir, Labov explica como esse bairro revelou sua liderança no processo da mudança e quem são seus propagadores:

(...) por volta da metade do século XX, a influência lingüística de *Kensington* foi levada para outros bairros de classe operária. Os difusores eram pessoas que combinavam uma ideologia não-conformista com a habilidade de cuidar de seus próprios interesses e carregavam a influência lingüística de *Kensington* para o que temos chamado de classe operária alta. Esta é a influenciadora com maiores contatos, que é, com todas as probabilidades, responsável pela homogeneidade geográfica da comunidade de fala da Filadélfia (LABOV, *op. cit.*, p. 410).¹¹⁹

Esse estudo de bairros ajudou Labov na busca pelos líderes da mudança. Dessa forma, como já mencionado, os inovadores da mudança lingüística que vem de baixo são encontrados dentre os membros centralmente localizados em comunidades locais.

4.3.3. O efeito do fator etnia

Etnia representa, na concepção de Labov, uma identidade social atribuída aos indivíduos em razão de suas descendências, isto é, se trata de uma característica adquirida ao invés de alcançada. Para Labov, o que torna um grupo étnico diferente de outro difere de sociedade para sociedade. Por exemplo, na Irlanda uma criança que nasce na região de *Clonard* será católica e não protestante em virtude de sua associação familiar, o fator crença não estará envolvido.

Nos Estados Unidos a identidade judaica está mais relacionada à descendência de seus membros do que com afiliações religiosas. Por outro lado, protestantes e católicos não são tratados como grupos étnicos nos Estados Unidos. Segundo o autor, os grupos étnicos irlandeses, poloneses, italianos e porto-riquenhos que habitam os Estados Unidos são geralmente católicos, mas a divisão entre católicos e protestantes não é uma distinção

¹¹⁹ (...) throughout the middle decades of the twentieth century, the linguistic influence of Kensington has been carried outward to other working class neighborhoods. The vectors were people who coupled a nonconformist ideology with the ability to look after their own best interests, and carried the linguistic influence of Kensington into what we have called the upper working class. These are the influentials with wider contacts who are, in all likelihood, responsible for the geographic homogeneity of the Philadelphia speech community (LABOV, *op. cit.*, p. 410).

fundamental de identidade étnica naquele país, não mais que a distinção entre afro-americanos católicos e protestantes (cf. LABOV, *op. cit.*, p. 245).

Parece óbvio que o fator etnia desempenharia um papel fundamental no processo da mudança lingüística. Labov argumenta que, assim como a língua, esse fator é transmitido e adquirido através de uma relação direta dos filhos com os pais. Assim, a língua de uma comunidade seria influenciada quando essa comunidade obtivesse uma grande quantidade de pessoas descendentes de falantes de outra língua.

Em seus estudos, Labov se deparou com grupos étnicos minoritários que abandonaram suas línguas nativas em favor do inglês. Esses falantes, no entanto, ainda eram diferenciados de outros falantes do inglês devido a vestígios deixados pela língua nativa de seus pais ou avós.¹²⁰ No entanto, segundo Labov, surpreendentemente, o efeito do fator etnia no processo da mudança lingüística é bem pequeno:

De todos os fatores sociais examinados nos estudos sociolingüísticos de Nova Iorque, Filadélfia, Boston, e nas cidades do norte, o grupo étnico da família do falante e o conhecimento da língua imigrante têm efeito mínimo. Além do mais, a maioria desses efeitos foi numa direção bem diferente do que havia sido previsto através da estrutura da língua imigrante (LABOV, *op. cit.*, p. 247).¹²¹

Para Labov, o fato das gerações de imigrantes mais recentes se afastarem da estrutura lingüística de seus antepassados, utilizando, por exemplo, fonemas vocálicos mais próximos do sistema vocálico do inglês do que do sistema de seus pais ou avós, revela uma razão possível para a pouca influência que o fator etnia desempenha no processo da mudança. Segundo o autor, as novas gerações adquirem o sistema sonoro da nova língua, buscando se afastar das características estigmatizadas do sotaque de seus pais.

De todas as variáveis freqüentemente correlacionadas com as causas da mudança, como idade, gênero, classe social e *neighborhood*, o fator etnia mostrou menor efeito sistemático. Para a maioria das mudanças sonoras o efeito étnico mostrou-se inoperante.

¹²⁰ A influência da língua nativa dos antepassados de grupos imigrantes minoritários sobre a nova língua é referida por Labov como “efeito adstrato”.

¹²¹ Of all the social factors examined in sociolinguistics studies of New York, Philadelphia, Boston, and the Northern Cities, the ethnic group of the speaker’s family and knowledge of the immigrant language has the least effect. Moreover, most of these effects were in a direction quite different from what would have been predicted from the structure of that immigrant language (LABOV, *op. cit.*, p. 247).

4.3.4. O efeito do gênero sexual

Em seus estudos iniciais, ao buscar correlacionar as causas da mudança com os padrões de fala masculinos e femininos, Labov (1963[1972], 1966[2006]) não faz referência à terminologia “gênero”, mas à “diferença de sexo”, “variável sexo” ou “sexo” dos indivíduos. Na segunda edição de *The Social Stratification of English in New York City* (1966[2006]), no índice dos termos mais recorrentes, há, na palavra gênero, uma nota de encaminhamento para a palavra sexo que é utilizada dezenas de vezes.

Já em seu *Principle of Linguistics Change: Social Factors* (2001), dedicado a estudar a interação entre os fatores sociais, a variação e a mudança lingüística, em que o autor faz uso de grande parte de suas pesquisas posteriores a 1963, há apenas quatro referências à terminologia “sexo” (cf. *op. cit.*, pp. 272, 275), todas utilizadas em referências a trabalhos dos anos 1960, por outro lado, gênero é o termo recorrente.

Segundo Labov, ninguém duvida de que o gênero seja um fator social, no entanto, o autor argumenta que a língua não é diferenciada pelos aspectos biológicos dos sexos. Para o autor, embora haja consenso de que os fatores causais envolvidos nesse processo sejam produtos da instânciação social dos papéis desempenhados pelos gêneros, e não dos aspectos biológicos dos sexos, todas as análises de diferenciação de gênero começam por dividir a população em homens e mulheres, ao invés de buscarem graus de masculinidade ou feminilidade definidos socialmente.

Labov argumenta que os pesquisadores de campo registram as atribuições de gênero como um fator social certo e óbvio, sem investigar a opção sexual dos indivíduos, e essas atribuições acabam recaindo sobre o sexo biológico do indivíduo. Assim, Labov (*op. cit.*, p. 263) argumenta que “apesar do interesse mostrado nos últimos anos em buscar características específicas da fala homossexual, relatos sobre diferenças de gêneros na língua continuam a reportar números de homens e mulheres, em vez de ‘heterossexuais’, ‘gays’, etc.”¹²²

O fator gênero, compreendido dentro dos limites apresentados acima, desempenha um papel fundamental no estudo dos fatores sociais que se relacionam com o processo da mudança lingüística. Nessa perspectiva, Labov (1972[1991], p. 301; 2001, p. 279) exalta o estudo de Loius Gauchat (1905) sobre o patoá francês falado em Charney – Suíça, que coloca

¹²² Despite the interest shown in recent years in searching for specific features of homosexual speech, reports on gender differences in language continue to report numbers of males and females, rather than “straight males”, “gay males”, etc. (LABOV, *op. cit.*, p. 263).

em relevo o papel das mulheres no avanço das mudanças. Esse estudo de Gauchat revelou que as mulheres usavam mais formas lingüísticas inovadoras do que os homens.

Segundo Labov, Gauchat reforçou seus argumentos através da citação de outros exemplos da história do francês em que as mulheres parisienses eram retratadas como iniciadoras de mudanças lingüísticas. Em seu estudo sobre o inglês falado em Nova Iorque (1966), Labov afirmou que as diferenças entre os padrões de fala masculinos e femininos eram bem maiores que as apresentadas por Gauchat. Assim, o autor declarou que as mulheres usavam formas mais avançadas em seus discursos casuais e se corrigiam mais em discursos formais.

Na busca pelo entendimento de como a diferenciação do gênero influencia na mudança lingüística, Labov (2001) chegou a algumas conclusões que foram, em seguida, transformadas em princípios. Trata-se dos Princípios 2, 3, e 4. O “Princípio 2” se relaciona com a conformidade lingüística das mulheres e foi assim definido: “para as variáveis sociolingüísticas estáveis, as mulheres apresentam menores índices de variantes estigmatizadas e maiores índices de variantes de prestígio que os homens” (*op. cit.*, p. 266).¹²³ Evidências para esse *Princípio* foram retiradas de dezenas de estudos de variáveis em comunidades de fala urbanas e rurais, ocidentais e não-ocidentais (cf. LABOV, *op. cit.*, pp. 266-272).

É importante observar, no entanto, que nem todas as variáveis sociolingüísticas apresentam o efeito do gênero. Como reportado por Labov, pouca diferença foi observada no processo de velarização do /n/ do espanhol porto-riquenho (MORALES, 1986), no estudo sobre a palatização, aspiração e apagamento do /s/ não-plural do português-brasileiro (GRYNER & MACEDO, 1981), e no estudo de diversas variáveis do japonês de Tóquio (HIBIYA, 1988). Contudo, segundo Labov, a grande maioria das variáveis estudadas apresenta o efeito gênero e, até muito recentemente, não havia casos relatados em que os homens parecessem favorecer as formas de prestígio mais do que as mulheres.

No entanto, estudos sociolingüísticos realizados em algumas cidades do Oriente Médio e ao sul do Continente Asiático, duas sociedades predominantemente muçulmanas revelaram uma inversão das posições mulher/homem como previstas pelo Princípio 2. Na Índia, os homens são mais conservadores em seus discursos que as mulheres (JAIN, 1973; GAMBHIR, 1981). Em Amman, na Jordânia, são os homens quem mais favorecem as formas de prestígio, independentemente da classe social a que pertençam (ABDEL-JAWAD, 1981).

¹²³ For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men (*op. cit.*, p. 266).

No Iraque, das variáveis sociolinguísticas estudadas, os homens usaram mais formas padrões em todos os casos (BAKIR, 1986).

Uma hipótese levantada por Labov é que isso se devia ao fato de que, nessas sociedades, as mulheres desempenhavam papéis minoritários na vida pública. No entanto, quando se tomava homens e mulheres que compartilhavam do mais alto nível de escolaridade, a liderança masculina era ainda maior e, nesse caso, as mulheres tinham acesso às normas públicas.

Dessa forma, Labov recorre aos argumentos de Haeri (1987) e Abdel-Jawad (1987) que contestam uma provável inversão no comportamento dos gêneros no Oriente Médio. Para tanto, argumentam que esse pensamento está baseado numa interpretação errônea do papel do árabe clássico, que o compara às línguas padrões do Ocidente. Haeri aponta que as formas que se aproximam de tais padrões não são as do árabe clássico, mas as formas urbanas modernas do árabe que são formas prestigiadas e as preferidas pelas mulheres. Haeri argumenta que as mulheres dessas sociedades estão, de fato, se comportando como as mulheres de outras sociedades.

Um problema com o “Princípio 2”, segundo Labov, é que ele apenas se aplica àqueles que têm acesso às normas de prestígio prescritas por ele. Assim, estudos realizados na Filadélfia mostraram que as mulheres pertencentes aos grupos sociais mais baixos utilizavam formas estigmatizadas tanto quanto os homens. Dessa forma, ao correlacionar as variáveis *gênero e classe social*, o autor declarou:

Em geral, o segundo grupo de status mais elevado [a classe média baixa] apresenta o maior diferencial de gênero, juntamente com o mais alto grau de insegurança linguística (LABOV, 1966a) e o mais acentuado ângulo de mudança de estilo. A tendência em evitar formas estigmatizadas e preferir às formas de prestígio é maior para as mulheres de classe média baixa e é, geralmente, mínima para a classe baixa e para a classe média alta (LABOV, *op. cit.*, p. 272, *grifos nosso*).¹²⁴

O “Princípio 3” se relaciona com o que Labov denomina de “mudança linguística que vem de cima”. Esse tipo de mudança, segundo o autor, acontece em um nível relativamente alto de consciência social, suas ocorrências são maiores em estilos formais e são freqüentemente sujeitas à hipercorreção. Além disso, as mulheres lideram tanto na aquisição de novos padrões de prestígio quanto na eliminação de formas estigmatizadas.

¹²⁴ In general, the second highest status group [*the lower middle class*] shows the greatest gender differential, along with the highest degree of linguistic insecurity (Labov 1966a) and the sharpest slope of style shifting. The tendency to avoid stigmatized forms and prefer prestige forms is greatest for the women of the lower middle class, and is often minimal for the lower class and upper middle class (LABOV, *op. cit.*, p. 272, *grifos nosso*).

Labov (*op. cit.*, p. 274) define esse *Princípio* da seguinte forma: “na mudança lingüística que vem de cima, as mulheres adotam formas de prestígio num índice mais elevado que os homens”.¹²⁵ Um dos fatores que definem a “mudança que vem de cima” é o fato de que as mais avançadas formas surgem em discursos cuidadosos. Nesse tipo de mudança, a interação entre o gênero e a classe social dos indivíduos é mais evidente quando se trata de variáveis sociolingüísticas estáveis.

O “Princípio 4” está relacionado ao que Labov designa de “mudança que vem de baixo”, assim definido: “na mudança lingüística que vem de baixo, as mulheres usam freqüências de formas inovadoras superiores às dos homens” (*op. cit.*, p. 292).¹²⁶ Esse tipo de mudança ocorre abaixo do nível de consciência social e é, igualmente, liderado pelas mulheres. Labov argumenta que, em estudos realizados em cidades do norte dos Estados Unidos, em quase todos os casos, o fator gênero foi o mais forte, ou o único fator significativo no desenvolvimento da mudança sonora.

Ao justapor os três princípios definidos acima, Labov reconhece que um paradoxo se introduz nessa discussão. Assim, tem-se o *Paradoxo do Gênero*: “as mulheres se conformam mais atentamente que os homens às normas sociolingüísticas que são claramente prescritas, mas se conformam (adaptam) menos que os homens quando não são”.¹²⁷

Essa aparente incoerência no comportamento das líderes da mudança lingüística encontra reforço nos argumentos de Wolfram e Schilling-Estes (1998), segundo Labov, o mais metucioso e profundo tratamento dado à diferença de gênero no estudo da mudança lingüística: “as mulheres parecem ser mais conservadoras que os homens, por elas usarem mais variantes padrão (...). Ao mesmo tempo, as mulheres parecem ser mais progressistas que os homens, por adotarem variantes novas mais rapidamente” (WOLFRAM & SCHILLING-ESTES, 1998 *apud* LABOV, *op. cit.*, 366).¹²⁸

Uma questão levantada por Labov busca compreender essa aparente contradição, isto é, por que as mesmas pessoas são às vezes “conservadoras” e às vezes “progressistas”? Labov propõe uma substituição desses termos para, respectivamente, “conformistas” e “não-conformistas”. Dessa forma, o autor re-estabelece o *Paradoxo de Gênero* como um *Paradoxo de Conformidade*, isto é: “as mulheres se desviam menos que os homens das normas

¹²⁵ In linguistic change from above, women adopt prestige forms at a higher rate than men (*op. cit.*, p. 274).

¹²⁶ In linguistic change from below, women use higher frequencies of innovative forms than men do (*op. cit.*, p. 292).

¹²⁷ Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not (*op. cit.*, *loc. cit.*).

¹²⁸ Women appear to be more conservative than men, in that they use more standard variants ... At the same time, women appear to be more progressive than men, because they adopt new variants more quickly (WOLFRAM & SCHILLING-ESTES, 1998 *apud* LABOV, *op. cit.*, 366).

lingüísticas quando os desvios são declaradamente proscritos (condenáveis), porém, mais que os homens quando os desvios não são proscritos” (LABOV, *op. cit.*, 367).¹²⁹

No entanto, uma correlação das variáveis sociolingüísticas com as classes sociais das informantes revelou uma grande diferença entre o comportamento lingüístico das mulheres de classe operária média com o das mulheres pertencentes à classe operária alta e à classe média, sendo que o segundo grupo apresentava muita semelhança no uso das variáveis sociolingüísticas. Além disso, as análises mostraram que as mesmas mulheres não estavam agindo de maneira inconsistente no tratamento das variáveis, mas tratava-se de um comportamento que estava relacionado à classe social das informantes, conforme citação:

O paradoxo, como formulado, assumia que as mulheres se comportavam de forma inconsistente, tratando novas mudanças sonoras diferentemente de mudanças antigas e de variáveis estáveis. Isso foi um erro. As mulheres que se desviam de normas estabelecidas de (aw) também se desviam das normas estabelecidas de (dha), e aquelas que se conformam com as normas mais antigas de (aw) também se conformam com as normas padrões de (dha). Dois grupos diferentes de mulheres estão envolvidos. Ou, colocando isso em outros termos, as líderes da mudança lingüística [*classe operária alta e classe média*] se diferem consistentemente do resto da população (LABOV, *op. cit.*, pp. 375-376, *grifos nosso*).¹³⁰

Dessa forma, Labov acredita ter resolvido o “Paradoxo de Conformidade”, pelo menos no que diz respeito ao estudo do inglês da Filadélfia.

4.3.5. O perfil dos líderes na mudança

No decorrer da busca pelos líderes da mudança, algumas personagens se apresentaram com comportamentos que denunciavam suas posições de liderança no processo da mudança. Fosse nas correlações das variáveis sociolingüísticas com o gênero dos indivíduos ou do gênero com as classes sociais, essas pessoas apresentaram os mais elevados níveis de uso das variáveis, os quais revelaram suas funções no avanço das mudanças. Trata-se de indivíduos específicos que se destacaram entre os vários informantes das pesquisas que Labov realizou na Filadélfia.

¹²⁹ Women deviate less than men from linguistic norms when the deviations are overtly proscribed, but more than men when the deviations are not proscribed (LABOV, *op. cit.*, 367).

¹³⁰ As it was formulated, the paradox assumed that women behaved in an inconsistent way, treating new sound changes differently from old ones and stable variables. This was an error. The women who deviate from established norms of (aw) also deviate from the established norms of (dha), and those who conform to the older norms of (aw) also conform to the standard norms of (dha). Two different sets of women are involved. Or to put it another way, the leaders of linguistic change differ consistently from the rest of the population (LABOV, *op. cit.*, pp. 375-376).

Dos 112 falantes que constituíram o estudo de bairros da Filadélfia, Labov isolou uma meia dúzia que se destacou através de seus usos avançados de algumas características fonéticas. Rick C., Barbara C. e Diane S. são membros da comunidade *Wicket St.*, como visto anteriormente, a mais avançada comunidade para todas as mudanças sonoras estudadas por Labov. Como usuários do sistema vocálico da Filadélfia, esses falantes mostraram ser os precursores da mudança lingüística, um passo a frente de seus colegas e talvez dois passos a frente de seus pais.

Celeste S., Teresa M. e Aileen L. representam *Clark St.*, uma comunidade centralmente localizada na hierarquia socioeconômica. Segundo Labov, o que diferencia esses falantes do outro grupo são seus contextos sociais e lingüísticos. Num bairro de classe operária alta, eles se distinguem de seus vizinhos em dois aspectos: seus usos avançados das variáveis fonéticas e seus usos não-padrão das variáveis sociolingüísticas. Segundo o autor, a forma como esses indivíduos falam não representa um modo de conformidade, mas uma expressão de não-conformidade, isto é, a forma como eles articulam suas palavras revela suas rejeições às normas estabelecidas.

De forma que se tivesse uma descrição apurada do comportamento dos líderes da mudança lingüística, os pesquisadores passaram a acompanhá-los e a observá-los em suas vidas cotidianas:¹³¹ a forma como interagem com seus colegas, pais e filhos; suas narrativas de como resolviam conflitos com familiares, vizinhos e patrões, e de como chegaram ao atual estágio de suas vidas.

Uma vez que esses indivíduos já haviam sido identificados por suas posições avançadas no uso da língua, o foco dessa vez estava nas suas interações sociais. Labov (*op. cit.*, p. 385) argumenta que o fato de essas pessoas terem sido identificadas nas mais prestigiadas posições em comunidades locais, enfraquece as explicações tradicionais de que a mudança resulta de isolamento, ignorância e preguiça.

Dessa forma, os líderes da mudança lingüística como descritos por Labov são mulheres que alcançaram posições econômica e socialmente respeitadas em redes sociais locais. Como adolescentes, se alinharam com os grupos sociais e símbolos que resistiam à autoridade dos adultos, principalmente quando ela era reconhecidamente injusta, e foram aos poucos ganhando espaço dentro da estrutura social local.

¹³¹ Por exemplo, a pesquisadora Anne Bower passou a freqüentar reuniões semanais na casa de Celeste S. durante anos, observando a forma como ela interagia com sua família e vizinhos e desempenhava seu papel de liderança no bairro. Além disso, foram feitas cerca de dezoito horas de gravação com suas narrativas.

Suas posições centrais dentro da comunidade indicavam que elas possuíam influência sobre suas amigas e conhecidas. Suas conexões com pessoas de fora do bloco sugerem a rota pela qual suas influências fluíam através do bairro. Na citação a seguir, Labov explica o que esse retrato das líderes tem a ver com as causas da mudança lingüística:

Suas escolhas lingüísticas não podem ser descritas como ações no mesmo sentido. O nível ou o índice de uso de uma variável estocástica está num nível de consciência comparável ao caminhar e ao respirar. Não há evidências de que as atitudes, ideologias e opiniões que as pessoas expressam em tantas palavras influenciarão diretamente na mudança lingüística que vem de baixo. Essas atitudes poderão influenciar em questões como, com quem uma pessoa fala e com que frequência elas falam e, dessa forma, influenciam o fluxo da influência lingüística e da difusão das mudanças sonoras dentro e através de redes sociais locais. Desse ponto de vista, o uso das formas de fala local da Filadélfia é o produto das trajetórias sociais dos falantes, e podemos melhor explicar as performances lingüísticas dos líderes através da história de seus contatos sociais em seus anos de formação. (...) Formas lingüísticas avançadas são desvios de normas pré-estabelecidas, e ninguém pode duvidar de que os altos valores de (dha) são amplamente aceitos como tais desvios. A história de nossos líderes da mudança lingüística é uma história de não-conformidade, e suas posições sociolingüísticas é uma demonstração de não-conformidade. Agora começamos a ver os canais pelos quais as mudanças lingüísticas fluem através das redes sociais locais, através dos bairros, para afetar virtualmente todo cidadão de uma grande metrópole. (...) A origem da mudança lingüística na Filadélfia são as regiões de classe operária média, nas áreas dominadas por Irlandeses em Kensington. (...) por volta da metade do século XX, a influência lingüística de Kensington foi levada para outros bairros de classe operária. Os difusores eram pessoas que combinavam uma ideologia não-conformista com a habilidade de cuidar de seus próprios interesses, e carregavam a influência lingüística de Kensington para o que temos chamado de classe operária alta. Essa é a influenciadora com maiores contatos, que é, com todas as probabilidades, responsável pela homogeneidade geográfica da comunidade de fala da Filadélfia. (...) Em Kensington, como no sul da Filadélfia, os líderes locais são pessoas que foram ensinadas a se defenderem, e aprenderam a lição. Mas, Celeste era forte de maneira diferente. Ela não hesitava em usar a violência quando necessário. Mas suas armas primárias eram lingüísticas: negociação, persuasão e denúncia, todas alinhadas a uma profunda intolerância, à mesquinhez, à hipocrisia e à injustiça. Essas são as qualidades que constituem um grande líder da mudança lingüística (LABOV, *op. cit.*, pp. 409-410, *passim*).¹³²

¹³² Their linguistic choices cannot be described as actions in the same sense. The level or rate of use of a stochastic variable is at the level of consciousness comparable to walking and breathing. There is no evidence that attitudes, ideologies, and opinions that people express in so many words will bear directly upon linguistic changes from below. These attitudes may influence who a person talks to and how often they talk, and so affect the flow of linguistic influence and the diffusion of sound changes within and across local social networks. From this point of view, the use of local Philadelphia speech forms is the product of speaker's social trajectories, and we can best explain the leaders' linguistic performances by the history of their social contacts in their formative years. (...) Advanced linguistic forms are deviations from the pre-existing norms, and no one can doubt that high (dha) values are widely accepted to be such deviations. The history of our leaders of linguistic change is a history of nonconformity, and their sociolinguistic position is a display of nonconformity. We now begin to see

Essas conclusões de Labov sobre as características dos líderes da mudança lingüística requerem que se retorne às discussões evidenciadas no início deste capítulo: afinal, o indivíduo é, ou não, uma unidade lingüística? Como visto anteriormente, Labov responderia negativamente a essa questão. Teria, pois, o autor reconsiderado seu posicionamento anterior, já que as últimas discussões apresentadas estiveram focadas em indivíduos específicos, identificados por nomes, endereços, sexo e idade?

Labov (2001, p. 33) assinalou que esse foco nos indivíduos não era inconsistente com o argumento de seu estudo sobre a cidade de Nova Iorque de 1966, de que o comportamento do indivíduo falante não podia ser entendido até que o padrão sociolingüístico da comunidade como um todo fosse delineado. Tal justificativa parece revelar a dificuldade de conciliar as conclusões desse estudo com a argumentação de seu estudo anterior.

Para Labov, ao se buscar compreender as forças que operam a mudança lingüística, foi necessário, nesse estudo mais recente, restringir o foco à análise do comportamento de umas poucas pessoas. Dessa forma, foram estudadas suas declarações, suas histórias sociais e suas filosofias de vida. O autor salienta que sua investigação tratou de uma busca não por indivíduos, mas por localizações e tipos sociais.

Essa postura de Labov evidencia suas ressalvas com essas questões, já que ele parece responder a possíveis questionamentos sobre essa dissociação entre indivíduo e sociedade, que permanece confusa e perdida nas explicações. Outra questão de difícil assimilação que parece emergir a partir dessas conclusões está nessa dupla realização do indivíduo: ora indivíduo, ora membro da sociedade.

Dessa forma, parece adequado retomar a definição de fala elaborada por Whitney, apresentada no segundo capítulo desta Dissertação sobre a natureza da fala, que em nada se difere do conceito de língua apresentado por Saussure, que certamente reelaborou a definição daquele sob a inspiração do fato social de Durkheim, e teve, por outro lado, suas concepções reelaboradas por Labov.

the channels by which linguistic changes flow across local networks, across neighborhoods, to affect virtually every citizen of a great metropolis. (...) The wellsprings of linguistic change in Philadelphia are the middle working class neighborhoods in the Irish-dominated areas of Kensington. (...) throughout the middle decades of the twentieth century, the linguistic influence of Kensington has been carried outward to other working class neighborhoods. The vectors were people who coupled a nonconformist ideology with the ability to look after their own best interests, and carried the linguistic influence of Kensington into what we have called the upper working class. These are the influentials with wider contacts who are, in all likelihood, responsible for the geographic homogeneity of the Philadelphia speech community. (...) In Kensington, as in South Philadelphia, the local leaders are people who have been taught how to defend themselves, and learned that lesson. But Celest was tough in a different way. She did not hesitate to use violence when it was called for. But her primary weapons were linguistic: negotiation, persuasion and denunciation, all enlisted under a profound intolerance for cupidity, hypocrisy, and injustice. These are the qualities that make a great leader of linguistic change (LABOV, *op. cit.*, pp. 409-410, *passim*).

Assim, para Whitney a fala não constitui posse do indivíduo, mas da sociedade, ela pertence não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade. Da mesma forma, para Saussure e para Labov, o indivíduo está numa posição muito inferior àquela da sociedade. Além disso, em todas as releituras desses autores, a dissociação entre indivíduo e comunidade permaneceu misteriosa. Dessa forma, este texto defende que uma adequada definição de indivíduo, de tipo social, ou de membro da sociedade, será essencialmente necessária se for desejada uma compreensão mais profunda das relações desses elementos com a língua.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou estabelecer o percurso historiográfico lingüístico das idéias de William Labov, mostrando como aconteceu sua aproximação com a área dos estudos lingüísticos, a relevância de suas pesquisas sobre a natureza da língua, os avanços nos estudos dos fatores internos e externos que motivam a variação e a mudança lingüística, e a importância desses estudos para o desenvolvimento da Sociolingüística.

Amparado pelo método da Historiografia Lingüística, partiu-se do pressuposto de que a produção intelectual desse autor estava relacionada ao seu contexto de gênese e, dessa forma, suas teorias seriam mais bem compreendidas se fossem analisadas em concordância com a história social do lingüista, e com o quadro socioeconômico, histórico e político do contexto de emergência desses estudos.

Uma descrição do indivíduo William Labov o revelou como uma figura enormemente original e apaixonada por ciência. Sua originalidade deve ser encontrada em sua ousadia em desenvolver uma abordagem de caráter empírico-objetivista, cujos métodos se aproximam daqueles das ciências exatas, numa época em que esse feito poderia ser apenas imaginado.

Sua capacidade analítica e de compreender o mundo ao seu redor fez com que ele julgasse incoerente o comportamento dos lingüistas de sua época que pareciam ignorar os fatos do mundo real. Sua experiência com a vida cotidiana e seu comportamento não-conformista e progressista permitiram que sua proposta de estudo da língua se desenvolvesse para se tornar um prolífero campo de estudo.

Essas características, aliadas ao sentimento de mudança que dominou os debates nos anos 1960, fizeram desse autor uma figura influenciadora na ciência da linguagem, liderando a busca por um modo mais científico de se proceder ao estudo da língua. Labov é mundialmente reconhecido como tendo criado a maior parte dos componentes da metodologia da Sociolingüística e introduzido técnicas quantitativas ao estudo da variação e da mudança lingüística.

Suas idéias sobre a natureza da língua e da mudança lingüística devem ser compreendidas como um produto de sua história social. Esta Dissertação mostrou que esse autor foi responsável pela introdução de uma abordagem realista ao estudo da língua e que isso apenas foi possível devido ao clima de conscientização suscitado pelo processo de grande transformação ocorrido na sociedade norte-americana nos anos 1960.

Sua experiência com métodos de estudos científicos fez com que ele analisasse com muito ceticismo as conclusões apresentadas pelos estudiosos da Lingüística, na ocasião de sua

entrada nessa área. Sua paixão por ciência permitiu que ele propusesse uma abordagem quantitativa ao estudo da mudança lingüística. Seus estudos devem ser vistos, portanto, como um esforço enorme de tornar a Lingüística um campo de estudo mais social e mais científico. Ainda, para o autor, uma teoria apenas se justificaria se ela se encaixasse nos fatos e que alguns fatos, como os que afetam as chances das vidas das pessoas, são mais importantes que outros.

Dessa forma, ele trouxe para a Lingüística a preocupação com a vida social dos indivíduos, isto é, não era importante apenas o conhecimento do sistema lingüístico utilizado por uma comunidade de fala, mas se aquele sistema estava ou não garantindo o sucesso das pessoas ou privando-as do acesso aos bens da vida social. Seus estudos foram, freqüentemente, tentativas de corrigir alguns paradoxos presentes na história da Lingüística e de vencer certas restrições ao estudo da língua falada no cotidiano. Nesse aspecto assenta-se a essência fundamental de seu trabalho. Além disso, ao mostrar a sistematicidade presente na heterogeneidade lingüística de uma comunidade, Labov realizou o que Meillet apenas imaginou ser possível.

O tema central da abordagem praticada por Labov está na forma como uma língua falada por uma comunidade de fala muda através do tempo. Dessa forma, esse tipo de estudo apenas é possível através da observação da forma como os falantes interagem com seus interlocutores na vida cotidiana. Entretanto, suas revisões da literatura lingüística anterior aos anos 1960 mostraram que estudos empíricos não tinham lugar nessa ciência.

Labov julgou inapropriadas as determinações saussurianas de que sistemas estruturais do presente e mudanças históricas do passado deveriam ser estudados separadamente. A distinção sincronia/diacronia fez com que a primeira metade do século XX se dedicasse quase que exclusivamente aos estudos sincrônicos descritivos da língua. E apesar dos esforços de Martinet e outros estudiosos que se lançaram ao estudo de mudanças históricas, pouco progresso foi obtido em localizar mudanças em progresso.

Labov criticou as concepções, tributárias a Bloomfield e Hockett, de que a mudança sonora não podia ser observada diretamente. Para o primeiro, a mudança sonora era regular, porém sua evidência no presente era inalcançável. O segundo assinalou que a mudança sonora era muito lenta para ser observada e, dessa forma, o estudo empírico da mudança lingüística foi removido do programa da lingüística do século XX.

A principal restrição, no entanto, que Labov encontrou ao estudo do vernáculo de uma comunidade, se relacionava, em primeiro lugar, com a negação da variação nos sons, encontrada em Bloomfield (1933) e, em segundo lugar, com a limitação imposta à explicação

das causas da mudança, encontrada em Bloch e Trager (1942): fatores sociais não poderiam ser levados em consideração, pois isso estava fora da competência do lingüista.

Labov ressaltou que a distinção saussuriana entre *langue* e *parole* foi reforçada pela redefinição chomskiana dessa dicotomia em *competência* e *performance*. Chomsky abandonou a definição de *langue* apresentada por Saussure e a redefiniu como algo interno ao indivíduo. Chomsky salientava que a Lingüística tinha nas intuições do falante nativo seu adequado objeto de estudo. Argumentava ainda que essa ciência não estaria pronta para estudar a fala real, isto é, a *performance*, até que uma profunda compreensão da competência fosse alcançada.

Como visto no primeiro capítulo desta Dissertação, amparado pela visão progressista de Weinreich, Labov diz ter ignorado todas essas restrições e desenvolveu sua abordagem empírica ao estudo do vernáculo empregado pelos falantes em suas interações face-a-face. Tendo em vista a grande gama de temas estudados dentro da ampla área da Sociolingüística, a linha que define precisamente os estudos de Labov é denominada de Sociolingüística Variacionista: dedicada ao estudo da variação e da mudança lingüística, no presente e através do tempo, sincrônico ou diacronicamente.

Esta Dissertação buscou identificar se os acontecimentos desencadeados nos Estados Unidos dos anos 1960 teriam exercido alguma influência no pensamento lingüístico desse autor. Após uma análise panorâmica dos contextos histórico, sócio-econômico e político desse período pôde-se perceber refrações desse contexto geral nas idéias do autor.

Na área de políticas educacionais, Labov se beneficiou do incentivo dado pelo governo daquele país à busca de soluções para o fracasso escolar dos estudantes negros, visando a reparações com a dívida social devida a essa parte da população que, naquela década, representava cerca de 10% dos habitantes do país. Pesquisas nessa área constituíram grande parte dos estudos feitos por Labov e seus alunos.

A explosão demográfica que se acentuou nos anos 1960 promoveu a fuga dos ricos para os subúrbios dos grandes centros e a aglomeração de populações negras e latino-americanas pobres em áreas centrais que estavam em ampla decadência. Essas áreas centrais promoveram espaços para o desenvolvimento de várias pesquisas importantes feitas por Labov. Esses estudos eram denominados *Language in the Inner City* e buscavam compreender e explicar, principalmente, o chamado *Black English*.

Labov iniciou seus estudos lingüísticos em 1961, ano em que John Kennedy foi empossado presidente dos Estados Unidos. Seu governo e, após sua morte, o governo de Lyndon Johnson foram marcados pelo apoio prestado ao movimento pelos Direitos Civis. Em

1963, ano em que Labov apresentou, diante da *Linguistic Society of America*, seu primeiro estudo, sobre o inglês de *Martha's Vineyard*, Martin Luther King falou àquela nação sobre seu sonho de ver uma sociedade multirracial.

Labov testemunhou grande parte dos acontecimentos importantes desse período. Vivendo em Nova Iorque desde sua adolescência e lecionando na Universidade de Colúmbia de 1964 a 1970, teve completa consciência de todos os movimentos contra a segregação nas escolas, em favor do direito de igualdade entre as raças, os sexos, e pela amenização da estratificação social que perpassava a vida dos habitantes daquela cidade e do país de maneira geral.

Ao mostrar o percurso trilhado por Labov até o surgimento de suas primeiras pesquisas e teorias e, em seguida, correlacionar esse momento de emergência de seus estudos ao seu contexto histórico-político-social de produção, buscou-se mostrar a refração desse contexto na produção intelectual do autor.

Dessa forma, pôde-se assinalar o fato de que as escolhas de Labov não foram totalmente aleatórias, mas resultaram, também, daquele momento histórico que demandava uma lingüística realista que representasse, também, os falantes e todas as categorias que os definiam. Labov argumentava que uma lingüística realista era um prospecto remoto nos anos 1960. No entanto, inserido no clima geral de opinião daquele período deve ter notado sua necessidade e não se recusou ao apelo à inovação.

No segundo capítulo, mostrou-se como o espírito de época movia as relações entre pesquisadores ligados a áreas como a Lingüística, a Sociologia e a Antropologia. Apesar de suas abordagens partirem de pontos-de-vista diferentes, todos esses campos de estudo tinham a língua como uma área de seu domínio, porém a Lingüística parecia ser a única a ignorar que a cultura e a vida social dos indivíduos estavam intimamente relacionadas com suas formas lingüísticas.

Logo, essa interação foi fundamental para a formação dos componentes básicos dos estudos sociolingüísticos. Observou-se que esses debates por uma lingüística que incluísse a vida social dos indivíduos não foi uma criação dos anos 1960, nos Estados Unidos, mas esteve presente nas discussões de pesquisadores europeus do final do século XIX e início do século XX, sobretudo em Meillet e seus alunos.

Pôde-se argumentar, portanto, que o desenvolvimento da Sociolingüística norte-americana, a partir da década de 1960, representou um processo natural de desenvolvimento dos estudos lingüísticos europeus. Notadamente, embora Labov fosse o menos experiente dos envolvidos no debate por uma mudança de paradigma nos estudos lingüísticos, foram suas

pesquisas de Mestrado e Doutorado que motivaram a maior parte dos estudos sociolingüísticos posteriores à criação da nova subárea da Lingüística.

Após a consolidação dos estudos sociolingüísticos, pareceu não haver mais dúvidas que o elemento *fatores sociais* deveria ser recorrente na explicação da natureza da língua e da mudança lingüística. Dessa forma, nos anos 1980, Labov buscou desenvolver pesquisas que revelassem também os mecanismos internos à língua que motivam sua mudança.

O terceiro capítulo desta Dissertação focalizou um dos temas trabalhados por Labov em seu *Principle of Linguistic Change: internal factors* (1994). Na verdade, tratava-se de um tema que já vinha sendo estudado pelo autor desde o início da década de 1980: a hipótese sobre a “regularidade da mudança sonora”, levantada pelos neogramáticos, e a reivindicação de que “cada palavra tem sua história”, defendida por dialetólogos.

Devido à complexidade desse tema, buscou-se a “imanência dos fatos da mudança lingüística” posta em discussão ao longo dos debates, que incluíam os argumentos em favor/desfavor da teoria da Difusão Lexical. Como visto, teorias lingüísticas rivais reclamavam possuir evidências que favoreciam suas hipóteses e que refutariam as hipóteses alheias. Elas pareciam possuir a “verdade” dos fatos da mudança, entretanto, a “verdade” dos fatos, apresentada por uma teoria, divergia em absoluto da “verdade” reivindicada pela outra.

No entanto, como observado no campo da Lingüística, ao invés de se invalidarem, essas teorias coexistem e se desenvolvem. Esse tema ainda divide bastante as opiniões dentro dos estudos históricos sobre a mudança e, apesar de os avanços alcançados por essas abordagens, há muita falta de harmonia entre os resultados apresentados por cada grupo teórico.

O quarto capítulo retornou ao tema característico dos estudos desenvolvidos por Labov: os fatores externos ou sociais que ocasionam a mudança lingüística. Conforme argumentado, Labov compreende a língua como um fato social exterior ao indivíduo. Essa concepção tributária a Ferdinand de Saussure foi adotada e reelaborada por Labov. Saussure em momento algum fez referência a Émile Durkheim ao conceituar a língua como um fato social, embora se saiba que o conceito de fato social era amplamente conhecido no meio intelectual do início do século XX. Por outro lado, Antoine Meillet, ex-aluno do lingüista suíço, no mesmo ano em que Saussure iniciou o *Curso de Lingüística Geral* em Paris, caracterizou a língua como um fato social fazendo referência ao conceito estabelecido por Durkheim.

Labov compartilha do conceito de *langue* de Saussure, entretanto diz que sua distinção *langue/parole* produziu um paradoxo inconsistente com o estudo da língua no contexto social.

O sociolinguísta norte-americano jamais fez referência às teorias de Durkheim para apoiar argumentos seus, por outro lado, exalta a influência dele sobre Meillet. Ele diz compartilhar das idéias de Meillet, que rejeitava a redução dos fatos sociais à “psicologia social dos indivíduos”, teoria iniciada por Gabriel de Tarde.

Pôde-se perceber também que a redefinição que Chomsky fez da concepção de *langue* se opunha àquela elaborada pelo linguísta suíço. Na abordagem chomskiana, a realidade lingüística reside num indivíduo plenamente consciente, posicionamento oposto ao que Labov, amparando-se em Saussure e Meillet, defenderia.

Para Labov, o indivíduo falante não constitui uma unidade lingüística, mas só pode ser entendido como um produto de uma história social única e do cruzamento dos padrões lingüísticos de todos os grupos sociais e categorias que o definem. Na busca pelos líderes da mudança lingüística, o autor quis saber o perfil daqueles que lideravam o processo da mudança. Dessa forma, as variáveis lingüísticas foram correlacionadas com o grupo étnico, a classe social, o gênero, a faixa etária e a localização dos indivíduos em redes sociais e bairros residenciais.

Nesses estudos, foram identificadas algumas personagens com comportamentos que revelavam suas posições de liderança no processo da mudança. Após a correlação das variáveis sociolinguísticas com as categorias que definiam esses indivíduos, Labov observou que eles apresentavam os mais elevados níveis de uso das variáveis, revelando, assim, seus papéis no avanço das mudanças.

Esses líderes foram identificados em posições centrais em termos de atividade, interação e prestígio dentro de comunidades locais. Eram mulheres que haviam alcançado posições socioeconômicas estáveis e respeito em redes sociais locais. Dessa forma, para Labov as formas lingüísticas utilizadas por uma comunidade de fala são produtos das trajetórias sociais dos falantes e que suas performances lingüísticas são melhores explicadas através da história de seus contatos sociais em seus anos de formação.

O autor salientou que as formas lingüísticas avançadas eram desvios das normas pré-estabelecidas. Logo, a história das líderes da mudança lingüística foi identificada como uma história de não-conformidade, e o uso dessas formas avançadas denunciava uma ideologia não-conformista desses indivíduos.

As conclusões de Labov pareceram, no entanto, inconsistentes com os argumentos de que, para ele, o indivíduo não constituía uma unidade lingüística, isto é, não era um objeto de estudo em sua abordagem. Como observado no final do quarto capítulo, uma justificativa encontrada em Labov de que sua busca foi por tipos sociais e não por indivíduos evidenciava,

pelo menos, as ressalvas do autor com essas questões, já que as argumentações apresentadas durante esse capítulo apontavam um indivíduo duplamente realizado: ora indivíduo, ora membro da sociedade. Neste texto argumentou-se que uma adequada definição de indivíduo e tipo social, ou de membro da sociedade, seria essencialmente necessária se fosse desejada uma compreensão mais profunda das relações desses elementos com a língua.

O tema central desta Dissertação foram as idéias lingüísticas de William Labov, e seria lugar comum concluir que nenhum pensamento se desenvolve afastado do clima geral de opinião de um determinado período. Ao analisar o pensamento lingüístico desse autor, pôde-se perceber que nele estava refratada a essência do pensamento geral de uma época. É desse modo, então, que devem ser compreendidas suas idéias, como um produto de sua história social.

O autor desta Dissertação reconhece, contudo, que muitos temas importantes deixaram de ser tratados nela e mesmo os que foram desenvolvidos deixam margens para discussão e aprofundamentos posteriores. Acredita, no entanto, que esse estudo poderá facilitar a compreensão de pessoas que estiverem iniciando seus estudos em lingüística e/ou, principalmente, pretendam conhecer o mundo das idéias lingüísticas de William Labov.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSEN, Henning. "Synchrony, diachrony, and evolution". In: *Competing models of linguistic change*. THOMSEN, Ole (Ed.) Nedergaard. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- ALTMAN, Cristina. "Memórias da lingüística na lingüística brasileira". In: *Revista da ANPOLL*, N° 2, pp. 173-187, 1996.
- BELINE, Ronald. "A variação lingüística". In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2006[2002].
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, Pontes, 1995. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. London: George Allen & Unwin LTD, 1976[1933].
- BYNON, Theodora. *Historical linguistics*. Cambridge University Press, 1996[1977].
- BURKE, Peter; PORTER, Roy (Orgs.). *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: UNESP, 1993. Trad. de Álvaro Luiz Hattner.
- CALVET, Louis-Jean. "Reflections on the origins of sociolinguistics in Europe". In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: The essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.
- CAMACHO, Roberto Gomes. "Sociolingüística". In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- CHAGAS, Paulo. "A mudança lingüística". In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2006[2002].
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 1995.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artimed, 2000. Trad. de Bruno Magne.
- COELHO, Olga. "Léxico, ideologia e a Historiografia Lingüística do século das identidades". In: *Revista Letras*, n. 61, v. especial, p. 153-166. Curitiba: editora UFPR, 2003.
- DUBOIS, Jean. *et. al. Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2004[1973].
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional, 1987. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz.
- GOOD, Jeff. *Linguistic universals and language change: Introduction*. Oxford: University Press, 2008.
- GORDON, Matthew J. "Interview with William Labov". In: *Journal of English Linguistics*. Vol. 34, N° 4, pp. 332-351, 2006. Disponível em: <http://eng.sagepub.com>. Acessado em: 24 de abril de 2008.
- GREENBERG, Joseph H. "The diachronic typological approach to language". In: *Approaches to language typology*. SHIBATANI, Masayoshi & BYNON, Theodora (Eds). Oxford: University Press, 1995.

_____. “Diachrony, synchrony and language universals”. In: *Universals of human language*. GREENBERG, Joseph H. (Ed.). Stanford: University Press, 1978.

JAKOBSON, Roman. “The world response to Whitney’s principles of Linguistic Science”. In: *Whitney on Language: selected writings of William Dwight Whitney*. Michael Silverstein (Ed). Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press, 1971.

KIPARSKY, Paul. “The phonological basis of sound change”. In: *The handbook of phonological theory*. John A. Goldsmith (Ed). Blackwell Publishers Inc., 2001[1995].

_____. “Phonological change”. In: *Linguistics: the Cambridge survey*. Frederick Newmeyer (Ed). Cambridge: University Press, 1993[1988].

KOERNER, Konrad. *Toward a history of American Linguistics*. Routledge: London & New York, 2002.

_____. “Questões que persistem em Historiografia Lingüística”. In: *Revista da ANPOLL*, Nº 2, pp. 45-70, 1996.

_____. *Ferdinand de Saussure: origin and development of his linguistic thought in Western studies of language*. Germany: Wieweg, 1973.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: University Press, 2006[1966], 2ª edição ampliada.

_____. *Principles of linguistic change*. Social Factors: volume 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.

_____. *Principles of linguistic change*. Internal Factors: volume 1. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers Inc., 1994.

_____. *How I got into Linguistics and what I got out of it*. 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/howigot.html>.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

_____. “Methodology”. In: W. DINGWALL, William Orr (Ed.). *A survey of Linguistic Science*. Maryland: University of Maryland Press, 1971.

_____. *The social stratification of English in New York city*. Michigan: University Microfilms, Inc., 1966, 1ª edição.

_____. *William Labov: bibliography*. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/>

_____. *William Labov: biographical information*. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/>

_____. *Can reading failure be reversed?: A linguistic approach to the question*. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/>

_____; WALETZKY, Joshua. “Narrative analysis: oral versions of personal experiences”. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1918].

_____. “L’état actuel des études de Linguistique Générale”. In: MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1906].

_____. “Comment les mots changent de sens”. In: MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1906].

MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia Lingüística: Ferdinand Saussure*. Palmas, UNITINS, 2008. Disponível em: <http://www.ufg.br/this2/uploads/files/155/MILANI-S-E-Historiografia-linguistica-Ferdinand-de-Saussure.pdf>

_____. “Bases epistemológicas para a Historiografia Lingüística: objeto e metodologia”. In: GELCO/2008, Cuiabá, no prelo.

_____. “Da Filologia, da Gramática Comparada, da Neogramática à Historiografia Lingüística”. In: SIMELP- Seminário Mundial de Língua Portuguesa, 2008. São Paulo, 2008. Disponível em: www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/slp23/07.pdf

_____. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado, 1994. Inédita.

_____. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Symbolismo na história da lingüística*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 2000. Inédita.

MOLLIKA, M. C. (Org.). *Introdução à Sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ (Cadernos Didáticos da UFRJ), 1992.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolingüísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. *Sociolinguistics: The essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006. Trad. M. R. Gregolin et al.

RODRIGUES, José Albertino (Org.). *Émile Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000.

ROBERTS, Paul M; FRANKLIN, Paula A. *Comprehensive United States history*. New York: AMSCO School Publications, Inc., 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006[1916]. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein.

SHUY, Roger W. “A brief history of American Sociolinguistics 1949-1989”. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

SNOWMAN, Daniel; BRADBURY, Malcolm. “Os anos 1960 e 1970”. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLY, Howard (Eds.). *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, [1991]2006.

_____. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes Editores e Editora da Unicamp, 1989.

TARDE, Jean Gabriel de. *Les lois de l'imitation*. Paris: Kimé, 1993[1890], 2ª edição. Disponível em: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html

WANG, William S.-Y. "Competing sound change as a cause of residue". In: *Language* No. 45, pp. 9-25, 1969.

_____. S.-Y; LIEN, Chinfu. "Bidirectional diffusion in sound change". In: *Historical linguistics: problems and perspectives*. Charles Jones (Ed). Longman Group UK Limited, 1993.

WHITLEY, Peggy. *American cultural history: the 19th century*. Kingwood College Library. Disponível em: <http://kclibrary.nhmccd.edu/decade60.html>

WHITNEY, William Dwight. "Language and the study of language". In: *Whitney on language: selected writings of William Dwight Whitney*. Cambridge, Massachusetts, London: Michael Silverstein (Ed.). The MIT Press, 1971, (texto original, 1867).

WEINREICH, U; LABOV, W & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006. Trad. de Marcos Bagno.